

CANA-DE-AÇÚCAR, AÇÚCAR E ETANOL

TENDÊNCIAS PARA 2016/2017



06 de Setembro de 2016

ÍNDICE DO RELATÓRIO DE SETEMBRO/2016

PG

TEMA

- 03 – Cenários político e econômico para o Brasil em 2016/2017
- 19 – Clima: tendências para 2016/2017
- 28 – Crédito rural: recursos e liberações do Plano Safra 2016/2017
- 43 – Situação atual do mercado sucroalcooleiro
- 51 – Cana: projeções para a safra 2016/2017
- 66 – Custos de produção e margens esperadas na safra 2016/2017
- 76 – Açúcar: tendências do mercado para 2016/2017
- 98 – Etanol: tendências do mercado para 2016/2017
- 113 – Biomassa de cana e bioeletricidade
- 125 – Usinas: tendências 2016/2017 e cenários de longo prazo

CENÁRIOS POLÍTICO E ECONÔMICO PARA O BRASIL



CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

- Conforme o Relatório Focus do Banco Central, divulgado nesta segunda-feira (05/09), foi reduzida a projeção da inflação em 2017; foi elevada a projeção para o PIB em 2017; foi reduzida a projeção taxa Selic para 2017; e foi reduzida a projeção para o dólar ao final de 2016.
- Após os três principais eventos da semana passada: divulgação do PIB do 2º trimestre, reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) e impeachment da presidente Dilma Rousseff, as projeções para a inflação em 2016 estão mantidas e, para 2017, há redução na expectativa.
- A mediana das estimativas para este ano permanece em 7,34% e, para o próximo ano, apresenta queda, passando de 5,14% para 5,12%.
- Tanto para 2016 quanto para 2017, a meta de inflação perseguida pelo Banco Central é de 4,5%, com margem de tolerância, respectivamente, de 2% e 1,5%.
- Há mudanças, para pior, nas projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) em 2016.
- As estimativas para o Produto Interno Bruto (PIB) este ano indicam retração de 3,2%, ante os 3,16% projetados uma semana antes.

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

- Para 2017, o cenário é um pouco melhor, com perspectiva de PIB positivo e a previsão é de que o País cresça 1,3%, acima da alta de 1,1% projetada há um mês.
- O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou que o PIB brasileiro recuou 0,6% no 2º trimestre de 2016, ante o 1º trimestre, e teve retração de 3,8% ante o 2º trimestre de 2015.
- No primeiro semestre, o PIB acumulou baixa de 4,6% e, em 12 meses, recuo de 4,9%.
- A mediana das expectativas para a Selic em 2017 passou de 11,25% para 11% ao ano e, para o fim de 2016, permanece em 13,75% ao ano.
- No último encontro do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, a Selic foi mantida em 14,25% ao ano, pela nona vez seguida.
- No comunicado que acompanhou a decisão do Copom do dia 31/08, o colegiado condicionou o corte de juros a três fatores que permitam maior confiança no alcance das metas para a inflação: a limitação do choque dos preços dos alimentos, a desinflação de itens do IPCA em velocidade adequada e a redução de incertezas sobre o ajuste fiscal.

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

- Conforme o Relatório Focus do Banco Central, divulgado nesta segunda-feira (05/09), há mudança na estimativa para o câmbio deste ano.
- A cotação da moeda estará em R\$ 3,26 no encerramento de 2016, abaixo dos R\$ 3,29 da projeção da semana anterior.
- O câmbio médio de 2016 passou de R\$ 3,43 para R\$ 3,44.
- Para o fim de 2017, a mediana para o câmbio permanece em R\$ 3,45.
- O câmbio médio de 2017 segue projetado em R\$ 3,38.
- Nas últimas semanas, o Banco Central seguiu com sua estratégia de leilões diários de swap cambial reverso, cujo efeito nas cotações é equivalente à compra de dólares no mercado futuro.
- Com isso, vem reduzindo gradativamente sua posição vendida em swaps cambiais tradicionais, hoje em torno de US\$ 39 bilhões.
- Nas cotações, isso tem minimizado a tendência mais recente de baixa para a moeda norte-americana em função do ambiente externo.
- Atualmente, a cotação à vista é de R\$ 3,28, em linha com os R\$ 3,26 da mediana prevista para o fim deste ano.

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

- Conforme a pesquisa semanal do AE Dados da Agência Estado, divulgada na sexta-feira (02/09), a análise descritiva das expectativas das instituições dealers do Banco Central para a taxa de câmbio no fim deste ano ficaram inalteradas ante a anterior.
- Pela pesquisa, a previsão mínima seguiu em 3,2000 R\$/US\$, enquanto a projeção máxima ficou em 3,6500 R\$/US\$.
- A mediana, por sua vez, permaneceu em 3,3500 R\$/US\$.
- Participaram da pesquisa as seguintes instituições dealers: Bank of America Merrill Lynch, Banco Santander, Bradesco, Itaú e JPMorgan.
- Em um primeiro momento, a euforia do mercado com o impeachment de Dilma Rousseff e a chance de o Congresso Nacional aprovar o ajuste fiscal, gerou a expectativa de que o dólar caísse abaixo dos R\$ 3.
- Com juros básicos de 14,25% ao ano e a queda do risco país, os investidores passaram novamente a comprar ativos brasileiros.
- O voto de confiança dado ao governo do novo presidente, Michel Temer, favoreceu a redução dos prêmios de risco.

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

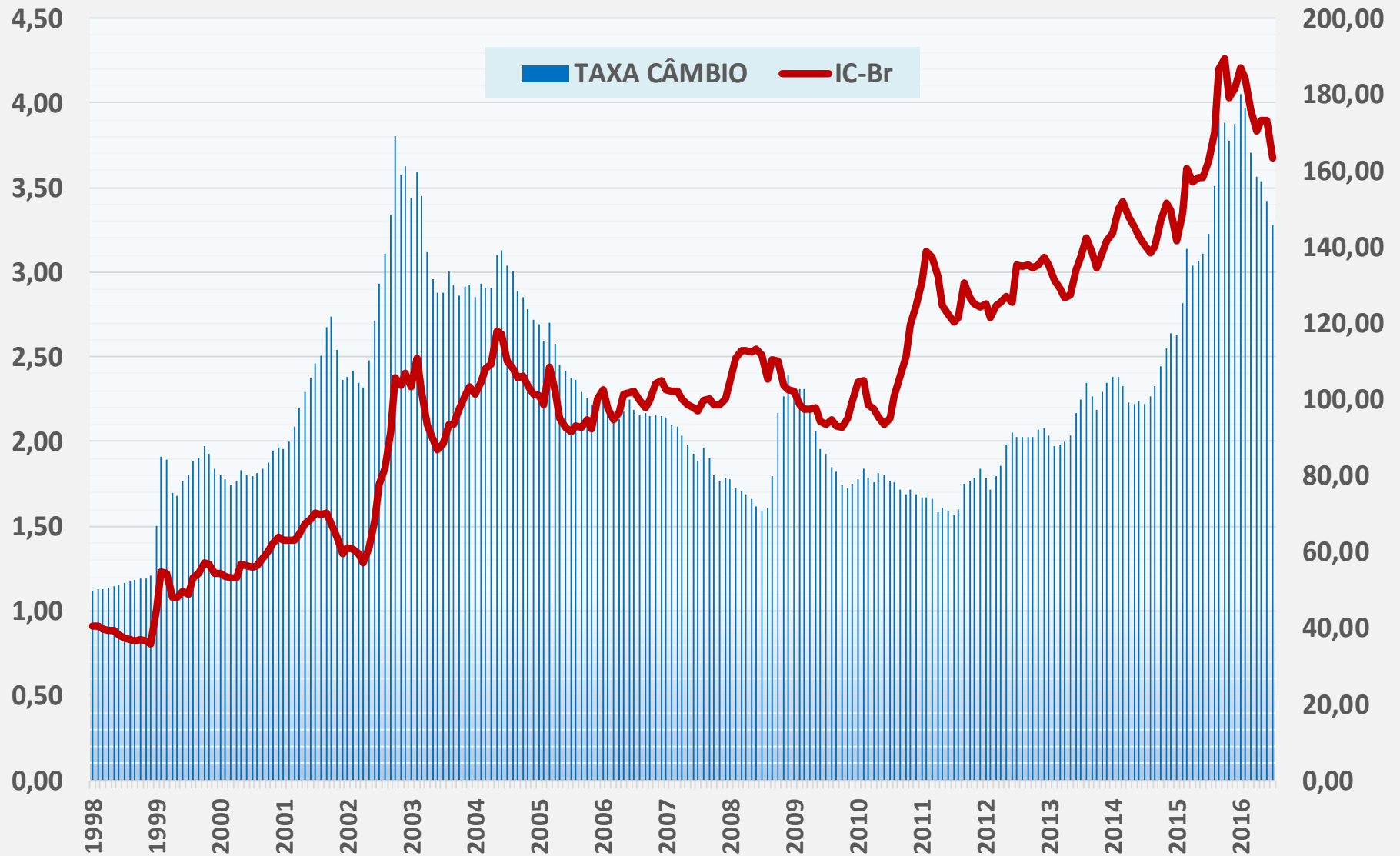
- Em dezembro passado, os credit default swaps (CDS) superaram os 500 pontos com a saída de Joaquim Levy do Ministério da Fazenda.
- Atualmente, estão em 256 pontos, com as perspectivas de melhora da economia brasileira, uma queda de 48,8%.
- Os CDS são uma espécie de seguro contra calotes – quando mais altos, maiores os riscos para os investidores.
- Dados do Banco Internacional de Compensações (BIS) mostram, no acumulado de 2016, o Real foi a divisa que apresenta a maior valorização entre 60 acompanhadas pela entidade.
- Entretanto, sinais de que um novo aumento do juro norte-americano está cada vez mais próximo exigiram uma calibragem nas expectativas para o câmbio doméstico.
- Para os economistas mais confiantes na valorização do Real, que se mostravam céticos sobre a chance de elevação nos juros dos Estados Unidos, a iminência de um ajuste de alta pelo Federal Reserve no curto prazo tira força do movimento de valorização cambial, que chegou a colocar o dólar neste mês no nível mais baixo em mais de um ano.

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

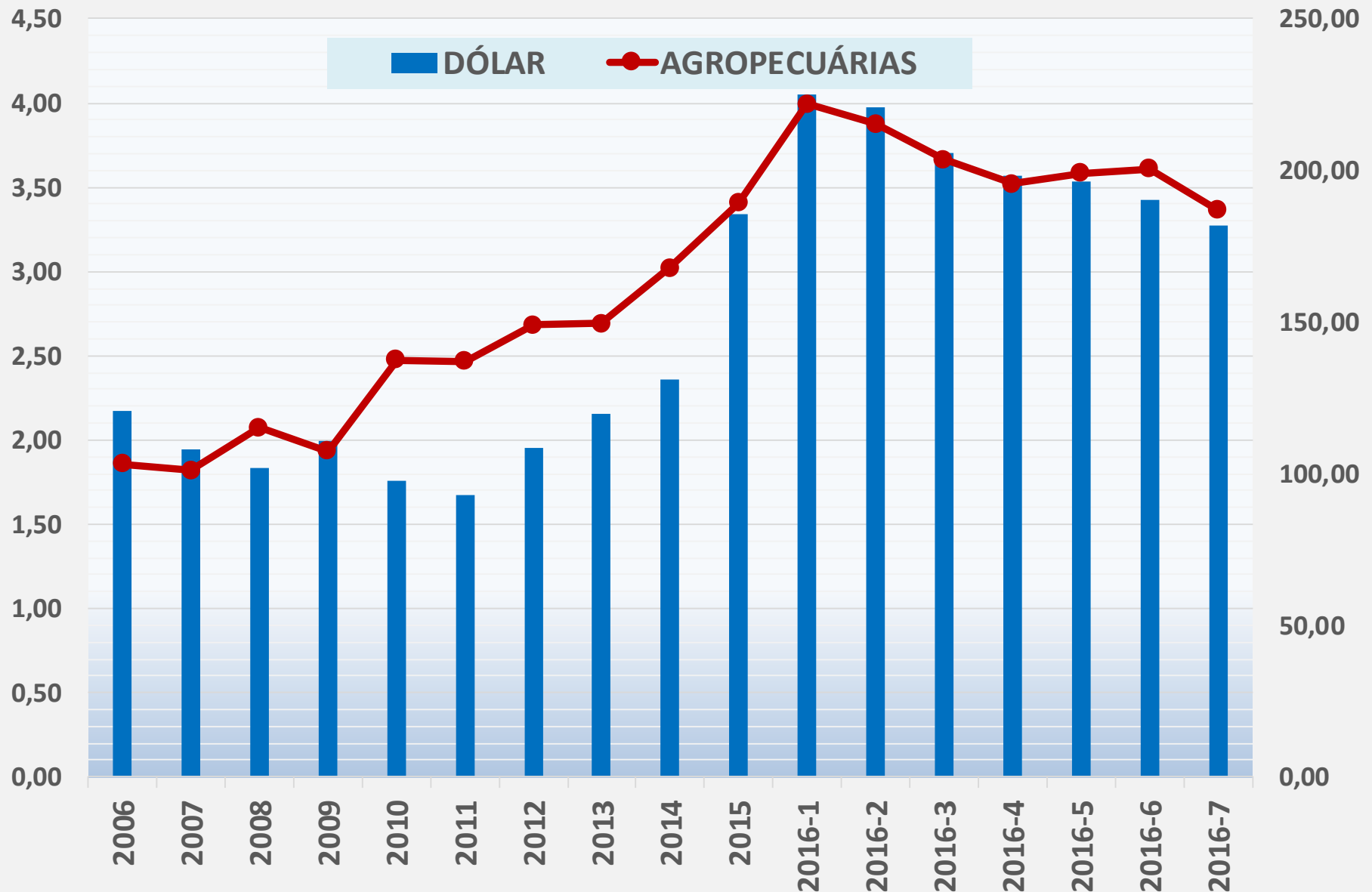
- Após o banco central norte-americano reforçar expectativas de elevação da taxa - possivelmente a partir de setembro -, a cotação do dólar ganhou sustentação no Brasil.
- É prematuro antecipar qualquer tendência a partir desse desempenho.
- Parte dos analistas que tinham uma visão menos conservadora, como os que projetavam um dólar abaixo de R\$ 3,00, ainda não vê reversão de quadro a ponto de provocar nova disparada da moeda norte-americana.
- Alguns deles já reconhecem que o Real perdeu potencial de apreciação.
- A tendência de valorização do Real pode se esfriar, mas, ainda assim, o câmbio deve se manter apreciado.
- Não deverá ficar abaixo de R\$ 3,00, mas pode oscilar na faixa de R\$ 3,10 a R\$ 3,20, contra uma projeção anterior de R\$ 3,00 a R\$ 3,10.
- Para alguns estrategistas de bancos, a moeda norte-americana pode, a partir de agora, passar de R\$ 3,30 e se aproximar de R\$ 3,40.
- Com juros mais altos por lá, é natural haver um fluxo maior de dólares do Brasil para os Estados Unidos, onde é mais seguro investir.

COMMODITIES x TAXA DE CÂMBIO - BRASIL

IC-Br DEZ/2005 = 100



COMMODITIES AGROPECUÁRIAS x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL IC-Br DEZ/2005 = 100



CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

- O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, propôs como meta para as contas públicas no ano que vem um déficit máximo de R\$ 139 bilhões, sem contar os gastos com juros.
- Se as contas seguissem o ritmo dos últimos 16 anos, haveria um aumento de 6% acima da inflação em 2017.
- A proposta de Meirelles é impedir este crescimento, contendo a elevação de gastos em Saúde e Educação, hoje obrigatórios por lei.
- Será preciso evitar despesas de R\$ 80 bilhões.
- Para chegar ao déficit projetado de R\$ 139 bilhões, foram considerados R\$ 80 bilhões de corte de despesas.
- Os planos preveem outra guinada: um aumento de R\$ 55 bilhões nas receitas em 2017, invertendo a trajetória de queda dos últimos anos.
- Para atingir a meta, Meirelles diz ter um plano A, plano B e plano C.
- Suas diferentes estratégias incluem de privatizações ao aumento do imposto sobre a gasolina (Cide), do IOF e do PIS-Cofins, que inclui, por exemplo, alimentos como o salmão, um "item de luxo".

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

- Entre as alternativas avaliadas pelo governo estão:
 - Plano A -> controle das despesas e o aumento da arrecadação;
 - Plano B -> uma nova onda de privatizações (empresas que estão na carteira do BNDES Par que poderiam ser vendidas e até a Petrobrás), novas concessões e outorgas;
 - Plano C -> aumento de tributos, como a Cide, Pis/Cofins (para setores específicos, como, por exemplo, "produtos de luxo" citados pelo ministro, como o salmão) e o IPI como alternativa secundária.
- A meta fiscal proposta para o próximo ano, um déficit primário de até R\$ 139 bilhões para o governo central, é realista e reafirma o compromisso de austeridade.
- Mas será preciso ir muito além do esforço prometido para 2017 e 2018, se o objetivo for uma ampla restauração das finanças públicas e, mais que isso, uma reforma dos padrões da administração.
- O crescimento do PIB para 2017, estimado em 1,1%, poderá reforçar a receita de impostos e contribuições, mas de forma ainda muito limitada.

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

- A reanimação da economia dependerá principalmente da disposição de empresários e consumidores.
- A melhora de humor assinalada em pesquisas, nas últimas semanas, está claramente associada ao afastamento definitivo da presidente Dilma Rousseff e da continuação da gestão de Michel Temer.
- A parte mais séria do ajuste consistirá na aplicação, pela primeira vez, do novo critério de limitação da despesa.
- Não deve haver aumento real, em termos de valor da moeda, porque a variação do gasto deve ser limitada à inflação.
- Outra medida estrutural, mas de efeito a partir de prazo mais longo, deve ser a reforma da Previdência.
- O cenário econômico para o governo Temer pressupõe melhora do relacionamento Executivo-Congresso, retornado ao padrão típico do “presidencialismo de coalizão”.
- A nova equipe econômica tem viés liberal e pró-mercado e é comprometida com o ajuste fiscal e com as reformas estruturais.

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

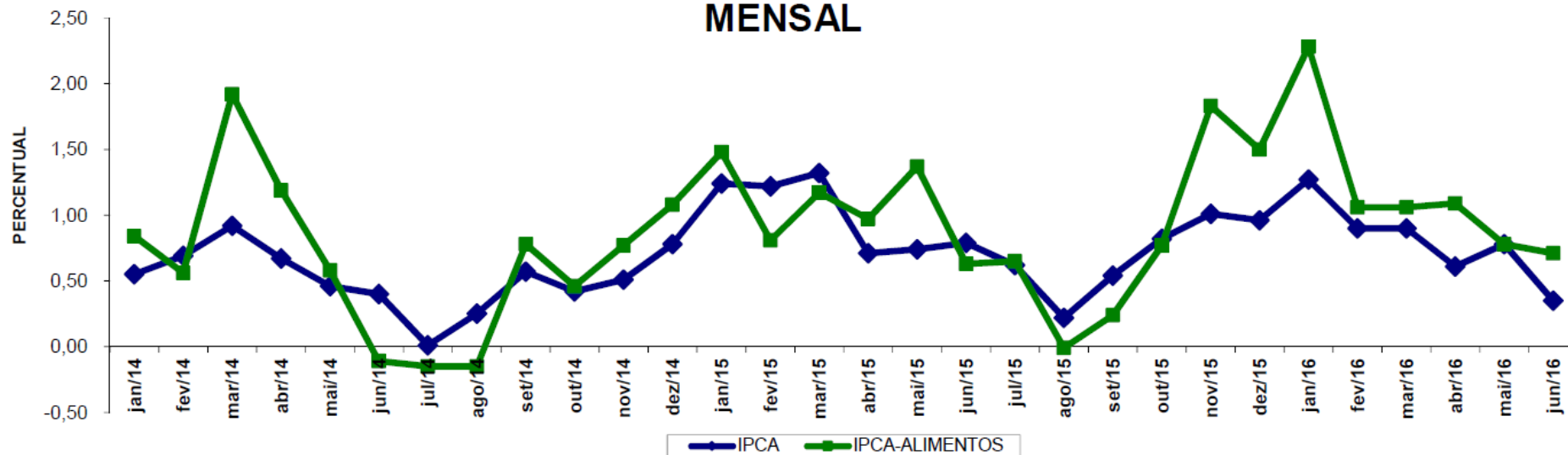
- No cenário mais provável, Temer será capaz de aprovar as medidas de ajuste no Congresso, mas sem aprofundamento de reformas complexas.
- A Operação Lava Jato segue como fator de risco para o novo governo, diante da possibilidade do surgimento de fatos novos que impliquem nomes da nova gestão.
- A melhora dos índices de confiança reforça a expectativa de estabilização da atividade econômica neste segundo semestre.
- Embora o movimento tenha que ser visto com cautela, a melhora de ambiente em conjunto com a maior ociosidade de fatores compõem cenário de retomada moderada do crescimento em 2017 e em 2018.
- O BC reiterou que não há espaço para corte de juros no curto prazo e reafirmou objetivo de alcançar a meta de inflação de 4,5% em 2017.
- Ao sinalizar objetivo de convergência da inflação para o centro da meta no final de 2017, o BC adia início da queda de juros para o final de 2016 ou início de 2017.
- Após atingir dois dígitos em 2015, a inflação mantém trajetória de gradual desaceleração ao longo deste ano.

INDICADOR	2014	2015	2016 ¹
IPCA Alimentos (variação anual em %)	8,03	12,03	7,37

INDICADOR	2014	2015	2016 ¹
IPCA (%)	6,41	10,67	7,21
IGP-DI (%)	3,78	10,70	8,82



**IPCA x IPCA ALIMENTOS
MENSAL**



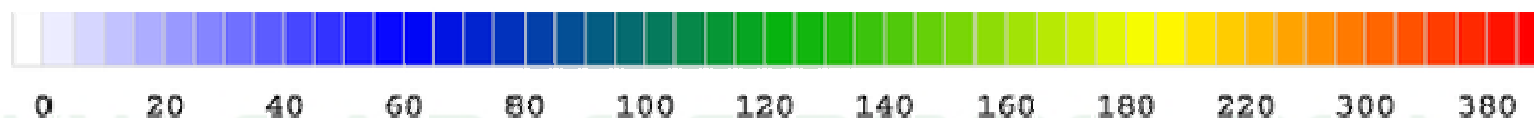
PERÍODO	IPCA	IPCA - alimentos	IGP-DI	IGP-M
2005	5,69	1,99	1,22	1,21
2006	3,14	1,22	3,79	3,83
2007	4,46	10,79	7,89	7,75
2008	5,90	11,11	9,10	9,81
2009	4,31	3,18	-1,43	-1,71
2010	5,91	10,39	11,30	11,32
2011	6,50	7,19	5,00	5,10
2012	5,84	9,86	8,10	7,82
2013	5,91	8,48	5,52	5,51

CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO PARA O BRASIL

- Quanto à política fiscal, a medida que impõe limite para expansão de gastos vai na direção correta, porém, é incapaz de reverter o quadro extremamente grave no curto prazo.
- O resultado primário deve continuar fortemente negativo, pelo menos, até o final de 2017.
- Ações adicionais são fundamentais para reverter situação crítica de forma mais rápida, mas, ainda assim, projeções para contas públicas nos próximos anos são amplamente adversas.
- A recente valorização do Real é justificada por expectativa de nova onda expansionista global e pela leitura positiva sobre a condução da economia doméstica, com destaque para a nova postura menos intervencionista do Banco Central.
- Porém, fundamentos não fornecem suporte para taxa de câmbio nos patamares atuais, diante de incertezas persistem e risco fiscal presente.
- Posição de swaps do BC é outro fator limitante para a queda e, com isso, o câmbio pode até retomar os níveis próximos a R\$ 3,40/US\$.



**CLIMA:
PROJEÇÕES PARA
2016-2017**



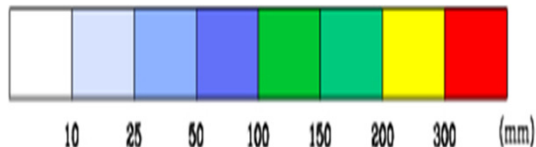
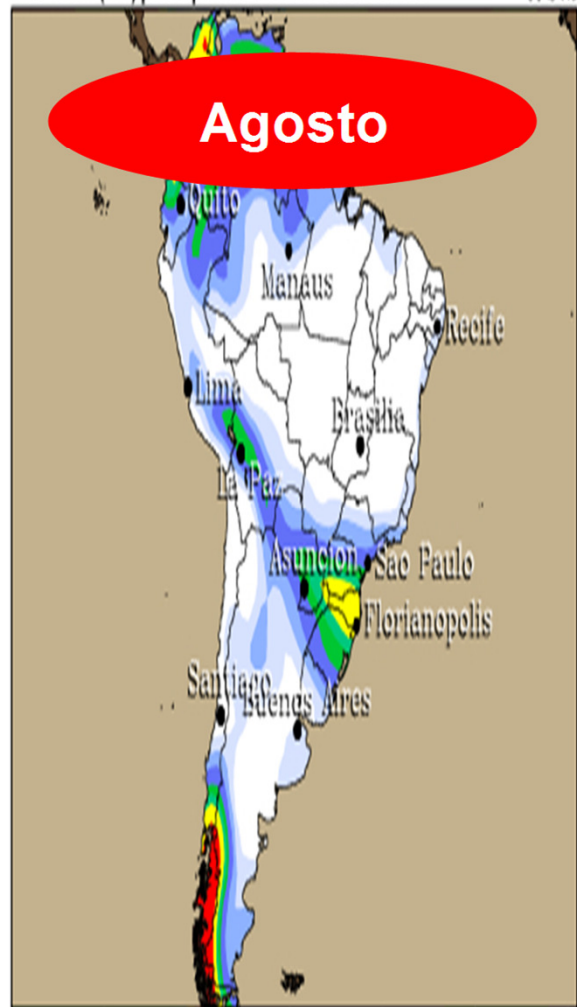
CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017

- As anomalias de temperatura na superfície do mar (TSM) no Oceano Pacífico Tropical em julho, mantiveram o padrão do mês anterior, com a faixa equatorial dominada por anomalias negativas.
- A tendência é que esse processo de resfriamento continue evoluindo, com possibilidade de evolução para uma situação de La Niña.
- Segundo o Research Institute for Climate and Society, os modelos de previsão de TSM mantêm a maior probabilidade de continuidade do resfriamento na faixa equatorial do Oceano Pacífico nos próximos meses, configurando, assim, um novo episódio de fenômeno La Niña.
- Essas probabilidades de ocorrência de La Niña, na previsão feita em julho, são menores que as probabilidades apresentadas no mês anterior.
- Isso pode ser visto como um indício de que, as previsões dos modelos agora, apontam para um fenômeno na categoria de fraco ou moderado.
- A ocorrência do fenômeno La Niña é favorável às chuvas na Região Nordeste e desfavorável no Sul nos meses de verão e outono.
- Outros fatores poderão influenciar o regime de chuvas, intensificando ou atenuando os efeitos do La Niña.

CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017

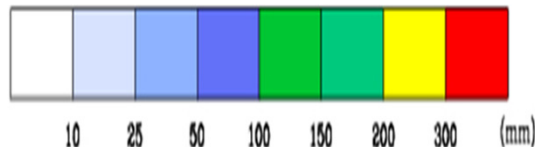
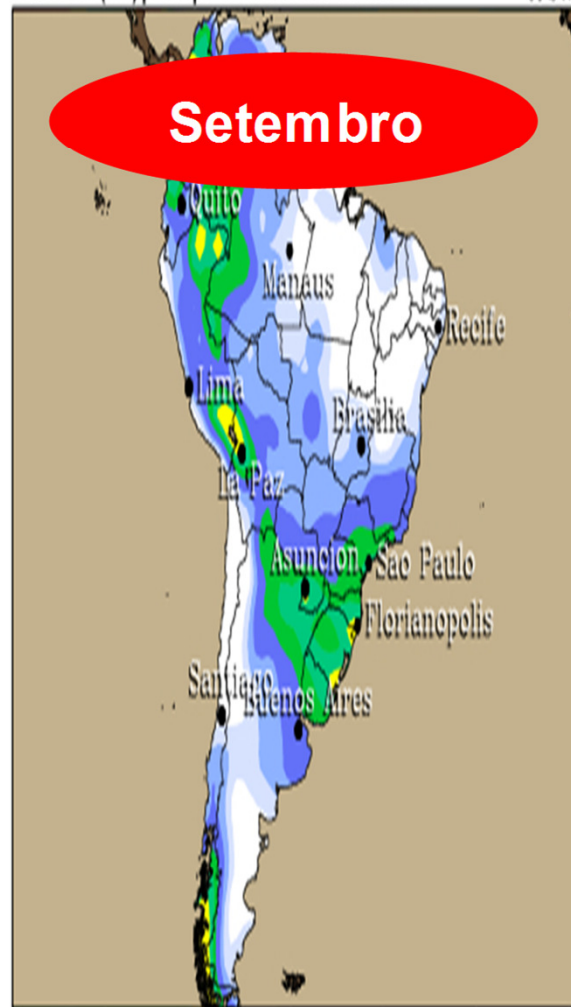
- Quanto aos prognósticos para o trimestre agosto a outubro no Brasil, em relação às chuvas, a maioria dos modelos de previsão climática indica que na Região Sul, o volume total poderá ficar na faixa normal ou acima no trimestre, porém, a persistência no processo de resfriamento no Oceano Pacífico Tropical concomitantemente à permanência de anomalias negativas próximas ao litoral do Uruguai e Sul do Brasil, podem influenciar a precipitação da Região, diminuindo a probabilidade de chuvas acima da média, podendo ocorrer, inclusive, áreas com desvios negativos de chuva no início do trimestre.
- As temperaturas na Região Sul devem ficar predominantemente na faixa normal, com possibilidade de alguns eventos com queda na temperatura em decorrência da chegada de massas de ar frio, causando geadas.
- Em Sergipe, Alagoas e na região nordeste da Bahia, predominam áreas com maior probabilidade de chuvas abaixo da média no trimestre.
- Os modelos indicam que o desvio negativo em relação à média histórica não deve ser muito acentuado, podendo ocorrer volumes dentro da faixa normal do trimestre em algumas localidades.

Prec ACUM (mm) para o período 01/08/2016 a 31/08/2016 CFSv2



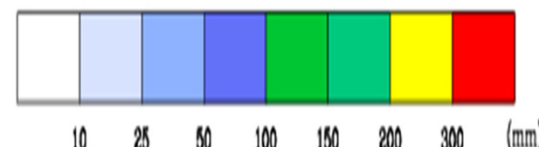
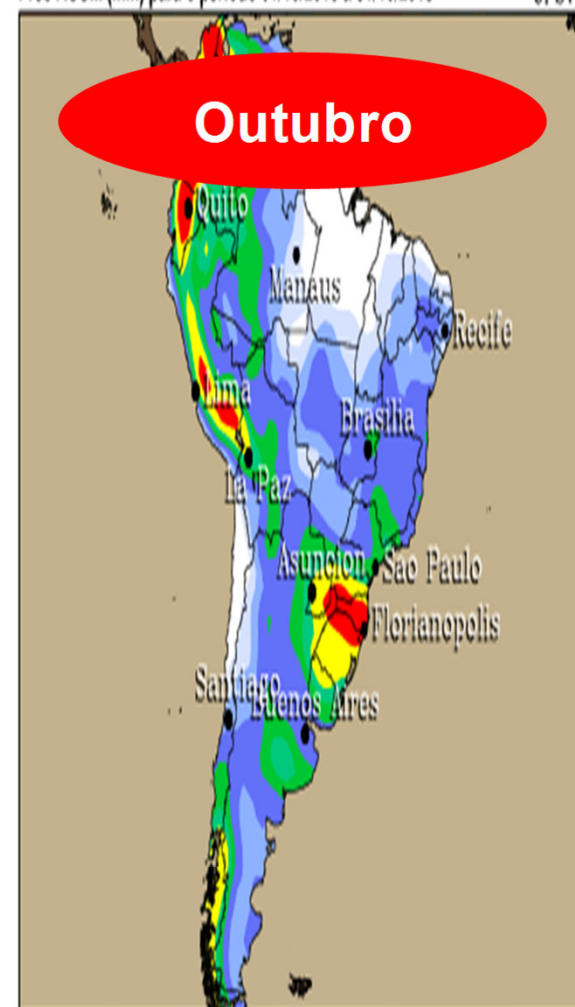
Fonte CFSv2/NOAA - Simulação do dia 10/07/2016

Prec ACUM (mm) para o período 01/09/2016 a 30/09/2016 CFSv2



Fonte CFSv2/NOAA - Simulação do dia 10/07/2016

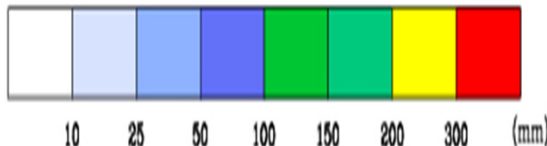
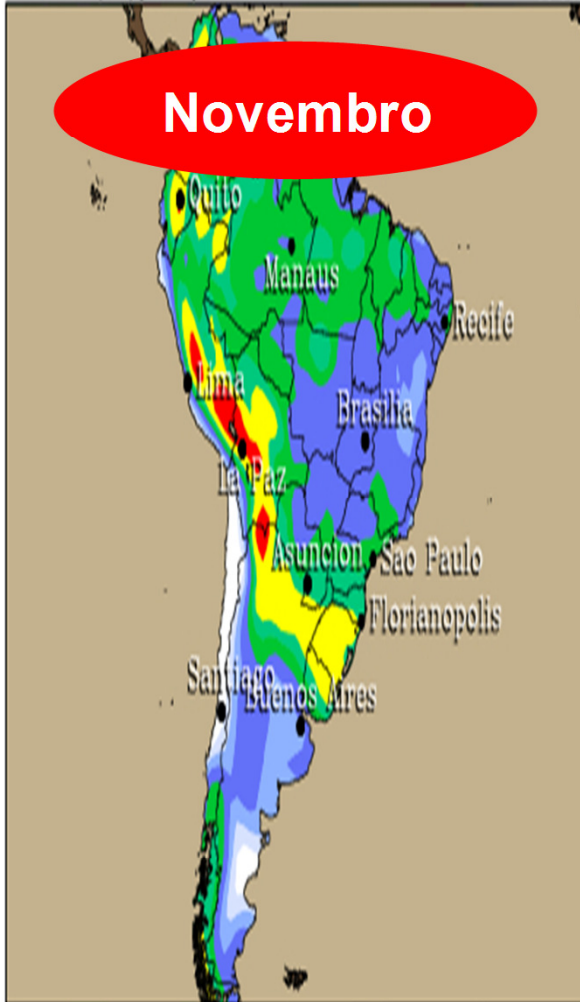
Prec ACUM (mm) para o período 01/10/2016 a 31/10/2016 CFSv2



Fonte CFSv2/NOAA - Simulação do dia 10/07/2016

Prec ACUM (mm) para o período 01/11/2016 a 30/11/2016 CFSv2

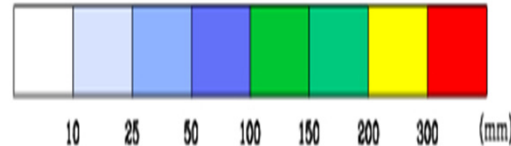
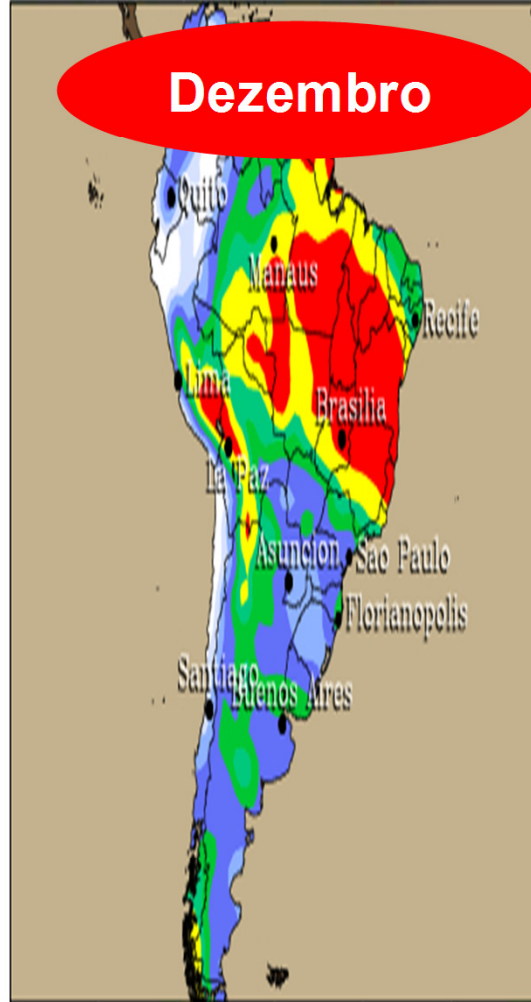
Novembro



Fonte CFSv2/NOAA - Simulação do dia 10/07/2016

Prec ACUM (mm) para o período 01/12/2016 a 31/12/2016 CFSv2

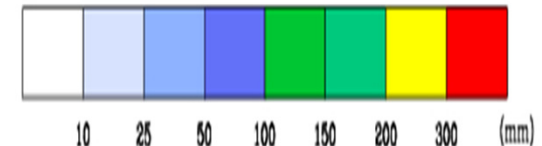
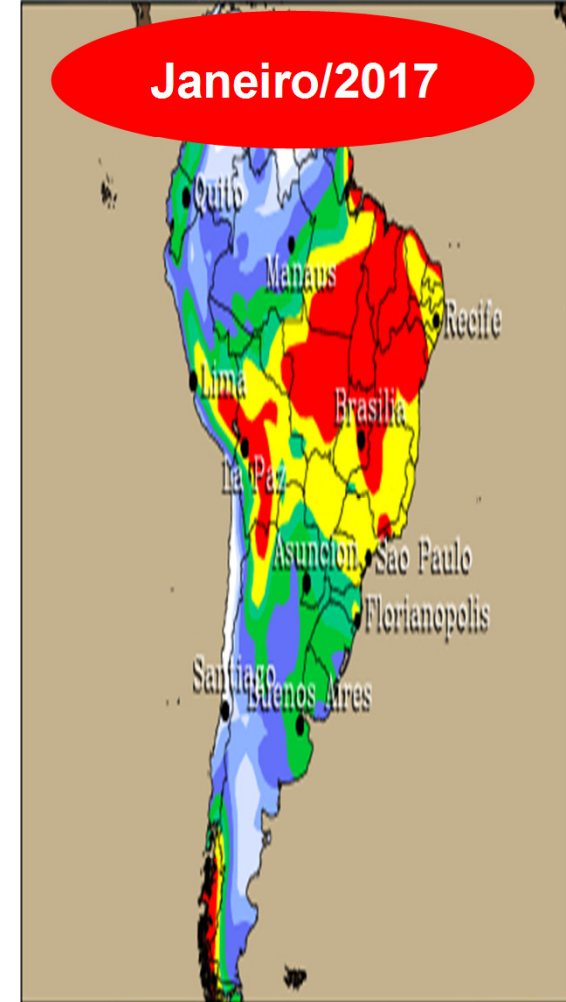
Dezembro



Fonte CFSv2/NOAA - Simulação do dia 10/07/2016

Prec ACUM (mm) para o período 01/01/2017 a 31/01/2017 CFSv2

Janeiro/2017



Fonte CFSv2/NOAA - Simulação do dia 10/07/2016

Previsão Atualizada em: 05/07/2016 às 09:07 hs

Dourados • MS



Meses	Temp. Média			Precipitação		
	Média(°C)	Desvio(°C)	Previsão(°C)	Média(mm)	Desvio(%)	Previsão(mm)
Agosto/2016	20.4	0.7	21.1	51	-28	37
Setembro/2016	21.6	1.9	23.5	106	2	108
Outubro/2016	23.8	-0.2	23.6	159	-9	145
Novembro/2016	24.8	0.5	25.3	164	-35	107
Dezembro/2016	23.9	0.4	24.3	179	7	192
Janeiro/2017	25.9	-0.2	25.7	136	-13	118
Fevereiro/2017	25.8	0	25.8	127	60	203
Março/2017	25.3	-0.7	24.6	137	49	204
Abril/2017	24.4	-0.3	24.1	109	-41	64
Mai/2017	21.5	-0.9	20.6	114	40	160
Junho/2017	18.7	1.9	20.6	73	-21	58

Fonte: CCM3

Previsão Atualizada em: 05/07/2016 às 09:07 hs

Sorriso • MT



Meses	Temp. Média			Precipitação		
	Média(°C)	Desvio(°C)	Previsão(°C)	Média(mm)	Desvio(%)	Previsão(mm)
Agosto/2016	25.1	-0.1	25	9	-45	5
Setembro/2016	25.4	1.8	27.2	71	-40	43
Outubro/2016	27.5	4.9	32.4	184	-61	72
Novembro/2016	25.8	1.3	27.1	254	-14	218
Dezembro/2016	25.5	0.6	26.1	316	4	329
Janeiro/2017	25.5	0.3	25.8	355	0	355
Fevereiro/2017	25.5	0.1	25.6	347	27	441
Março/2017	25.5	-0.3	25.2	418	17	489
Abril/2017	26.2	0	26.2	138	-18	113
Mai/2017	24.5	0.9	25.4	45	-32	31
Junho/2017	23.4	1.3	24.7	17	-45	9

Fonte: CCM3

Previsão Atualizada em: 05/07/2016 às 09:07 hs

Rio Verde • GO



Meses	Temp. Média			Precipitação		
	Média(°C)	Desvio(°C)	Previsão(°C)	Média(mm)	Desvio(%)	Previsão(mm)
Agosto/2016	23.2	0.5	23.7	27	-65	9
Setembro/2016	23.8	1	24.8	57	-32	39
Outubro/2016	24.5	3.7	28.2	163	-53	77
Novembro/2016	24.2	1.3	25.5	288	7	308
Dezembro/2016	24.0	0.3	24.3	304	2	310
Janeiro/2017	24.2	0	24.2	272	-8	250
Fevereiro/2017	24.5	-0.4	24.1	198	57	311
Março/2017	24.5	-1.1	23.4	212	106	437
Abril/2017	23.4	-0.7	22.7	117	-28	84
Maió/2017	22.4	-0.4	22	45	40	63
Junho/2017	21.3	0.8	22.1	13	-61	5

Fonte: CCM3

Previsão Atualizada em: 05/07/2016 às 09:07 hs

Ribeirão Preto • SP



Meses	Temp. Média			Precipitação		
	Média(°C)	Desvio(°C)	Previsão(°C)	Média(mm)	Desvio(%)	Previsão(mm)
Agosto/2016	20.9	0.5	21.4	22	-50	11
Setembro/2016	22.4	1.2	23.6	60	-1	59
Outubro/2016	23.0	1.8	24.8	135	-23	104
Novembro/2016	23.9	0.4	24.3	167	13	189
Dezembro/2016	23.1	-0.2	22.9	271	-9	247
Janeiro/2017	24.4	-0.3	24.1	309	7	331
Fevereiro/2017	24.6	-0.3	24.3	212	66	352
Março/2017	24.2	-1.2	23	155	53	237
Abril/2017	22.4	-0.4	22	60	-23	46
Mai/2017	20.5	-1	19.5	40	67	67
Junho/2017	18.5	0.5	19	30	-48	16

Fonte: CCM

CRÉDITO RURAL: RECURSOS E LIBERAÇÕES DO PLANO- SAFRA 2016/2017



Balanco dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

(R\$ milhões)

Finalidade	Julho 2014		Julho 2015		Julho 2016	
	Qtd. operações	Valor	Qtd. operações	Valor	Qtd. operações	Valor
Custeio	68.037	6.864	53.422	10.190	36.644	4.754
Comercialização	2.889	1.773	1.856	1.324	1.904	1.291
Investimento	17.930	2.908	6.252	1.109	7.119	1.394
Total	88.856	11.546	61.530	12.623	45.667	7.439

Fonte: SICOR/Banco Central

Balanco dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

(participação percentual)

Finalidade	Julho 2014		Julho 2015		Julho 2016	
	Qtd. operações	Valor	Qtd. operações	Valor	Qtd. operações	Valor
Custeio	77	59	87	81	80	64
Comercialização	3	15	3	10	4	17
Investimento	20	25	10	9	16	19
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: SICOR/Banco Central

Balanco dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

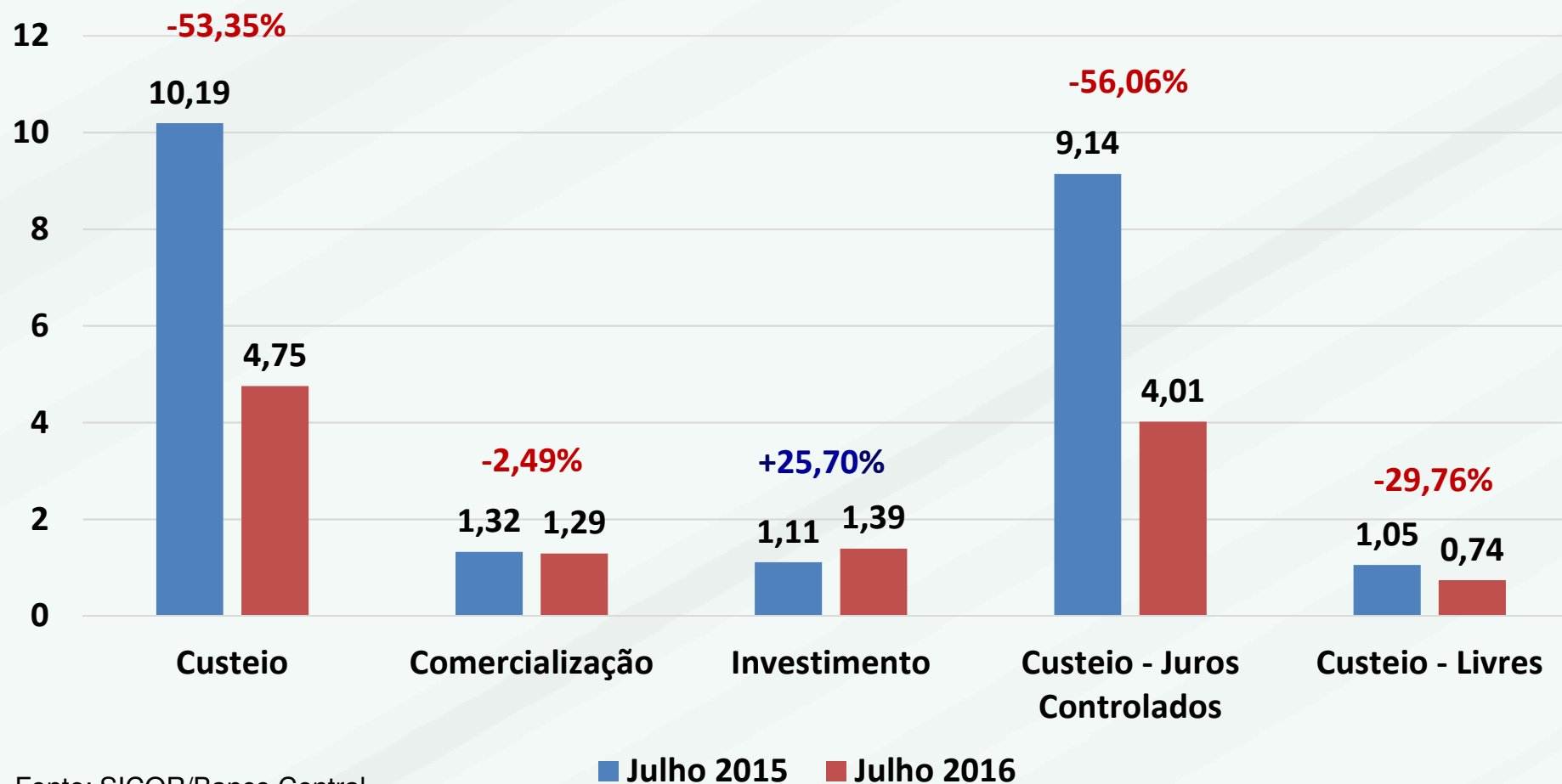
(R\$ Milhões)

Fontes de recursos ou programas	2015/2016		
	Programação jul/16 a jun/17	Aplicação jul/16	Desemb. relativo (%)
1. Custeio e Comercialização	149.855	6.045	4%
1.1 Juros controlados	115.655	4.973	4%
1.2 Juros livres	34.200	1.072	3%
2. Investimento	34.045	1.394	4%
3. Total Agricultura Empresarial	183.900	7.439	4%

Fonte: SICOR/Banco Central

Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

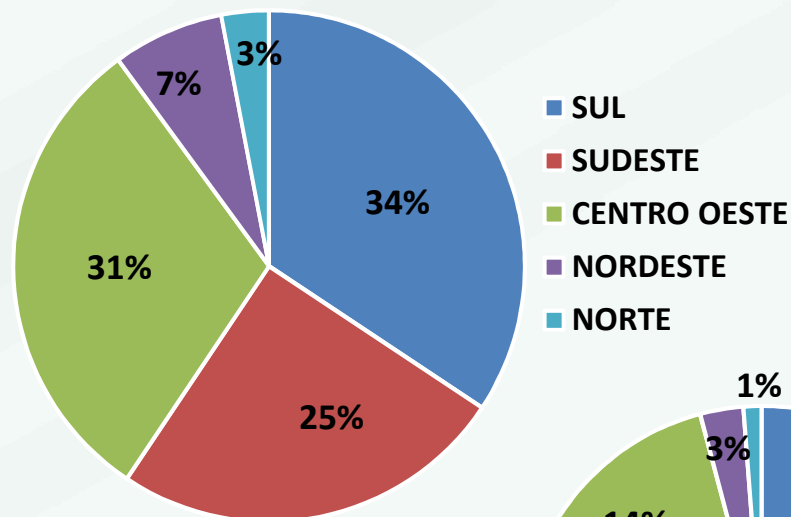
Valores Contratados - R\$ bilhões



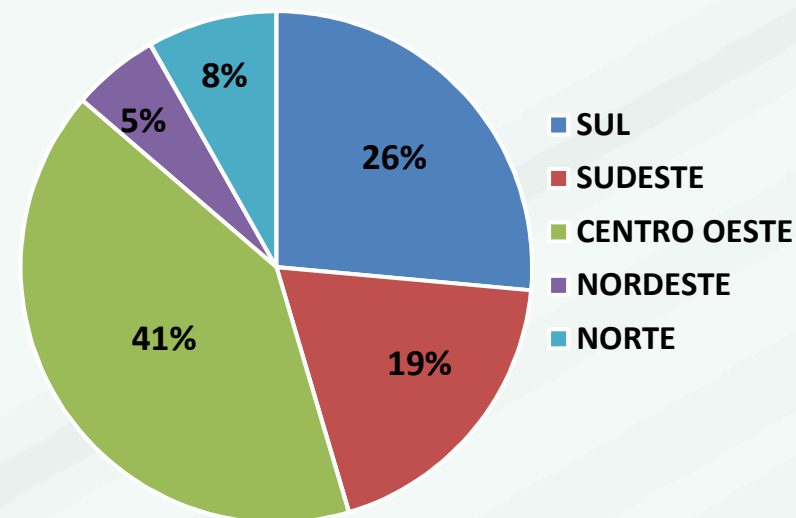
Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

Julho/2016

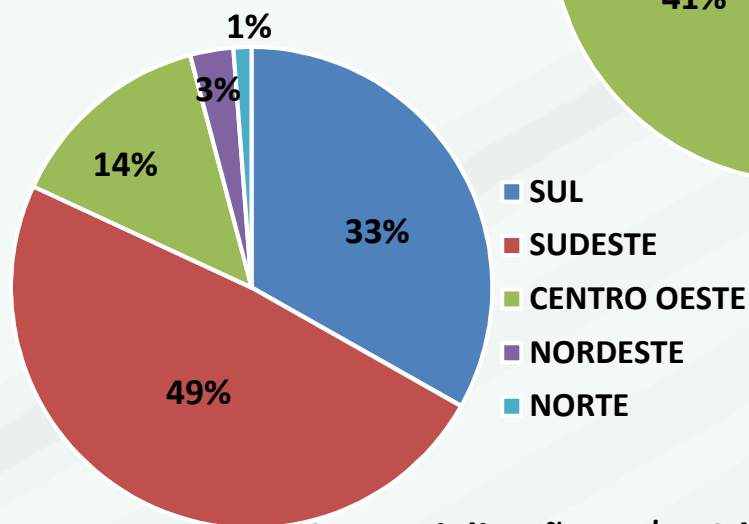
Custeio - R\$ 4,8 bi



Investimento - R\$ 1,4 bi



Comercialização - R\$ 1,3 bi



Fonte: SICOR/Banco Central

Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

Custeio e Comercialização (R\$ milhões)

Instituição	Julho 2015			Julho 2016			Variação no Total Controlados (%)	Variação no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Bancos públicos	6.258	116	6.374	2.094	136	2.230	-67	17	-65
Bancos privados	3.433	1.070	4.503	2.392	792	3.185	-30	-26	-29
Cooperativas de crédito	498	140	638	487	144	631	-2	3	-1
Total	10.188	1.326	11.515	4.973	1.072	6.045	-51	-19	-48

Fonte: SICOR/Banco Central

Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

Custeio (R\$ milhões)

Instituição	Julho 2015			Julho 2016			Var. no Total Controlados (%)	Var. no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Bancos públicos	6.042	70	6.112	1.876	17	1.893	-69	-75	-69
Bancos privados	2.601	887	3.487	1.669	621	2.290	-36	-30	-34
Cooperativas de crédito	494	97	591	470	101	571	-5	5	-3
Total	9.137	1.053	10.190	4.014	740	4.754	-56	-30	-53

Fonte: SICOR/Banco Central

Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

Comercialização (R\$ milhões)

Instituição	Julho 2015			Julho 2016			Var. no Total Controlados (%)	Var. no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Bancos públicos	216	46	262	218	118	336	1	155	28
Bancos privados	832	183	1.015	723	171	894	-13	-6	-12
Cooperativas de crédito	4	44	47	17	43	60	358	-2	27
Total	1.051	273	1.324	959	332	1.291	-9	22	-3

Fonte: SICOR/Banco Central

Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

Custeio (R\$ milhões)

Instituição	Julho 2015					Julho 2016					Pronamp Var. (%)	Grandes Var. (%)
	Pronamp	Grandes	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Pronamp	Grandes	Total Controlado	Total Livres	Total Geral		
Bancos públicos	1.869	4.242	6.042	70	6.112	624	1.269	1.876	17	1.893	-67	-70
Bancos privados	11	3.477	2.601	887	3.487	55	2.235	1.669	621	2.290	402	-36
Cooperativas de crédito	182	409	494	97	591	202	369	470	101	571	11	-10
Total	2.062	8.128	9.137	1.053	10.190	881	3.874	4.014	740	4.754	-57	-52

Fonte: SICOR/Banco Central

Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

Custeio (R\$ milhões)

Atividade	Julho 2015			Julho 2016			Var. no Total Controlados (%)	Var. no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Agrícola	8.121	907	9.028	3.010	571	3.582	-63	-37	-60
Pecuário	1.016	147	1.163	1.004	169	1.173	-1	15	1
Total	9.137	1.053	10.190	4.014	740	4.754	-56	-30	-53

Fonte: SICOR/Banco Central

Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

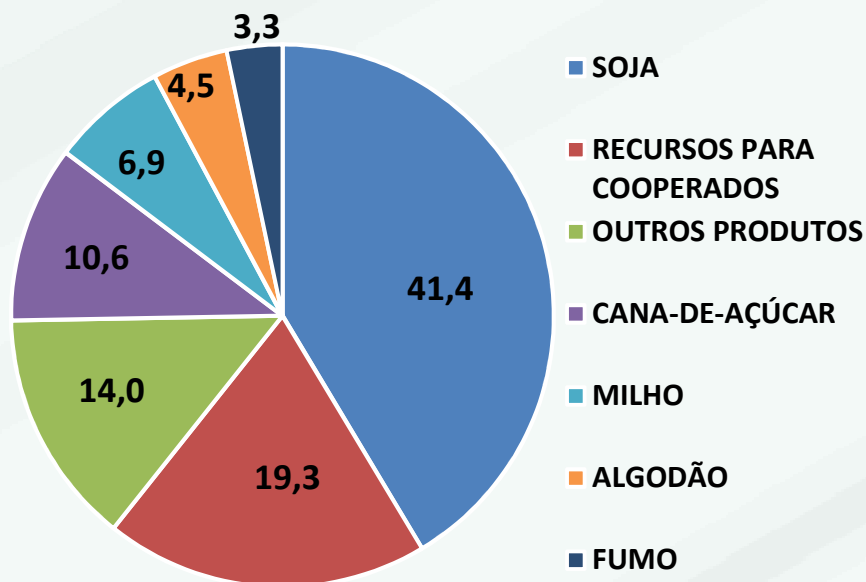
Comercialização (R\$ milhões)

Atividade	Julho 2015			Julho 2016			Var. no Total Controlados (%)	Var. no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Agrícola	880	153	1.033	530	483	1.013	-40	215	-2
Pecuário	172	120	291	178	100	278	3	-16	-5
Total	1.051	273	1.324	707	583	1.291	-33	114	-3

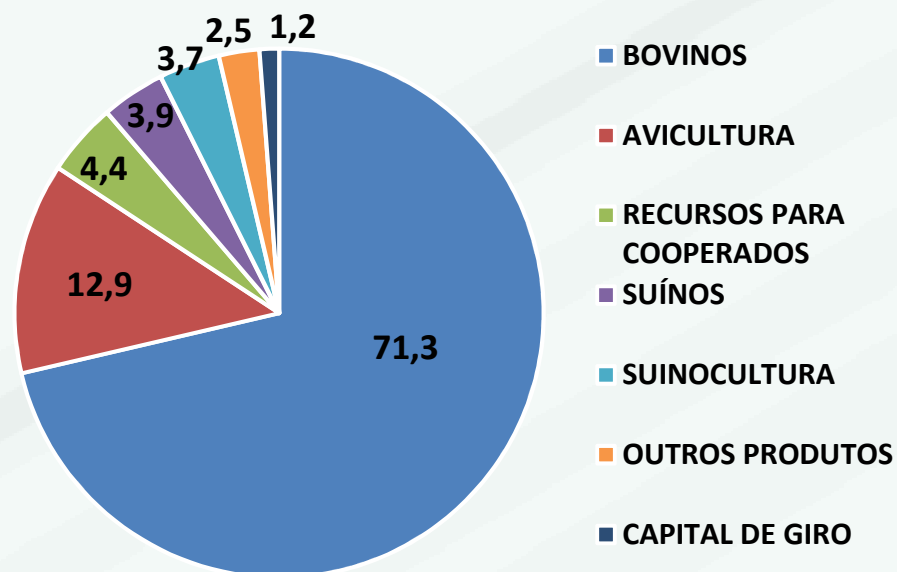
Fonte: SICOR/Banco Central

Balanço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf) Julho/2016 - Custeio

Produtos Agrícolas



Produtos Pecuários



Fonte: SICOR/Banco Central

Balço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

Letra de Crédito do Agronegócio LCA (R\$ milhões)

Atividade	Julho 2016								
	LCA - Taxas Controladas			Total - LCA Controladas	LCA - Taxas Livres			Total - LCA Livres	Total - LCA
	Custeio	Invest.	Comerc.		Custeio	Invest.	Comerc.		
Agrícola	696	0	0	696	151	4	157	312	1.008
Pecuário	51	0	0	51	89	15	41	145	196
Total	746	0	0	746	240	19	198	457	1.204

Fonte: SICOR/Banco Central

Balanço dos Financiamentos no Plano Agrícola e Pecuário 2016/17 (grandes produtores e Pronamp – Sem Pronaf)

FINANCIAMENTO RURAL - PROGRAMAÇÃO E APLICAÇÃO DE RECURSOS
SAFRAS 2015/2016 e 2016/2017

(Em R\$ milhões)

Fontes de Recursos ou Programas	2015/2016			2016/2017			Comparativo Aplic. Var. (%) (d)/(b)
	Programação jul/15 a jun/16	Aplicação jul/15	Desemb. relativo (%)	Programação jul/16 a jun/17	Aplicação jul/16	Desemb. relativo (%)	
	(a)	(b)	(b)/(a)	(c)	(d)	(d)/(c)	
1. Custeio e Comercialização	149.500	11.515	8	149.855	6.045	4	-48
1.1 Juros controlados	96.500	10.188	11	115.655	4.973	4	-51
Pronamp (1)	13.600	2.062	15	15.700	881	6	-57
1.2 Juros livres	53.000	1.326	3	34.200	1.072	3	-19
2. Investimento	38.200	1.109	3	34.045	1.394	4	26
2.1 Moderfrota	3.650	241	7	5.050	553	11	129
2.2 PSI Rural	6.350	94	1	0	0	-	-
2.3 Moderinfra	290	15	5	550	6	1	-58
2.4 Programa ABC	3.000	2	0	2.990	37	1	1.919
2.5 Inovagro	1.400	2	0	1.245	3	0	81
2.6 PCA	2.000	15	1	1.400	0	-	-
2.7 Moderagro	400	0	0	640	6	1	2.476
2.8 Prodecoop	1.600	16	1	2.430	0	-	-
2.9 Procap-Agro	1.990	91	5	2.270	211	9	132
2.10 Prorenova	1.500	0	-	1.500	0	-	-
2.11 Pronamp	5.290	4	0	4.240	46	1	942
2.12 Outros	10.730	628	6	11.730	531	5	-15
3. AGRICULTURA EMPRESARIAL (1+2)	187.700	12.623	7	183.900	7.439	4	-41

(1) Inserido a título de informação, por estar contido em Juros Controlados.

Fonte: Sicor / Banco Central

SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO SUCROALCOOLEIRO



SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO SUCROALCOOLEIRO

- A safra 2016/2017 de cana-de-açúcar do Centro-Sul do Brasil, maior região produtora mundial da cultura, chega à metade com um cenário favorável à produção de açúcar e de etanol e uma sinalização de que o governo federal e a Petrobras precisam se preparar para um quadro de abastecimento mais apertado e preços sustentados.
- Limitadas pela oferta praticamente estagnada de cana e com preços bastante remuneradores, as usinas utilizarão neste período a capacidade máxima possível para a produção do açúcar à exportação.
- Combalido após meia década de crise que derrubou várias companhias pelo caminho, o setor já registrou alta nas receitas, nas margens e nos lucros no começo da safra.
- Além disso, as companhias garantem, agora, a manutenção deste cenário positivo, com a fixação no mercado futuro de até 40% da produção do açúcar da próxima safra (2017/2018), cuja colheita começa apenas em abril de 2017.
- Os preços atuais e futuros do açúcar estimulam a operação.

SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO SUCROALCOOLEIRO

- O Centro-Sul do Brasil deve ter uma safra de cana 2016/2017 mais curta e mais eficiente que na temporada passada, beneficiado pelo clima, com redução de custos operacionais das usinas.
- Chuvas registradas em junho foram benéficas para a produtividade da cana que será colhida no fim do ciclo e agora a manutenção do tempo seco deve manter os trabalhos de moagem acelerados, permitindo um encerramento relativamente rápido do atual ciclo.
- Com o fim da colheita manual, os custos fixos aumentaram bastante.
- Em um regime normal de chuvas, será uma safra mais curta, permitindo uma temporada de menor custo.
- As usinas do Centro-Sul do Brasil, maior região produtora de cana do país, buscam encerrar a moagem da safra até meados de dezembro, antes do retorno do período de chuvas.
- Na temporada passada, o tempo chuvoso alongou os trabalhos até o verão, uma vez que não foi possível moer toda a cana disponível.
- A moagem durante meses chuvosos torna a atividade menos eficiente.

SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO SUCROALCOOLEIRO

- Segundo a Embrapa Agropecuária, com base em dados de diversos institutos nacionais e internacionais, o fenômeno El Niño foi forte em 2015/2016, ocasionando excesso de chuva, o que saturou o solo.
- A partir de julho deste ano, o El Niño perdeu o efeito e a chuva parou, o que tornou-se interessante para a cana, permitindo o processo normal de colheita da safra 2016/2017.
- Para cana de plantio também não foi um período ruim, porque ainda havia umidade suficiente no solo.
- A partir de setembro, haverá o estabelecimento da La Niña, com chuvas abaixo do normal.
- Essa condição climática para a cana, diferentemente da cultura da soja, é benéfica, porque a planta armazena mais açúcar.
- Para a Embrapa, tudo indica que o tempo seja favorável tanto para o final da safra atual quanto para o início da próxima.
- Entretanto, a safra do Centro-Sul está praticamente na metade, mas as perspectivas quanto à moagem já não são tão favoráveis.

SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO SUCROALCOOLEIRO

- Considerando-se as consultorias e instituições que revisaram suas projeções, o processamento neste ciclo ficará em torno de 609 milhões de toneladas, abaixo das 621 milhões de toneladas inicialmente previstas e 1,4% inferior às 617 milhões de toneladas de 2015/2016.
- Em linha geral, o corte no tamanho da safra é resultado de várias adversidades climáticas neste ano, incluindo déficit de chuvas e geadas, combinados com canaviais envelhecidos e uma entressafra mais curta.
- O setor previa uma safra maior após dois anos seguidos de secas.
- Pelos dados mais recentes do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), a redução na produtividade agrícola, medida via toneladas de cana por hectare, foi de 10% na primeira quinzena de agosto em relação ao mesmo período de 2015.
- O número exato só será informado em meados deste mês de setembro.
- Em relação aos produtos, as novas previsões apontam para uma fabricação de açúcar no Centro-Sul na casa de 34,6 milhões de toneladas, 11% mais que no ciclo anterior.

SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO SUCROALCOOLEIRO

- Já em relação ao etanol, a estimativa passou de 27,4 bilhões de litros, para 26,8 bilhões de litros, queda de 5% na comparação anual.
- Os números mostram que a perda na moagem será transferida para o etanol, já que o açúcar, mais remunerador neste ano por causa da alta do mercado futuro na Bolsa de Nova York (ICE Futures US), continuará com espaço no mix de produção.
- A principal associação do setor sucroenergético nacional, a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) afirma que, por ora, mantém as previsões iniciais.
- A entidade estima moagem entre 605 milhões de toneladas e 630 milhões de toneladas, com fabricação de 33,5 milhões de toneladas a 35,0 milhões de toneladas de açúcar e de 27,5 bilhões de litros a 28,7 bilhões de litros de etanol, para a Região Centro-Sul.
- Segundo dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), divulgados no dia 30/08, a moagem de cana-de-açúcar pelas usinas e destilarias da região Centro-Sul recuou 6,2% em agosto em relação ao mesmo período de 2015 e 8,7% abaixo de julho de 2016.

SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO SUCROALCOOLEIRO

- Segundo os dados da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), no acumulado da temporada, o processamento atinge 355,34 milhões de toneladas, alta de 10,1%.
- No acumulado do ciclo 2016/2017, a fabricação de etanol atinge 14,75 bilhões de litros, alta de 4,14%, dos quais 6,01 bilhões de litros de anidro e 8,74 bilhões de litros de hidratado.
- No acumulado do ciclo 2016/2017, a fabricação de açúcar aumentou 21,99%, para 19,87 milhões de toneladas.
- Desse valor, 1,93 milhão de toneladas deriva da expansão da moagem, expresso na alta de 10,78% na produção de açúcar por tonelada de cana-de-açúcar processada, registrando 55,94 Kg de açúcar por tonelada de cana-de-açúcar apurados até 16 de agosto.
- Logo, o avanço observado na produção de açúcar não deve ser extrapolado de forma direta para o transcorrer desta safra, uma vez que o crescimento não é oriundo de uma alteração exclusiva do mix de produção.

SITUAÇÃO ATUAL DO MERCADO SUCROALCOOLEIRO

- A quantidade de Açúcares Totais Recuperáveis (ATR) na Região Centro-Sul aumentou de 127,57 Kg por tonelada em 2015 para 129,34 Kg por tonelada no acumulado da safra 2016/2017, alta de 1,39%.
- Esse crescimento reflete a expansão no teor de ATR verificada, principalmente, em Goiás e em Minas Gerais.
- No sentido contrário, nos Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul, com áreas mais afetadas pelas geadas e elevada quantidade de cana-de-açúcar bisada, a qualidade da matéria-prima não evoluiu.
- No acumulado da safra, iniciada em abril, as vendas de etanol pelas usinas e destilarias do Centro-Sul do Brasil estão ligeiramente menores: 10,44 bilhões de litros agora contra 10,89 bilhões de litros há um ano.
- Dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) destacam a recuperação da demanda doméstica de etanol.
- Em julho, na Região Centro-Sul, o consumo de etanol hidratado totalizou 1,23 bilhão de litros, acréscimo de 4,58% sobre junho.
- Em São Paulo, as vendas tiveram incremento de 4,11% sobre junho.

CANA-DE-AÇÚCAR: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017



CANA: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

CANA-DE-AÇÚCAR: ÁREA POR ESTADOS NO BRASIL - MIL HECTARES													
REGIÃO/UF	2005/2006	2006/2007	2007/2008	2008/2009	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	VAR. 2016/2017 SOBRE 2015/2016
NORTE	18,6	19,8	20,6	16,1	17,2	19,6	34,5	42,0	46,4	47,6	51,0	52,0	1,9%
RR													
RO				1,7	1,8	2,6	2,8	2,6	3,0	4,4	4,3	3,2	-26,3%
AC						0,4	0,6	0,7	1,2		1,6	2,0	25,0%
AM	3,8	4,8	3,9	3,8	3,8	3,8	3,8	3,7	3,7	3,3	3,4	3,5	2,0%
AP													
PA	10,4	10,5	11,0	9,5	10,9	10,0	12,6	11,4	11,9	12,0	11,4	11,3	-1,1%
TO	4,4	4,5	5,7	1,1	0,7	2,8	14,7	23,6	26,6	27,9	30,2	32,0	5,8%
NORDESTE	1.077,4	1.123,5	1.037,3	1.052,6	1.082,5	1.113,3	1.114,6	1.083,2	1.030,2	979,0	916,9	926,0	1,0%
MA	31,8	40,3	38,9	39,4	39,4	42,1	39,6	41,9	39,6	38,8	40,3	39,7	-1,5%
PI	10,0	12,5	13,1	13,1	13,6	13,3	13,9	14,7	15,0	13,9	15,1	15,3	1,2%
CE	35,1	28,9	1,6	1,8	2,3	2,8	1,3	1,1	1,8	1,8	2,7	2,8	5,2%
RN	50,6	55,2	55,5	59,5	67,0	65,7	62,3	53,6	51,5	56,0	53,2	52,5	-1,3%
PB	105,6	112,5	112,5	112,5	115,5	111,8	122,6	122,0	122,4	130,6	124,8	124,4	-0,3%
PE	362,4	369,6	316,6	321,4	321,4	346,8	326,1	312,1	284,6	260,1	254,2	267,7	5,3%
AL	402,1	402,7	426,8	432,0	448,0	451,2	463,7	445,7	417,5	385,3	323,6	340,5	5,2%
SE	24,8	31,1	34,9	36,0	37,9	37,0	42,5	43,4	44,5	44,4	49,8	45,1	-9,3%
BA	55,0	70,7	37,4	37,4	37,4	42,6	42,6	48,6	53,5	48,2	53,3	38,0	-28,7%
CENTRO-OESTE	547	605	901	901	940	1.203	1.379	1.504	1.711	1.748	1.715	1.776	3,5%
MT	205	210	223	223	203	207	220	236	238	226	233	230	-1,1%
MS	139	160	276	276	265	396	481	543	655	668	597	615	3,0%
GO	203	235	402	402	472	599	678	726	818	854	886	931	5,1%
DF													
SUDESTE	3.737	3.928	4.540	4.562	4.833	5.137	5.221	5.243	5.436	5.593	5.455	5.594	2,6%
MG	357,1	420,0	600,7	564,5	588,8	659,6	742,7	721,9	779,8	805,5	866,5	862,5	-0,5%
ES	64,4	67,6	65,2	65,2	68,0	68,7	66,9	62,1	65,3	68,9	55,5	49,0	-11,7%
RJ	169,2	152,3	50,0	50,0	45,8	51,3	41,3	39,9	39,1	33,0	34,3	14,7	-57,2%
SP	3.146,6	3.288,2	3.824,2	3.882,1	4.129,9	4.357,0	4.370,1	4.419,5	4.552,0	4.685,7	4.498,3	4.668,2	3,8%
SUL	460	487	511	527	537	584	613	612	588	636	517	625	20,9%
PR	410,9	436,0	509,3	524,5	536,0	582,3	611,4	610,8	586,4	635,0	515,7	623,6	20,9%
SC	16,7	17,1											
RS	32,4	34,2	2,1	2,1	1,0	1,7	1,7	1,6	1,4	1,4	1,2	1,1	-11,3%
NO/NE	1.096,0	1.143,3	1.057,9	1.068,7	1.099,7	1.132,9	1.149,1	1.125,2	1.076,6	1.026,6	968,0	978,0	1,0%
CENTRO-SUL	4.744,3	5.020,0	5.952,3	5.989,2	6.309,8	6.923,2	7.213,5	7.359,8	7.734,8	7.977,9	7.686,9	7.995,2	4,0%
BRASIL	5.840,3	6.163,3	7.010,2	7.057,9	7.409,5	8.056,1	8.362,6	8.485,0	8.811,4	9.004,5	8.654,9	8.973,2	3,7%

Projeções 2016/2017 e elaboração: Carlos Cogo Consultoria Agroecômica

CANA: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

CANA-DE-AÇÚCAR: PROJEÇÕES DE PRODUÇÃO POR ESTADOS NO BRASIL - MIL TONELADAS													
REGIÃO/UF	2005/2006	2006/2007	2007/2008	2008/2009	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	VAR. 2016/2017 SOBRE 2015/2016
NORTE	1.073,7	1.261,9	1.348,6	1.093,6	991,6	1.278,4	2.529,3	2.957,4	3.698,1	3.717,6	3.541,9	3.329,4	-6,0%
RR													
RO				106,3	111,3	136,7	157,1	125,1	188,3	371,6	191,0	160,4	-16,0%
AC				-	-	33,8	52,6	70,3	88,9		86,1	110,5	
AM	194,4	273,1	314,0	303,5	211,8	347,0	287,0	266,5	268,4	187,1	216,3	214,3	-0,9%
AP	-												
PA	606,3	736,7	749,6	628,4	623,4	521,9	666,4	695,3	818,6	810,5	682,3	769,2	12,7%
TO	273,0	252,1	285,0	55,4	45,1	239,0	1.366,2	1.800,2	2.334,0	2.348,4	2.366,2	2.075,0	-12,3%
NORDESTE	56.599,6	62.860,3	67.868,0	64.416,1	60.677,2	62.079,6	63.487,8	52.972,2	53.014,7	55.662,8	45.274,8	49.525,0	9,4%
MA	1.969,9	2.341,4	2.385,0	2.385,0	2.209,4	2.327,5	2.265,6	2.072,0	2.206,1	2.347,9	2.455,1	2.042,2	-16,8%
PI	614,0	821,3	900,9	900,9	1.014,0	836,9	992,0	828,1	851,6	949,1	967,4	924,3	-4,5%
CE	1.773,3	1.619,1	111,5	124,0	154,4	180,5	77,4	57,0	128,6	130,5	208,6	208,8	0,1%
RN	2.637,8	2.888,1	3.075,0	3.296,7	3.472,5	2.729,4	2.973,3	2.247,8	2.158,2	2.688,8	2.467,7	2.632,3	6,7%
PB	4.765,1	5.927,2	6.117,0	6.117,0	6.320,0	5.246,3	6.723,1	5.354,9	5.283,1	6.307,9	5.532,5	6.077,5	9,9%
PE	16.943,6	18.913,5	20.418,1	19.119,8	17.805,6	16.820,8	17.642,2	13.575,9	14.402,3	14.730,6	11.349,0	14.400,3	26,9%
AL	23.110,7	25.168,8	29.864,3	27.400,0	24.504,5	29.120,4	27.705,4	23.533,5	22.454,6	22.422,5	16.193,4	18.241,8	12,6%
SE	1.417,5	1.626,8	2.306,2	2.380,0	2.249,7	2.025,6	2.551,5	2.219,3	2.321,3	2.376,4	2.284,7	2.238,7	-2,0%
BA	3.367,7	3.554,1	2.690,0	2.692,7	2.947,1	2.792,2	2.557,3	3.083,8	3.208,8	3.709,1	3.816,4	2.759,1	-27,7%
CENTRO-OESTE	38.807,1	45.473,0	66.510,1	66.510,1	77.435,9	93.344,7	92.233,6	106.001,3	120.462,3	126.311,1	139.026,4	134.755,5	-3,1%
MT	13.460,2	14.073,6	16.109,9	16.109,9	14.045,6	13.661,2	13.153,7	16.319,0	16.948,5	17.011,9	17.150,5	15.854,4	-7,6%
MS	9.799,0	12.676,0	20.755,0	20.755,0	23.297,8	33.476,7	33.859,8	36.955,2	41.496,0	42.969,8	48.685,4	48.273,0	-0,8%
GO	15.547,9	18.723,4	29.645,2	29.645,2	40.092,5	46.206,8	45.220,1	52.727,2	62.017,7	66.329,4	73.190,5	70.628,1	-3,5%
DF													
SUDESTE	304.920,2	329.204,2	392.605,7	395.094,4	419.857,7	423.799,5	362.089,9	387.228,3	439.343,0	405.896,5	436.395,8	451.278,4	3,4%
MG	27.557,1	33.558,0	44.120,0	41.461,4	49.923,4	56.013,6	50.241,8	51.208,0	60.759,5	59.528,7	64.932,4	67.083,5	3,3%
ES	4.243,4	3.967,1	4.419,0	4.419,0	4.009,6	3.524,8	4.003,8	3.431,6	3.770,0	3.191,7	2.809,6	1.716,9	-38,9%
RJ	7.576,4	6.853,5	3.556,3	3.556,3	3.260,0	2.537,8	2.207,9	1.893,8	2.007,6	1.586,4	1.066,2	772,5	-27,5%
SP	265.543,3	284.825,6	340.510,4	345.657,7	362.664,7	361.723,3	305.636,4	330.694,9	372.805,9	341.589,7	367.587,6	381.705,5	3,8%
SUL	30.012,8	36.001,0	43.038,3	44.320,1	45.551,3	43.403,1	40.614,6	39.756,4	42.304,2	43.179,0	41.347,3	45.885,7	11,0%
PR	28.504,9	34.130,9	42.918,3	44.200,1	45.502,8	43.321,1	40.519,5	39.723,5	42.231,0	43.105,6	41.286,1	45.818,5	11,0%
SC	601,7	669,7											
RS	906,2	1.200,4	120,0	120,0	48,5	82,0	95,1	32,9	73,2	73,4	61,2	67,2	9,8%
NO/NE	57.673,3	64.122,2	69.216,6	65.509,7	61.668,8	63.358,0	66.017,1	55.929,7	56.712,8	59.380,4	48.816,7	52.854,4	8,3%
CENTRO-SUL	373.740,1	410.678,2	502.154,1	505.924,6	542.844,9	560.547,3	494.938,1	532.986,0	602.109,5	575.386,6	616.769,5	631.919,6	2,5%
BRASIL	431.413,4	474.800,4	571.370,7	571.434,3	604.513,7	623.905,3	560.955,2	588.915,7	658.822,3	634.767,0	665.586,2	684.774,0	2,9%

Projeções 2016/2017 e elaboração: Carlos Cogo Consultoria Agroecômica

CANA: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

CANA-DE-AÇÚCAR: PROJEÇÕES DE PRODUTIVIDADE MÉDIA POR ESTADOS NO BRASIL - T/HECTARE														
REGIÃO/UF	2005/2006	2006/2007	2007/2008	2008/2009	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017	VAR. 2016/2017 SOBRE 2015/2016	
NORTE	57,7	63,7	65,5	67,9	57,7	65,2	73,3	70,4	79,7	78,1	69,4	64,0	-7,8%	
RR														
RO				62,5	61,8	52,6	56,1	48,9	63,4	84,8	44,0	50,1	13,9%	
AC						84,5	87,7	95,0	75,3		53,8	55,3		
AM	51,2	56,9	80,5	79,9	55,7	91,3	75,5	72,4	72,5	56,2	63,1	61,2	-2,9%	
AP														
PA	58,3	70,2	68,1	66,1	57,2	52,2	52,9	60,8	68,8	67,4	59,7	68,1	13,9%	
TO	62,0	56,0	50,0	50,4	64,4	85,4	92,9	76,4	87,6	84,3	78,3	64,9	-17,1%	
NORDESTE	52,5	56,0	65,4	61,2	56,1	55,8	57,0	48,9	51,5	56,9	49,4	53,5	8,3%	
MA	61,9	58,1	61,3	61,3	56,1	55,3	57,2	49,5	55,8	60,6	60,9	51,4	-15,6%	
PI	61,4	65,7	68,8	68,8	74,6	62,9	71,4	56,2	56,7	68,4	64,0	60,4	-5,6%	
CE	50,5	56,0	69,7	68,9	67,1	64,5	59,5	50,0	73,1	72,5	77,3	73,5	-4,8%	
RN	52,1	52,3	55,4	55,4	51,8	41,5	47,7	41,9	41,9	48,0	46,4	50,1	8,0%	
PB	45,1	52,7	54,4	54,4	54,7	46,9	54,8	43,9	43,2	48,3	44,3	48,9	10,2%	
PE	46,8	51,2	64,5	59,5	55,4	48,5	54,1	43,5	50,6	56,6	44,7	53,8	20,5%	
AL	57,5	62,5	70,0	63,4	54,7	64,5	59,7	52,8	53,8	58,2	50,0	53,6	7,1%	
SE	57,2	52,3	66,1	66,1	59,4	54,7	60,0	51,1	52,2	53,5	45,9	49,6	8,1%	
BA	61,2	50,3	71,9	72,0	78,8	65,5	60,0	63,4	60,0	77,0	71,6	72,6	1,4%	
CENTRO-OESTE	70,9	75,2	73,8	73,8	82,4	77,6	66,9	70,5	70,4	72,2	81,0	75,9	-6,4%	
MT	65,5	67,1	72,2	72,2	69,2	66,0	59,8	69,3	71,3	75,3	73,7	68,9	-6,5%	
MS	70,4	79,2	75,3	75,3	87,8	84,5	70,4	68,1	63,4	64,3	81,6	78,5	-3,8%	
GO	76,8	79,7	73,8	73,8	85,0	77,1	66,7	72,6	75,8	77,6	82,6	75,9	-8,2%	
DF														
SUDESTE	81,6	83,8	86,5	86,6	86,9	82,5	69,4	73,9	80,8	72,6	80,0	80,7	0,8%	
MG	77,2	79,9	73,4	73,4	84,8	84,9	67,6	70,9	77,9	73,9	74,9	77,8	3,8%	
ES	65,9	58,7	67,8	67,8	59,0	51,3	59,8	55,3	57,7	46,4	50,6	35,0	-30,8%	
RJ	44,8	45,0	71,1	71,1	71,2	49,5	53,5	47,5	51,4	48,1	31,1	52,6	69,2%	
SP	84,4	86,6	89,0	89,0	87,8	83,0	69,9	74,8	81,9	72,9	81,7	81,8	0,1%	
SUL	65,2	73,9	84,2	84,2	84,8	74,3	66,2	64,9	72,0	67,9	80,0	73,5	-8,2%	
PR	69,4	78,3	84,3	84,3	84,9	74,4	66,3	65,0	72,0	67,9	80,1	73,5	-8,2%	
SC	36,0	39,2												
RS	28,0	35,1	57,1	57,1	48,5	48,2	55,9	21,1	51,6	54,4	49,4	61,1	23,8%	
NO/NE	52,6	56,1	65,4	61,3	56,1	55,9	57,5	49,7	52,7	57,8	50,4	54,0	7,2%	
CENTRO-SUL	78,8	81,8	84,4	84,5	86,0	81,0	68,6	72,4	77,8	72,1	80,2	79,0	-1,5%	
BRASIL	73,9	77,0	81,5	81,0	81,6	77,4	67,1	69,4	74,8	70,5	76,9	76,3	-0,8%	

Projeções 2016/2017 e elaboração: Carlos Cogo Consultoria Agroecômica

CANA: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

- Segundo relatório divulgado em 17/08, pelo Ministério da Agricultura, a área de cana-de-açúcar no Brasil, destinada à atividade sucroalcooleira na safra 2016/2017, deverá ser de 8,973 milhões de hectares.
- O aumento de 318,4 mil hectares, ou 3,7%, é resultado da cana-de-açúcar bisada da safra 2015/2016, aumento de área própria de algumas unidades de produção e reativação de uma unidade em São Paulo.
- Se confirmada, será a segunda maior área colhida no Brasil.
- A produtividade estimada para a atual temporada da safra 2016/2017 é de 76.313 Kg/ha.
- A redução prevista de 0,8% sobre a temporada anterior é reflexo da queda de produtividade no Centro-Sul, onde as lavouras da safra anterior tiveram, na sua maioria, produtividades recordes.
- A expectativa é de produtividades próximas do normal.
- Na Região Nordeste, há a expectativa de recuperação do potencial produtivo das lavouras, em face das más condições climáticas da safra anterior e baixa tecnologia empregada nas lavouras dos fornecedores.

CANA: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

- A estimativa de produção da cana-de-açúcar é de incremento de 2,9% em relação à safra passada.
- A produção da safra 2016/2017 está estimada em de 684,773 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, contra 665,588 milhões de toneladas na safra 2015/2016.
- Em São Paulo, as excelentes condições climáticas nos últimos meses contrastam com o excesso de chuva no decorrer da safra passada.
- Porém, ambos os fatores corroboram para o aumento da produção.
- Se por um lado as boas condições climáticas auxiliam no desenvolvimento das lavouras, por outro, o excesso de chuva na safra passada impediu, em muitos casos, a colheita da cana-de-açúcar.
- Com isso há previsão de aumento de cana bisada que será colhida nesta safra 2016/2017.
- A cana bisada é aquela que não foi colhida em uma temporada, ficando para o período seguinte. Isso pode ocorrer, por exemplo, por motivos climáticos, e o agricultor opta por fazer a colheita posteriormente.

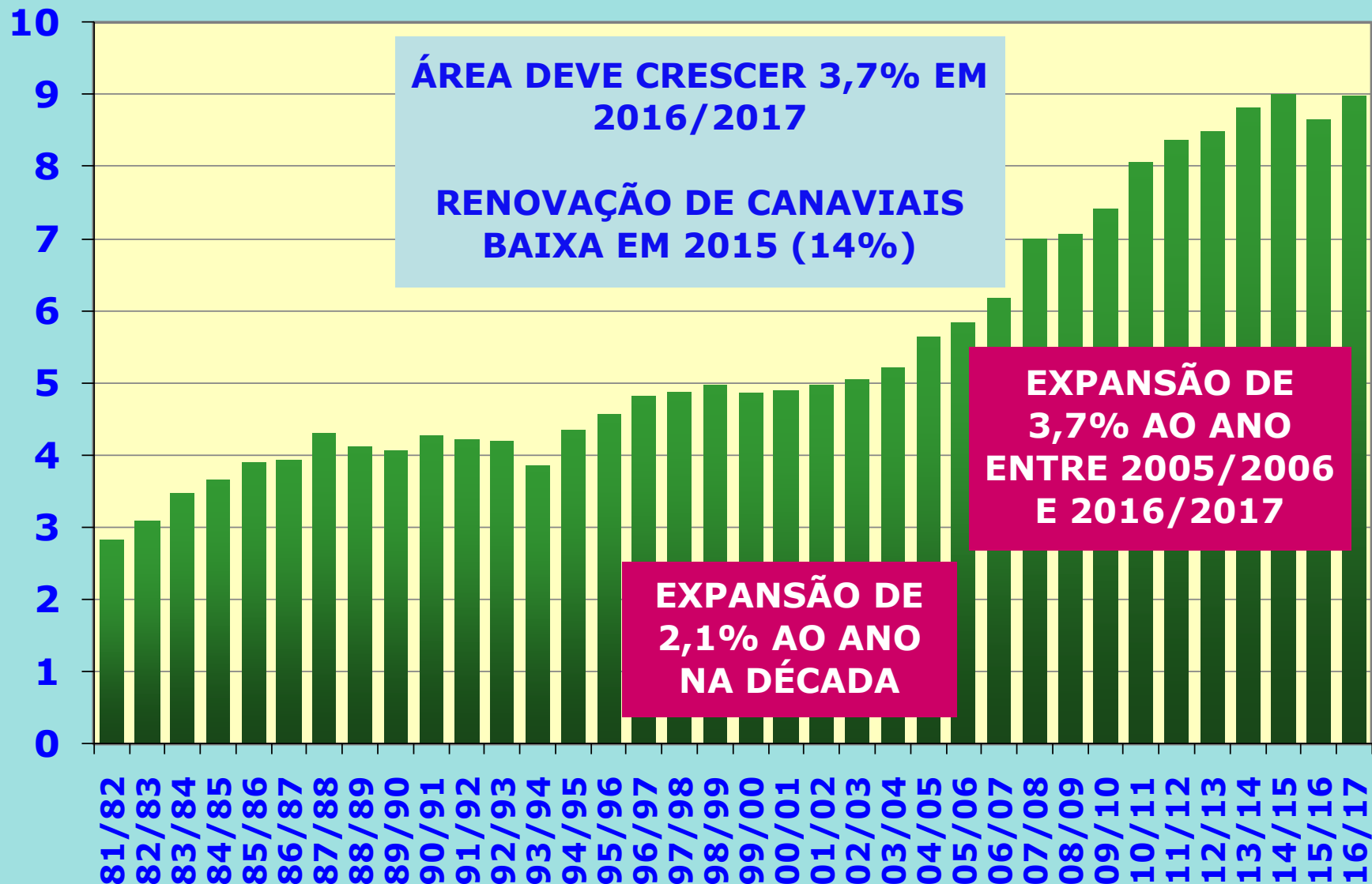
CANA: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

- Em Minas Gerais, as condições das lavouras não são uniformes.
- Em algumas regiões as condições de desenvolvimento das lavouras foram excelentes, enquanto em outras houve eventos climáticos desfavoráveis, como chuvas excessivas na fase inicial da lavoura, fato que prejudicou o desenvolvimento da cana-de-açúcar nesse período.
- O setor sucroalcooleiro mineiro vive ainda uma boa expectativa de mercado, pois além dos fatores positivos no cenário nacional e internacional, os incentivos fiscais concedidos pelo governo do Estado, tornaram atrativa a utilização do etanol pelo consumidor final.
- Para o Centro-Oeste, a expectativa é de queda na produção, pois, desde abril, houve reversão no quadro climático na Região.
- Apesar de ser um período com menor precipitação, as chuvas foram ainda mais escassas do que na safra passada, o que impactou a produtividade de todos os Estados produtores.
- As variações climáticas, principalmente as chuvas inconstantes, prejudicaram o desenvolvimento do canavial na Região e por isso há estimativa de queda de 3,1% na produção.

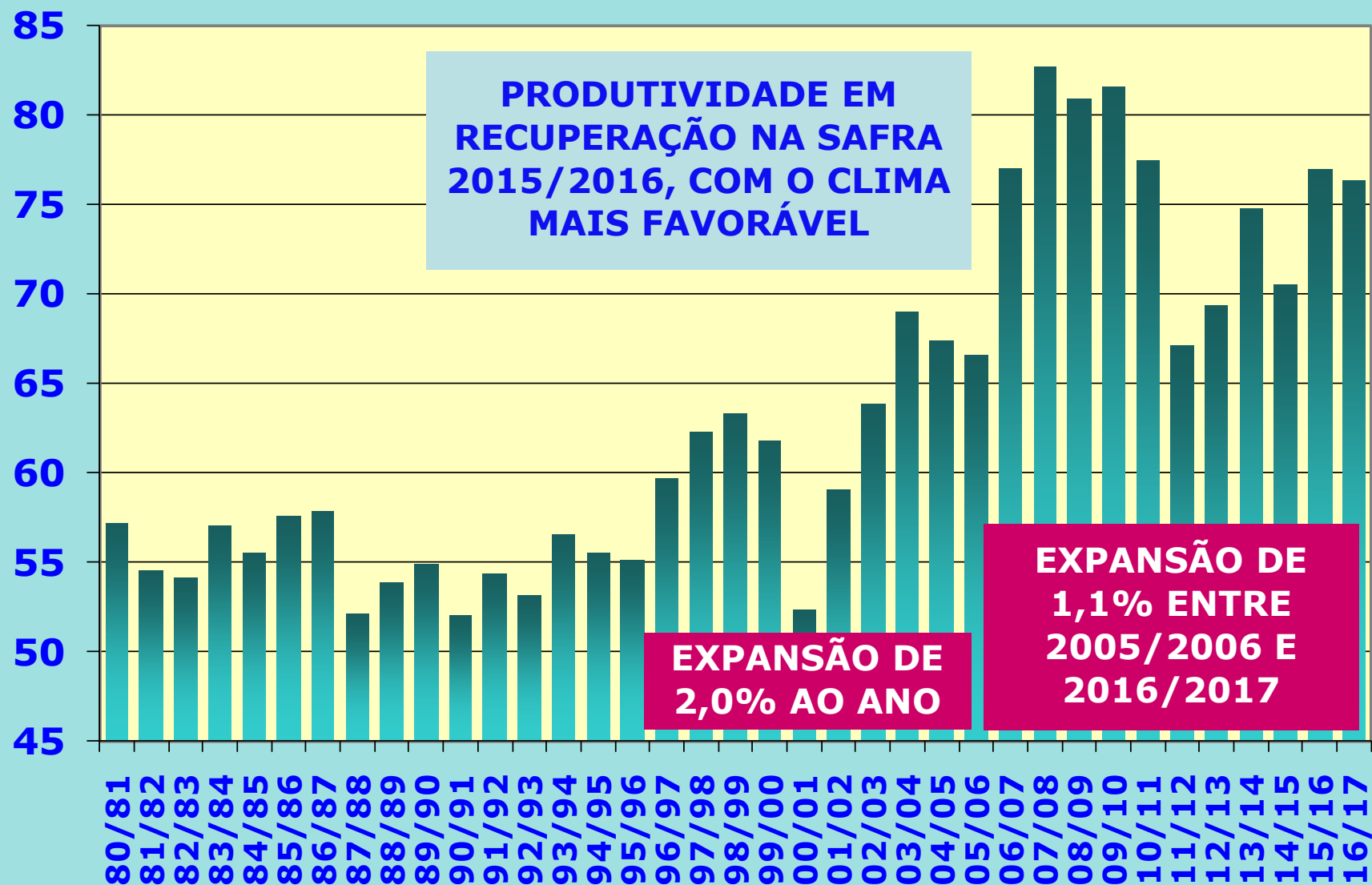
CANA: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

- Porém, a Região Centro-Oeste deve permanecer como a segunda maior produtora do País, sendo Goiás o 2º maior Estado produtor do País.
- O que ocorre no Paraná, no que diz respeito ao clima, é muito parecido com o que ocorre em São Paulo.
- Como o ano de 2015 foi com excesso de chuvas, há muita cana-de-açúcar bisada.
- Cabe destacar que há expectativa de que o clima será favorável à atual safra, devido à previsão de neutralidade climática para o inverno, ou seja, com menos precipitações e temperaturas mais baixas, que favorecem a concentração de açúcar na planta.
- No Nordeste, os maiores estados produtores, situados na Zona da Mata, apresentam números positivos, com aumento de 26,9% em Pernambuco e 12,6% em Alagoas.
- Espera-se melhorias de produtividade motivada pelas chuvas que ocorreram de dezembro até os dias atuais, condição climática favorável à cultura, além das boas expectativas de mercado para açúcar e etanol.

CANA-DE-AÇÚCAR: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL - MILHÕES DE HECTARES



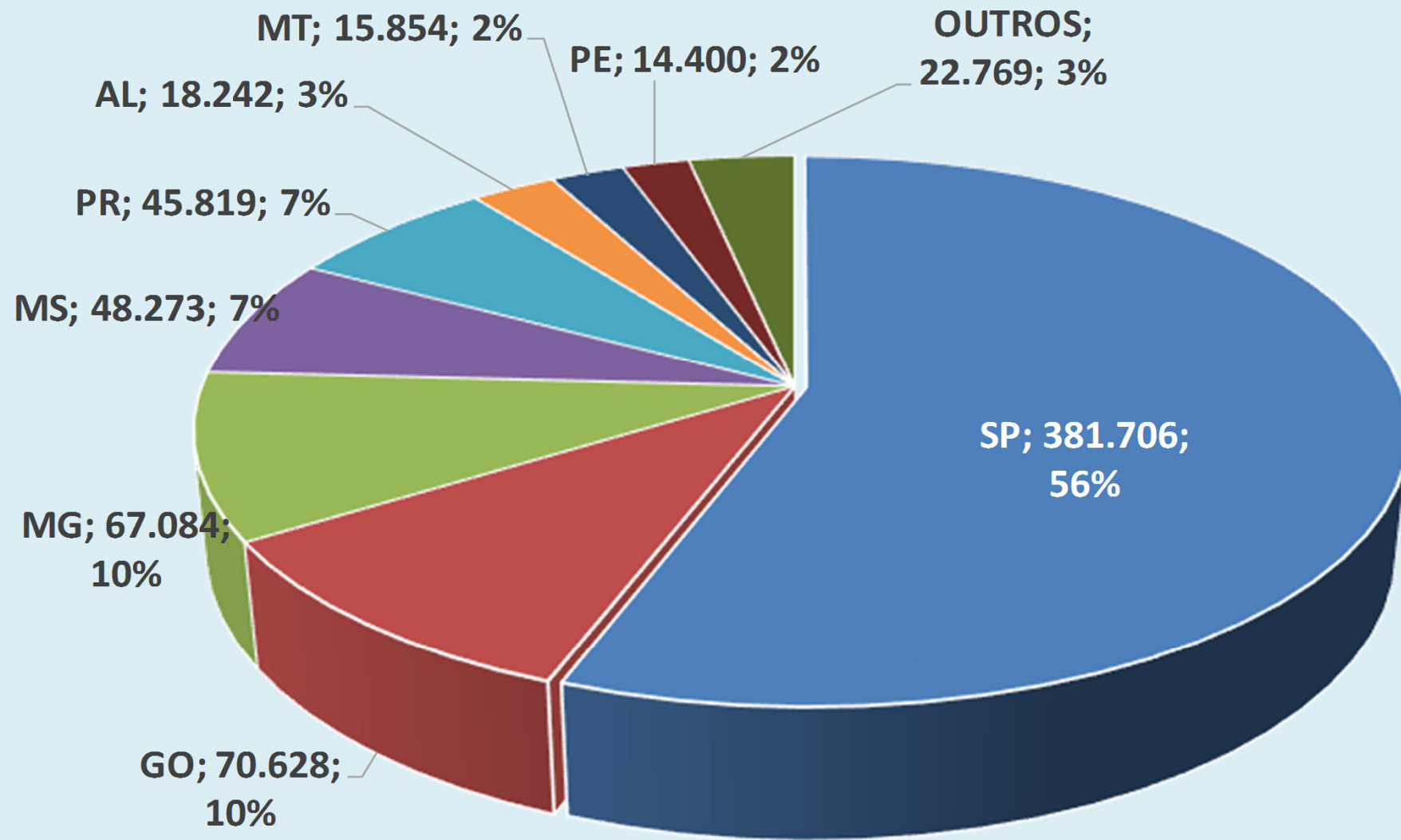
CANA-DE-AÇÚCAR PRODUTIVIDADE MÉDIA EM TONELADAS/HA



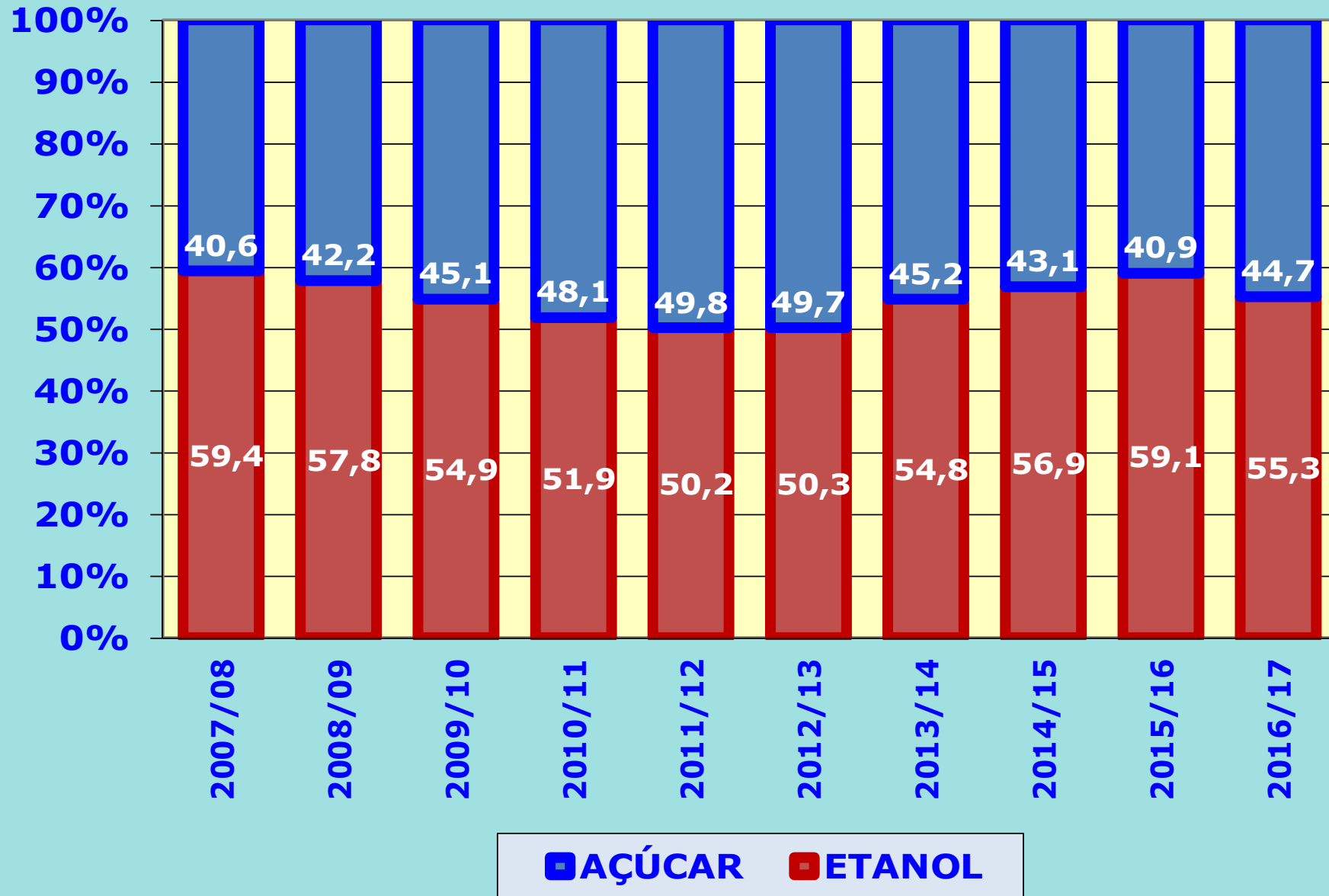
CANA-DE-AÇÚCAR: PRODUÇÃO NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



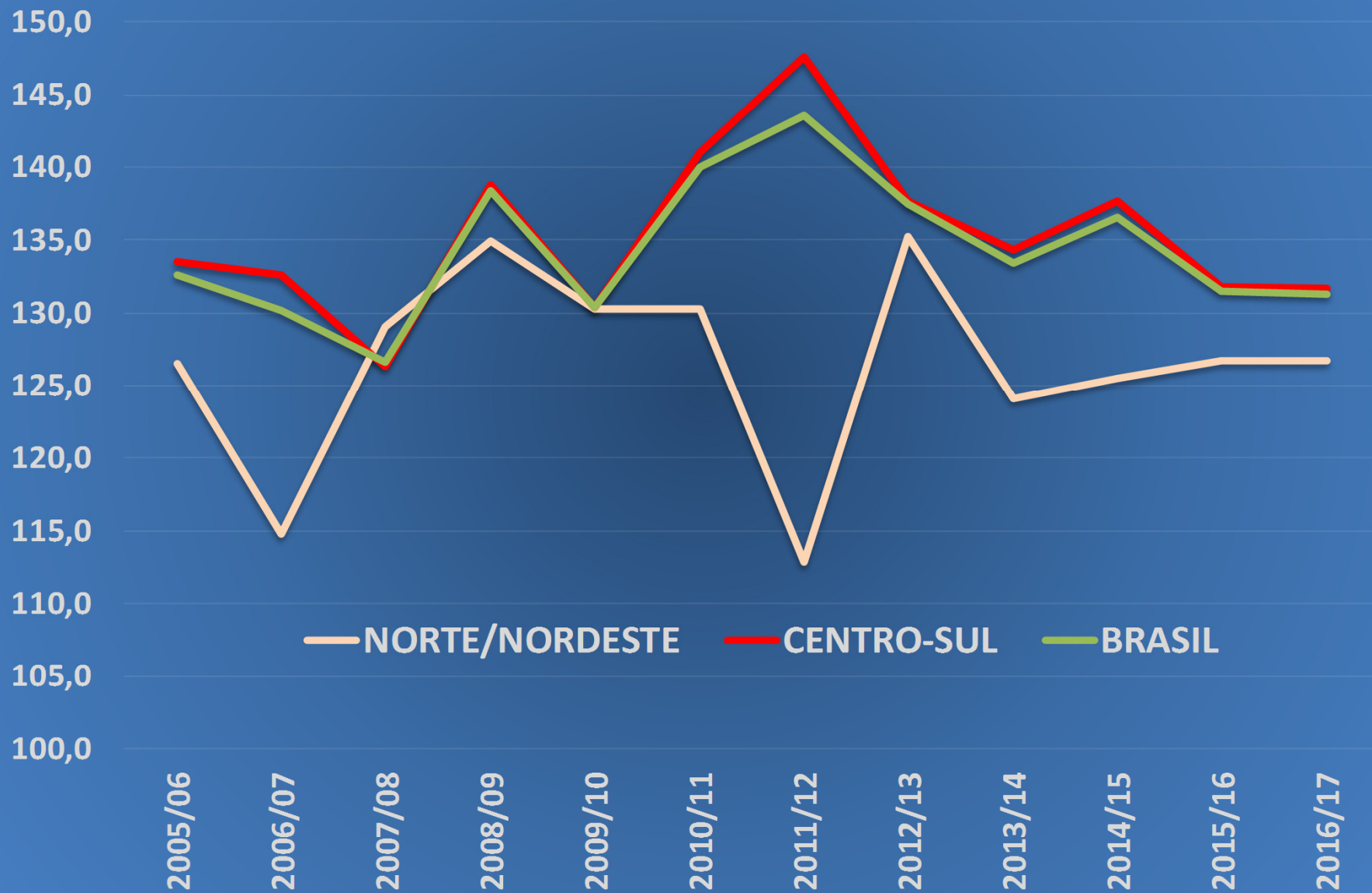
CANA-DE-AÇÚCAR: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO NA SAFRA 2016/2017 (TONELADAS E %)



CANA: EVOLUÇÃO DO MIX NO BRASIL ETANOL/AÇÚCAR (%)



ATR - AÇÚCAR TOTAL RECUPERÁVEL KG/TONELADA DE CANA



CANA: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

- Os dados devem sofrer uma revisão até o final desta safra 2016/2017.
- A safra 2016/2017 de cana-de-açúcar no Centro-Sul do Brasil segue dentro da previsão de uma moagem entre 605 milhões e 630 milhões de toneladas e as chuvas ocorridas desde a última semana em regiões produtoras foram positivas, apesar da suspensão pontual da colheita.
- A chuva foi positiva para a brotação para a próxima safra e haverá efeito na qualidade da matéria-prima a ser colhida no atual período.
- A atual safra caminha para uma maior produção de açúcar e ainda com as usinas já fechando as vendas de etanol anidro para garantir o abastecimento no período da entressafra, quando o consumo de combustível normalmente migra do etanol hidratado para a gasolina.
- O anidro está contratado, pois sem dúvida vai haver a migração para gasolina: se for de 2 bilhões de litros, na entressafra, é um aumento de 1,4 bilhão de litros de gasolina C (sem a mistura com o anidro).
- Não é um número extravagante e não há preocupação quando à questão do abastecimento.

***CUSTOS DE PRODUÇÃO DE
CANA-DE-AÇÚCAR PRÓPRIA E
DE FORNECEDORES,
AGROINDUSTRIAL E MARGEM
ECONÔMICA DAS USINAS***

CANA: CUSTOS DE PRODUÇÃO EM 2016/2017

- Levantamento anual do Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Pecege/Esalq) e da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) aponta que o custo de total de produção de cana-de-açúcar, etanóis anidro e hidratado e ainda os açúcares demerara (VHP) e branco aumentará 3,84% a 21,56% na safra 2016/2017 no Centro-Sul do Brasil, em relação às três safras anteriores.
- No entanto, com o atual cenário de preços para os produtos, as usinas deverão ter margens positivas na atual safra.
- Segundo as estimativas do Pecege/Esalq e da CNA a partir de informações levantadas junto a usinas e associações, o custo total de produção da cana será de R\$ 109,24 por tonelada, alta de 20,84% sobre o custo médio das últimas três safras.
- O custo total do açúcar branco ficará em R\$ 1.188,80 a tonelada, alta de 12,13% se comparados os mesmos períodos, e do demerara de R\$ 1.138,97, alta de 21,56%.

CANA: CUSTOS DE PRODUÇÃO EM 2016/2017

- O metro cúbico (mil litros) do etanol anidro tem custo total estimado de R\$ 1.867,15, aumento de 18,3% e o do hidratado, de 1.789,04, alta de 3,84% em 2016/2017 sobre a média das safras passadas.
- A estimativa aponta que apenas áreas com produtividade acima 98,5 toneladas por hectare de cana possibilitarão margens positivas para cultivo da cultura.
- No entanto, essa margem negativa pode ser recuperada ao longo da cadeia, na fabricação e comercialização de açúcar e etanol.
- Em um cenário base, o preço do etanol anidro teria uma média de preço comercializado de R\$ 1.850,00, margem negativa de 0,92% sobre o custo total, a única entre os produtos da cana.
- O etanol hidratado teria uma margem positiva de 2,29% sobre o custo total, com preço do metro cúbico estimado em R\$ 1.830.
- Já a margem do açúcar será ainda mais positiva e o branco, com preço estimado de R\$ 1.350,00 por tonelada, teria margem de 13,56% enquanto o demerara teria 7,55%, ao preço de R\$ 1.225,00 a tonelada.

CANA: CUSTO DE PRODUÇÃO AGROINDUSTRIAL DO PROCESSAMENTO – REGIÃO TRADICIONAL – R\$/T



Fonte: Pecege/CNA (2016)

EVOLUÇÃO DO CUSTO DE PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR PRÓPRIA E DE FORNECEDORES INDEPENDENTES, DO CUSTO DE PROCESSAMENTO AGROINDUSTRIAL E DA MARGEM ECONÔMICA DAS USINAS

Fatores de Produção	Safrá									
	07/08	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15	15/16	% anual
Cana própria (R\$/t)	72,13	68,54	70,93	74,83	97,10	96,57	92,04	96,17	90,40	4,49
Cana fornecedor (R\$/t)	57,83	57,77	66,94	77,83	90,72	78,39	70,05	70,91	66,99	2,17
Custo total (R\$/t)	112,81	109,38	117,26	120,26	144,21	132,11	128,67	134,51	125,99	2,24
Lucro Econômico* (%)	-14,52	-17,73	-2,76	13,42	6,89	-1,41	-6,39	-12,00	-2,82	-13,82

Fonte: Pecege/CNA (2016).

SAFRA 2016/2017: PROJEÇÃO DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO AGROINDUSTRIAIS NO CENTRO-SUL E DE MARGENS DE RENTABILIDADE DO SETOR SUCROENERGÉTICO

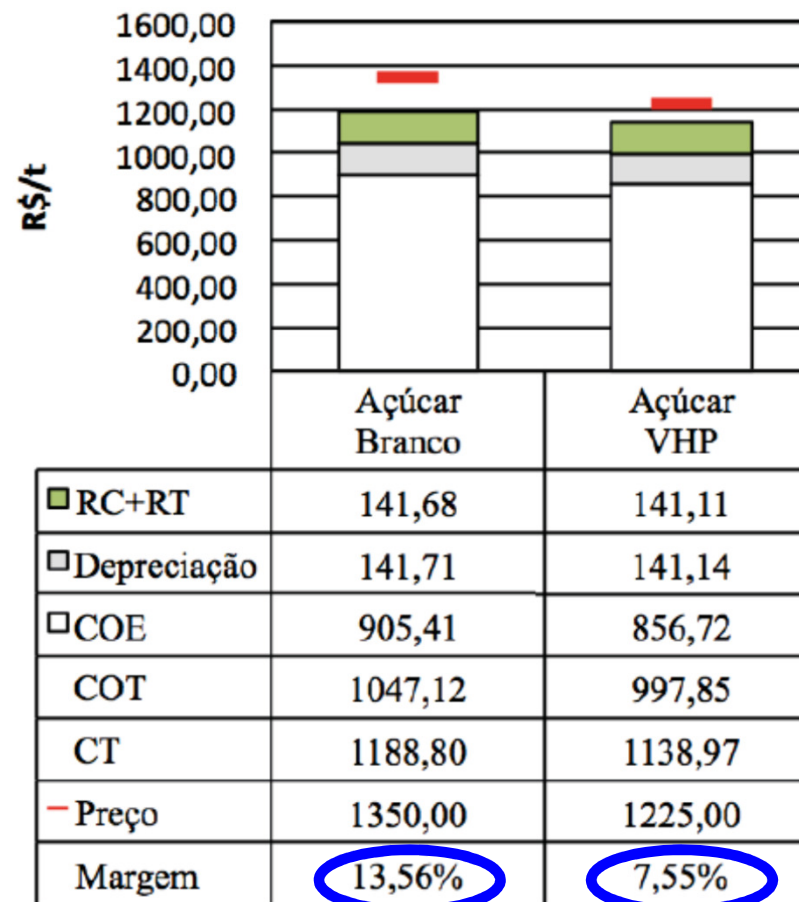
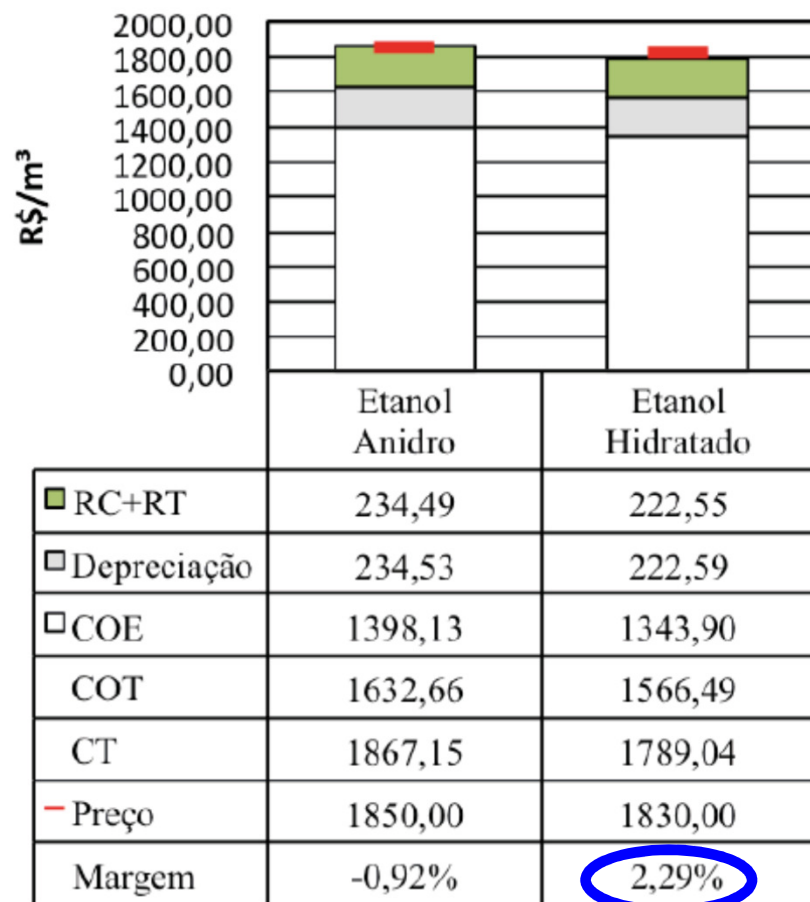
Custo ¹	Cana (R\$/t)	Açúcar Branco (R\$/t)	Açúcar VHP (R\$/t)	Etanol Anidro (R\$/m ³)	Etanol Hidratado (R\$/m ³)
COE	71,97	905,41	856,72	1.398,13	1343,90
COT	94,56	1047,12	997,85	1.632,66	1.566,49
CT	109,24	1.188,80	1.138,97	1.867,15	1.789,09

Fonte: Pecege/CNA (2016). | Nota: ¹COE (Custo Operacional Efetivo), COT (Custo Operacional Total) e CT (Custo Total).

Lucro Econômico	Açúcar Branco (R\$/t)			
	Pessimista	Base	Otimista	Atual
Produtividade (t/ha)	1.283	1.350	1.418	1.399
73	7,16%	10,82%	14,35%	15,60%
77	9,83%	13,56%	17,16%	18,38%
81	12,36%	16,16%	19,83%	21,02%

Lucro Econômico	Etanol Anidro (R\$/m ³)			
	Pessimista	Base	Otimista	Atual
Produtividade (t/ha)	1.758	1.850	1.943	1.533
73	-6,63%	-3,35%	-0,18%	-15,37%
77	-4,27%	-0,92%	2,32%	-13,19%
81	-2,02%	1,39%	4,69%	-11,12%

SAFRA 2016/2017: CUSTOS, PREÇOS E MARGENS DO ETANOL ANIDRO, ETANOL HIDRATADO, AÇÚCAR VHP, AÇÚCAR BRANCO, A PARTIR DO CENÁRIO BASE DAS PROJEÇÕES



Fonte: Pecege/CNA (2016) | Nota: RC + RT = Remuneração do Capital e Remuneração da Terra.

VALORES DE ATR E PREÇOS DA TONELADA DE CANA-DE-AÇÚCAR CONSECANA SÃO PAULO – SAFRA 2014/2015

Safrá 2014/2015				
Mês/Ano	Mensal	Acumulado	Cana Campo ⁽¹⁾	Cana Esteira ⁽²⁾
	R\$/Kg ATR	R\$/Kg ATR	R\$/Ton.	R\$/Ton.
Abr/14	0,4802	0,4802	52,43	58,57
Mai	0,4608	0,4697	51,29	57,29
Jun	0,4615	0,4666	50,95	56,91
Jul	0,4643	0,4662	50,90	56,86
Ago	0,4609	0,4654	50,82	56,76
Set	0,4554	0,4637	50,63	56,56
Out	0,4498	0,4615	50,39	56,29
Nov	0,4740	0,4629	50,54	56,46
Dez	0,4894	0,4650	50,77	56,72
Jan/15	0,4952	0,4680	51,10	57,08
Fev	0,5154	0,4717	51,50	57,53
Mar	0,5155	0,4763	52,01	58,09
Ajuste de Final de Safrá			0,4763	

Fonte: Consecana

VALORES DE ATR E PREÇOS DA TONELADA DE CANA-DE-AÇÚCAR CONSECANA SÃO PAULO – SAFRA 2015/2016

Safrá 2015/2016				
Mês/Ano	Mensal	Acumulado	Cana Campo ⁽¹⁾	Cana Esteira ⁽²⁾
	R\$/Kg ATR	R\$/Kg ATR	R\$/Ton.	R\$/Ton.
Abr/15	0,4909	0,4909	53,60	59,87
Mai	0,4737	0,4820	52,63	58,79
Jun	0,4675	0,4765	52,03	58,12
Jul	0,4653	0,4734	51,69	57,74
Ago	0,4731	0,4741	51,77	57,83
Set	0,5007	0,4793	52,33	58,46
Out	0,5467	0,4902	53,52	59,79
Nov	0,5986	0,5044	55,08	61,52
Dez	0,6319	0,5183	56,59	63,22
Jan/16	0,6810	0,5354	58,46	65,30
Fev	0,6991	0,5485	59,89	66,90
Mar	0,6856	0,5552	60,62	67,72
Ajuste de Final de Safrá		0,5552		

Fonte: Consecana

VALORES DE ATR E PREÇOS DA TONELADA DE CANA-DE-AÇÚCAR CONSECANA SÃO PAULO – SAFRA 2016/2017

Safrá 2016/2017				
Mês/Ano	Mensal	Acumulado	Cana Campo ⁽¹⁾	Cana Esteira ⁽²⁾
	R\$/Kg ATR	R\$/Kg ATR	R\$/Ton.	R\$/Ton.
Abr/16	0,5881	0,5881	64,21	71,73
Mai	0,5749	0,5812	63,46	70,89
Jun	0,6154	0,5926	64,71	72,28
Jul	0,6269	0,6028	65,82	73,52
Ago				
Set				
Out				
Nov				
Dez				
Jan/17				
Fev				
Mar				
Ajuste de Final de Safrá				

Fonte: Consecana

AÇÚCAR: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017



AÇÚCAR: TENDÊNCIAS DO MERCADO EM 2016/2017

- Em São Paulo, no spot, o volume de açúcar cristal comercializado vem caindo consideravelmente frente ao mesmo período do ano passado, mas, mesmo assim, os preços estão firmes.
- O Indicador CEPEA/ESALQ do açúcar cristal, cor Icumsa entre 130 e 180 (estado de São Paulo), está cotado a R\$ 85,75 por saca de 50 Kg, baixa de 1,1% nos últimos sete dias.
- Em agosto, a média do Indicador foi de R\$ 85,88 por saca de 50 Kg, leve queda de 0,8% frente a julho, mas 65,3% superior à agosto/2015, em termos reais (valores deflacionados pelo IGP-DI de julho/2016).
- Na Bolsa de Nova York (ICE Futures), as cotações do contrato nº 11 do demerara, com vencimento em outubro/2016, recuaram 2,1% nos últimos sete dias, para 20,18 centavos de dólar por libra-peso.
- Porém, em agosto, esse contrato avançou 5,3%.
- O Indicador de Açúcar Cristal ESALQ/BVMF, referente ao produto posto no Porto de Santos, sem impostos, cor Icumsa máxima de 150, que inclui vendas domésticas e para exportação, caiu 1,3% nos últimos sete dias, para R\$ 85,09 por saca 50 Kg.

AÇÚCAR: TENDÊNCIAS DO MERCADO EM 2016/2017

- Em São Paulo, no atacado, o Indicador de Cristal Empacotado está cotado a R\$ 9,67 por saca de 5 Kg, queda de 1,43% nos últimos sete dias e o açúcar refinado amorfo está cotado a R\$ 2,33 por saca de 1 Kg, recuo de 0,9% no mesmo período.
- Em São Paulo, no spot, nos últimos sete dias, a venda do açúcar cristal remunerou 5,9% a mais que a externa.
- A média semanal do Indicador de Açúcar Cristal CEPEA/ESALQ é de R\$ 86,16 por saca de 50 Kg, enquanto as cotações do contrato nº 11 da Bolsa de Nova York (ICE Futures), com vencimento em Outubro/2016, equivaleriam a R\$ 81,35 por saca de 50 Kg.
- Para esse cálculo, foram consideradas as médias semanais de US\$ 60,04 por tonelada de fobização, de US\$ 81,78 por tonelada de prêmio de qualidade e dólar de R\$ 3,23.
- No segmento de etanol, nos últimos sete dias, o Indicador do anidro apresenta recuo de 0,7%, enquanto o hidratado teve alta de 0,8%.
- Frente ao açúcar cristal, o açúcar remunerou 67% a mais que o anidro e 72% a mais que o hidratado.

AÇÚCAR: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

EM MIL TONELADAS

SAFRA	PRODUÇÃO MUNDIAL	DEMANDA MUNDIAL	ESTOQUES FINAIS	ESTOQUES/ DEMANDA
2006/2007	162.902	152.208	50.010	32,9%
2007/2008	165.660	155.185	60.485	39,0%
2008/2009	144.461	155.465	49.480	31,8%
2009/2010	153.368	154.381	48.467	31,4%
2010/2011	162.189	155.763	54.893	35,2%
2011/2012	172.297	159.208	67.982	42,7%
2012/2013	177.577	164.725	80.834	49,1%
2013/2014	175.010	167.277	88.567	52,9%
2014/2015	171.225	169.200	90.592	53,5%
2015/2016	163.905	170.556	83.941	49,2%
2016/2017	168.000	175.100	76.841	43,9%
VAR. 2015-2016/ 2014-2015 (%)	-4,3%	0,8%	-7,3%	-8,1%
VAR. 2016-2017/ 2015-2016 (%)	2,5%	2,7%	-8,5%	-10,8%

Fontes: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO AÇÚCAR (OIA) e DEPARTAMENTO DE AGRICULTURA DOS EUA (USDA)

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

AÇÚCAR: TENDÊNCIAS DO MERCADO EM 2016/2017

- Segundo dados da Organização Internacional do Açúcar (OIA), divulgados no dia 30/08, a projeção de déficit para a safra global 2016/2017, que se inicia no próximo dia 1º de outubro, foi elevada.
- O consumo será 7,05 milhões de toneladas maior que a produção.
- A estimativa anterior era de 4,0 milhões de toneladas.
- O volume também tende a superar o déficit esperado para o ciclo 2015/2016, de 5,74 milhões de toneladas.
- O déficit previsto para 2016/2017 considera consumo de 175,1 milhões de toneladas, ante uma produção de 168,0 milhões de toneladas.
- Com isso, a relação entre estoques e consumo deverá diminuir de 49,2% neste ano para 43,2% no próximo.
- Na última vez em que essa relação caiu abaixo de 45%, nos ciclos 2009/2010 e 2011/2012, os preços da commodity na Bolsa de Nova York superaram os 24,00 centavos de dólar por libra-peso.
- Atualmente, estão em torno de 20,00 centavos de dólar por libra-peso.

AÇÚCAR: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Após cinco temporadas consecutivas com superávit na oferta mundial de açúcar, as projeções 2015/2016 e 2016/2017 indicam mudança de cenário, baseada em menores produção e estoques globais.
- A queda da produção global se deve aumento nos custos de produção da commodity, a baixa nos preços mundiais, fatores climáticos e demanda global recorde por açúcar.
- No mercado internacional, grandes players como China, Índia e UE deverão produzir menos – os baixos preços na última safra nos mercados europeu e internacional desencorajaram os agricultores a ampliar ou manter as áreas cultivadas com a beterraba açucareira.
- Essa perspectiva aliada ao Real desvalorizado e a uma temporada brasileira novamente mais alcooleira devem favorecer os preços internos em 2016, que apresentam altas desde o 2º semestre de 2015.
- A projeção de déficit global já leva em conta uma produção maior em 2016/2017 da Região Centro-Sul do Brasil.
- A queda da produção no Brasil em 2015/2016 foi fator importante para a inversão do cenário de superávit para déficit no mercado global.

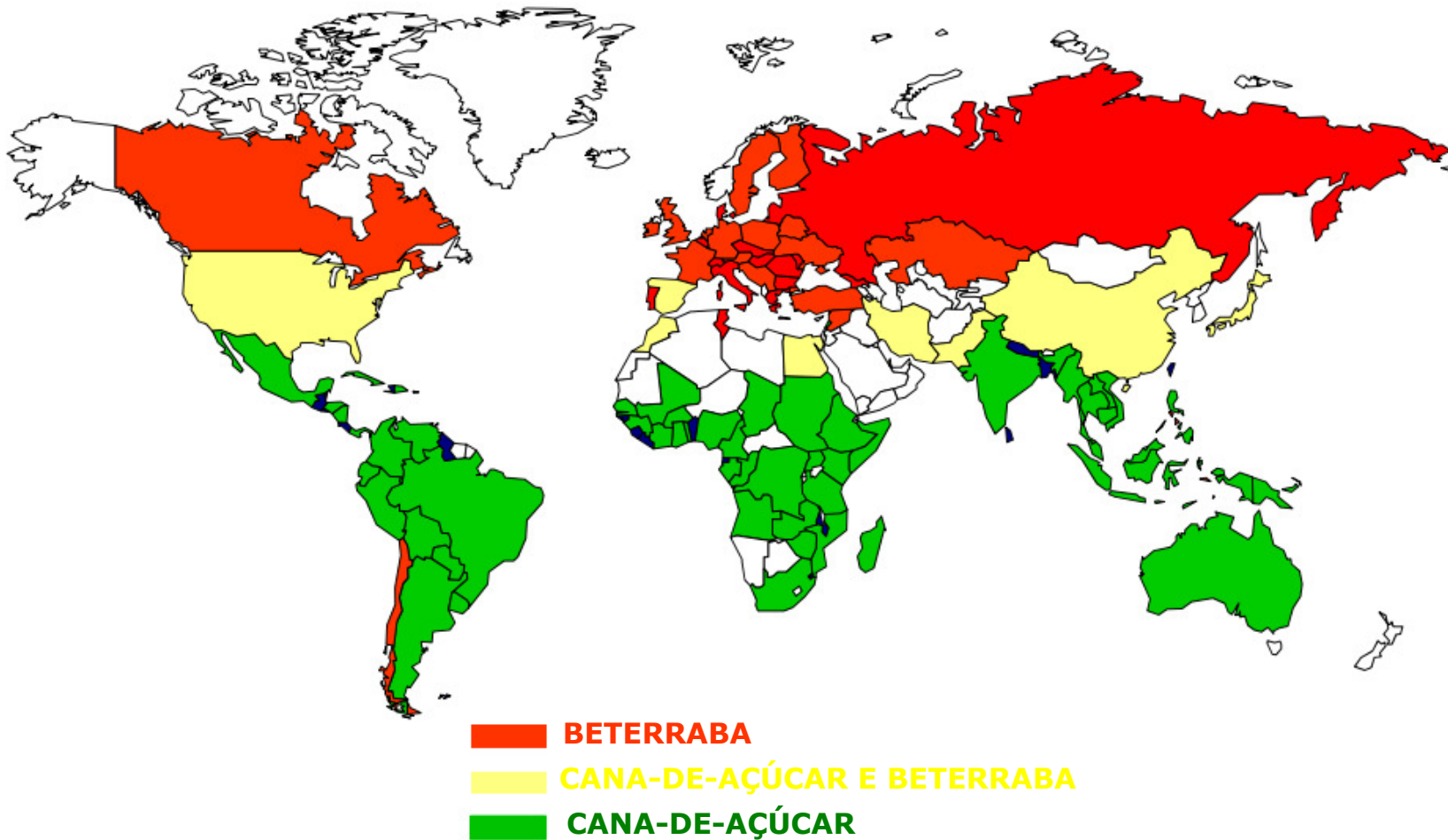
AÇÚCAR: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Para a safra seguinte, de 2017/2018, a Organização Internacional do Açúcar (OIA) estima que haverá aumento da produção, mas ainda insuficiente para atender a demanda crescente.
- Com a expectativa de novo déficit na próxima safra, no próximo período pode finalmente desaparecer o estoque de superávits acumulados ao longo das últimas cinco safras com produção excedente de 2010/2011 até 2014/2015.
- A fim de equilibrar a oferta e a demanda, a produção mundial precisará aumentar mais 7 milhões de toneladas.
- Algum aumento na produção pode ser esperado pela capacidade de processamento existente em vários produtores, incluindo a União Europeia, Tailândia e China.
- No entanto, parece que, para atender integralmente a demanda projetada, seria necessário expandir ainda mais a capacidade, o que exigirá preços globais mais lucrativos, segundo a entidade.
- A escassez de açúcar nos Estados Unidos e na UE pode impulsionar os preços globais do produto se autoridades permitirem mais importações.

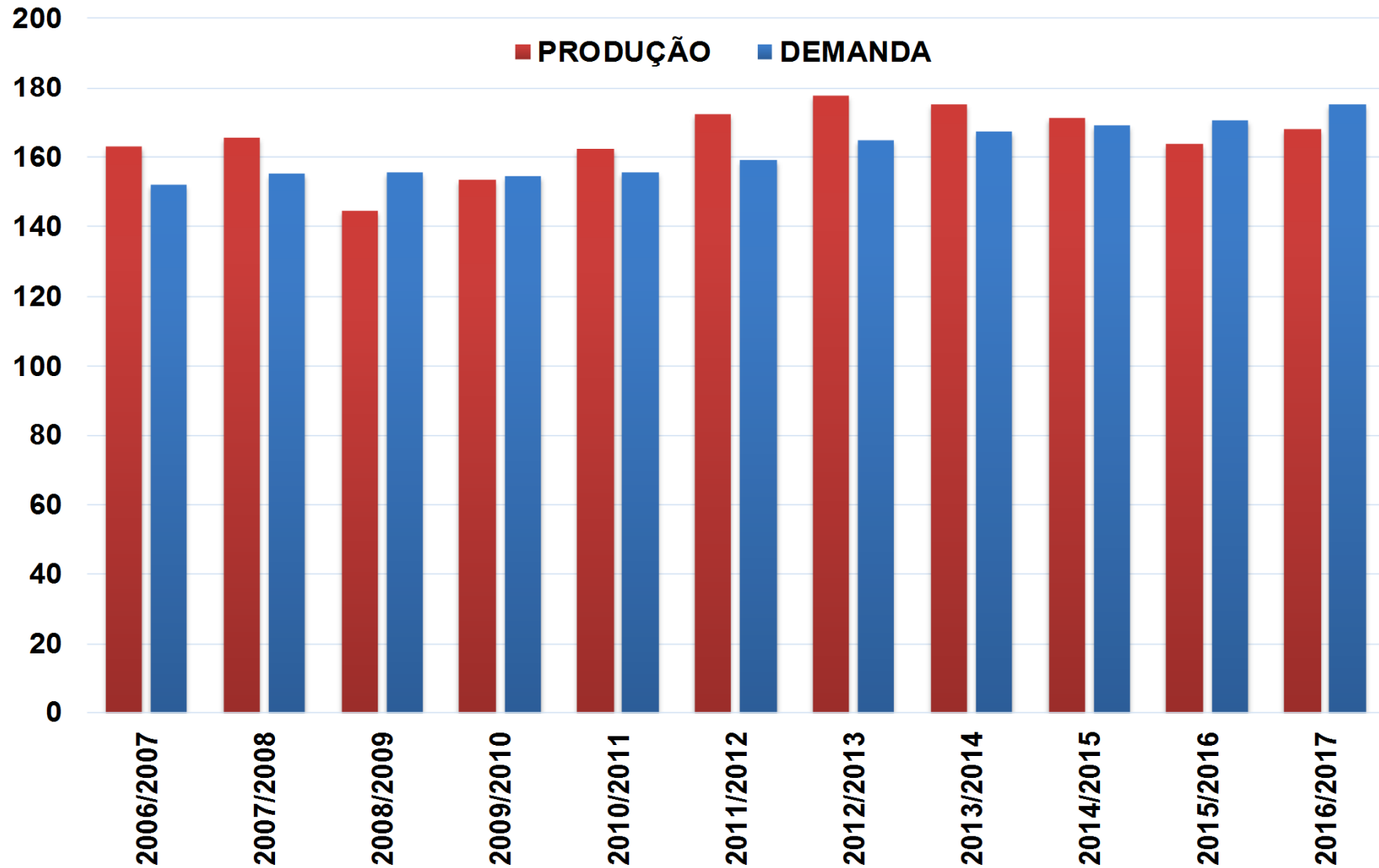
AÇÚCAR: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Para proteger suas indústrias, a UE e os Estados Unidos cobram impostos sobre as importações, mas podem aceitar remessas adicionais do exterior se os estoques estiverem baixos.
- Como a oferta de açúcar de cana nos dois mercados está muito reduzida, a alta dos preços do produto fez com que a indústria pedisse medidas excepcionais.
- Nos Estados Unidos, a escassez de açúcar resulta de uma mudança no gosto dos consumidores, já que empresas de alimentos especializadas em produtos naturais estão evitando cada vez mais açúcar feito de beterrabas, que, naquele país, são quase todas GM.
- No mercado interno dos Estados Unidos, os preços futuros de açúcar bruto de cana subiram 6% em 2016, para 27 centavos de dólar por libra-peso, enquanto os preços de açúcar refinado de beterraba caíram 15%, para 30 centavos de dólar por libra-peso.
- Na UE, a falta do produto decorre de uma safra menor de beterraba, com a diminuição da área plantada e o clima desfavorável, que reduziu a produção em 24% na temporada 2015/2016.

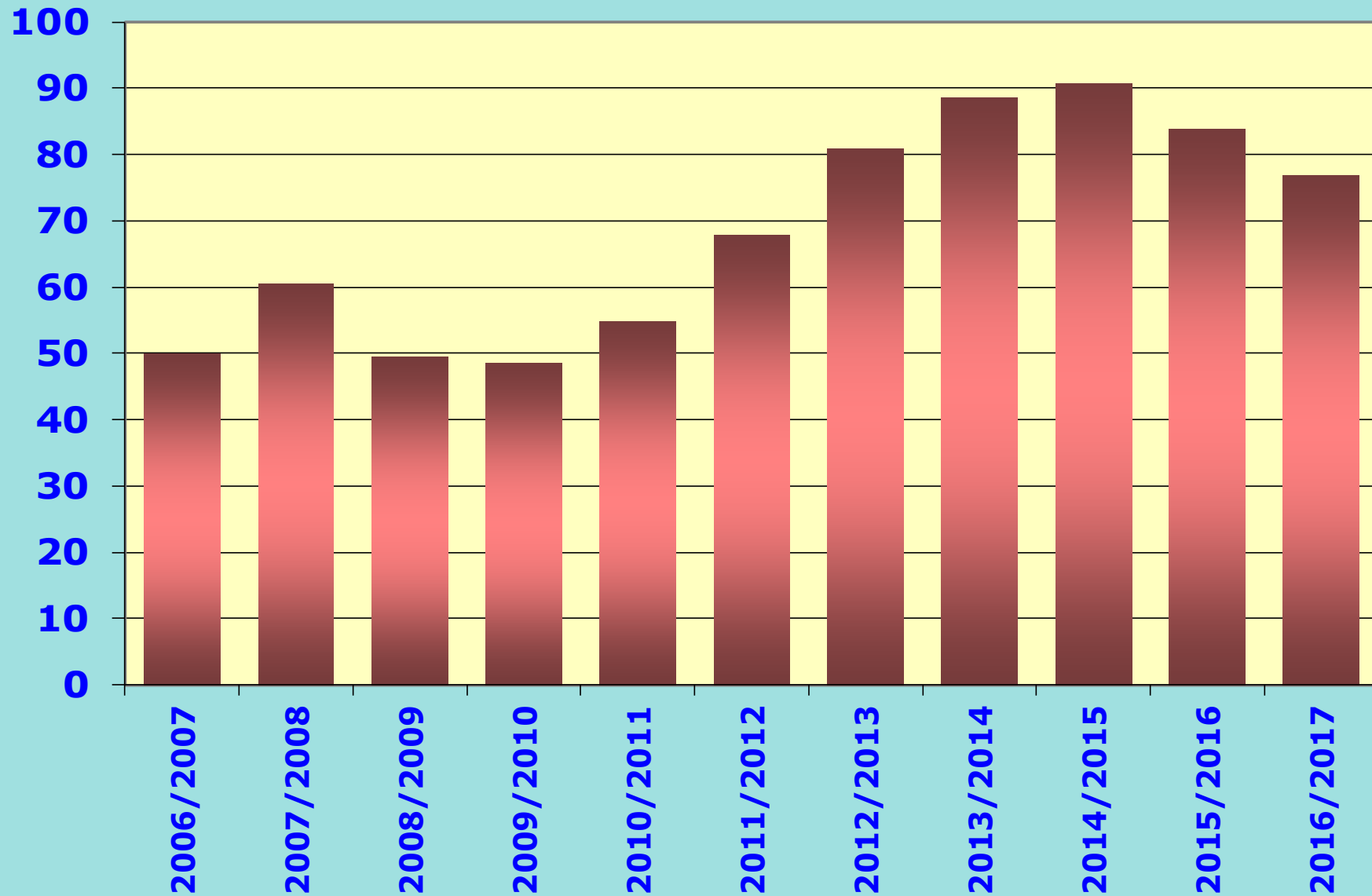
AÇÚCAR: COMPOSIÇÃO DA OFERTA MUNDIAL



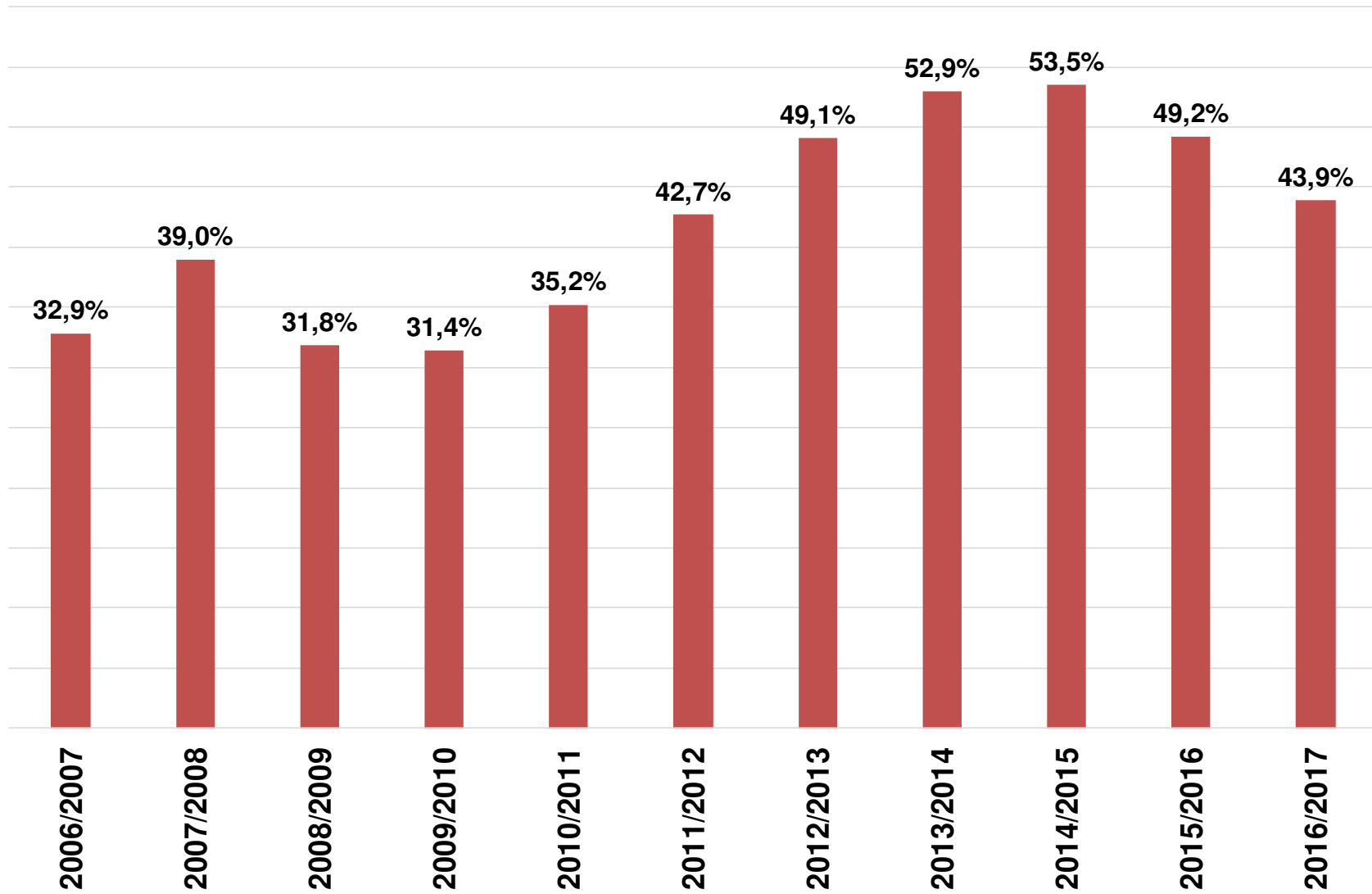
AÇÚCAR: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - MILHÕES DE TONELADAS



AÇÚCAR: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS - MILHÕES DE TONELADAS



AÇÚCAR: RELAÇÃO ESTOQUES FINAIS/DEMANDA MUNDIAL (%)

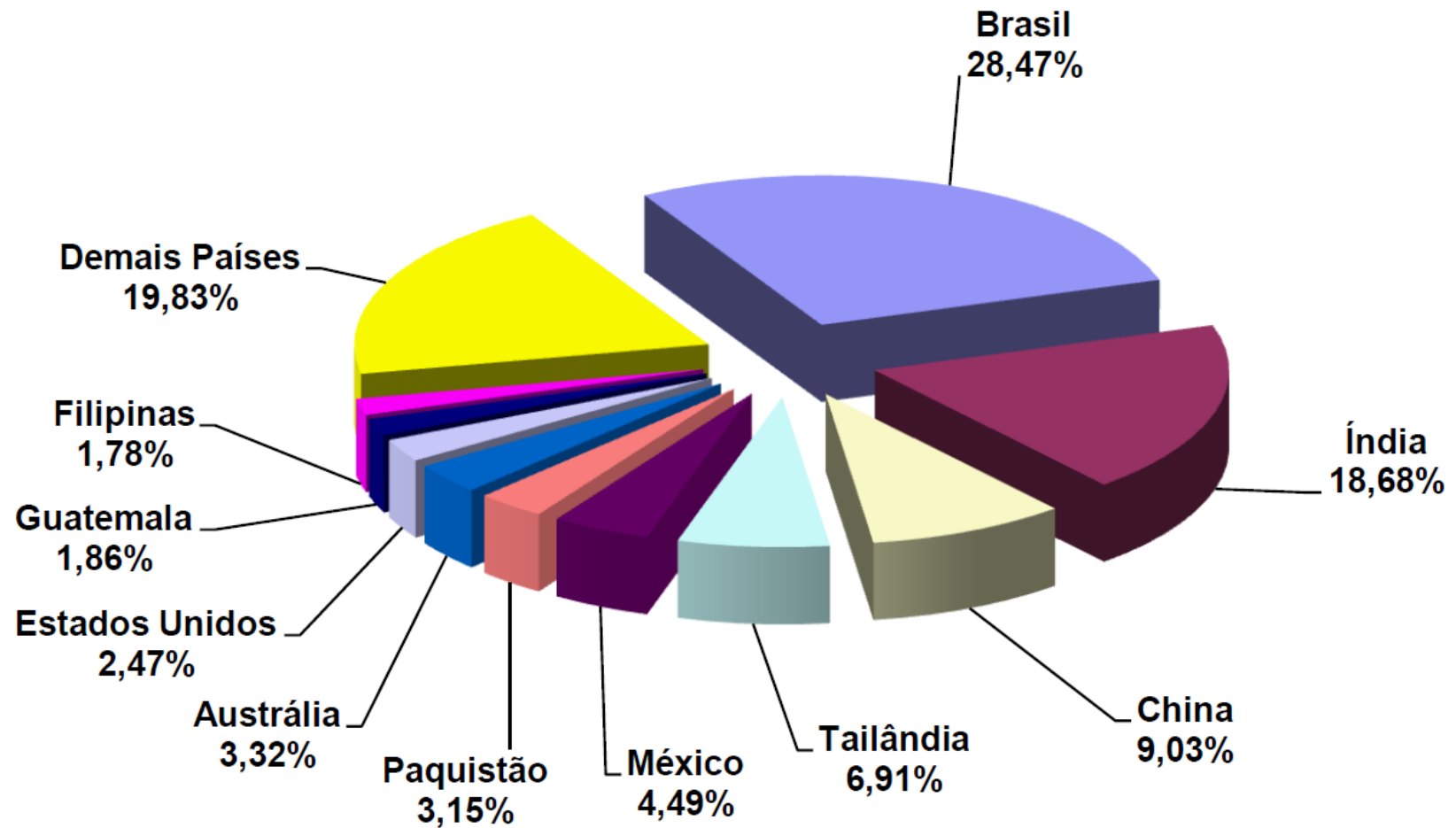


AÇÚCAR: PREÇO MÉDIO NA BOLSA DE NOVA YORK - US\$c/LIBRA-PESO

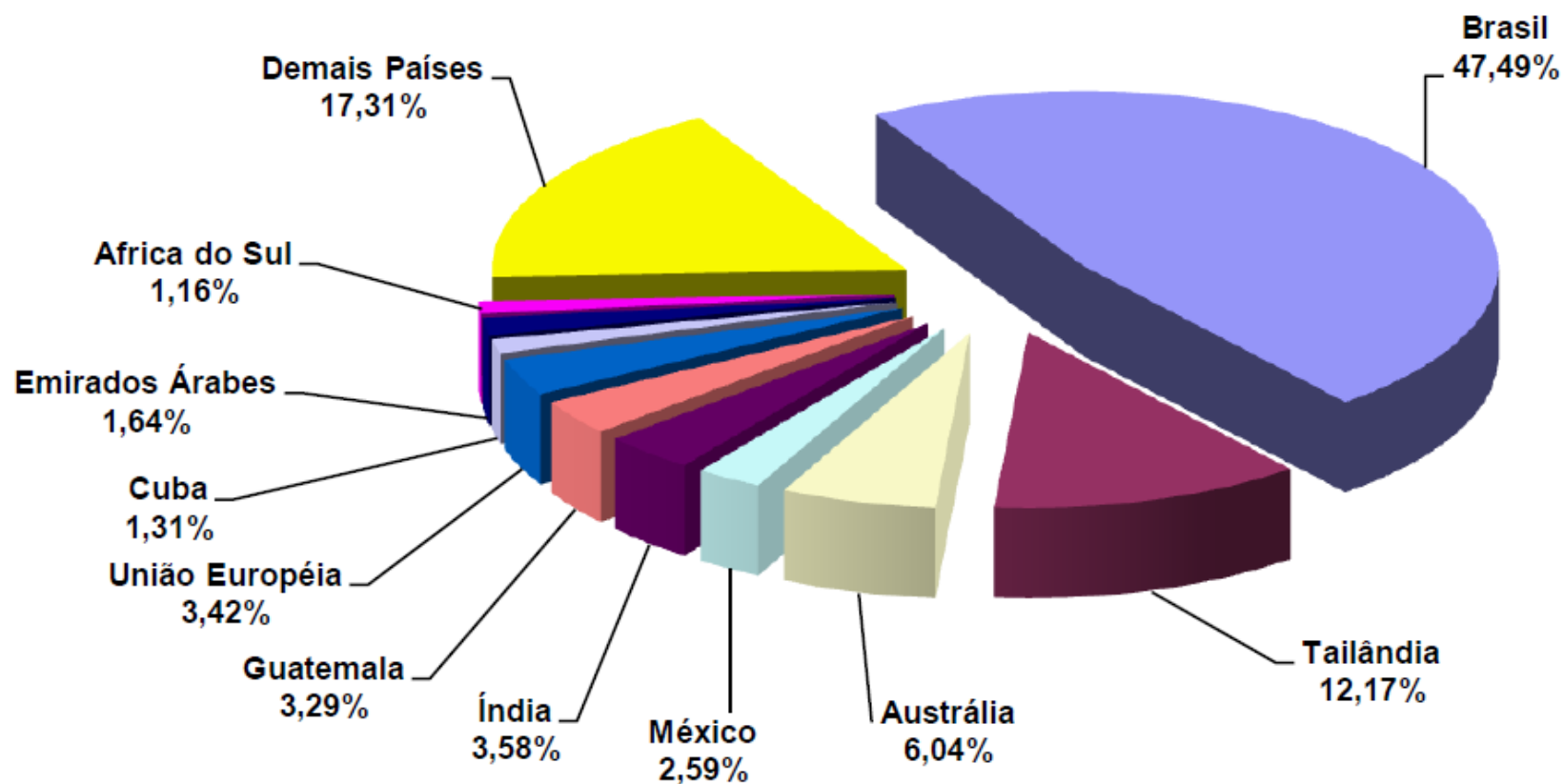


**ALTA DE 87% NOS
ÚLTIMOS 12 MESES**

AÇÚCAR: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL EM 2015/2016



AÇÚCAR: DISTRIBUIÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS NA SAFRA 2015/2016



INDIA: SUGAR PRODUCTION AND SUPPLY – 1000 TONS

	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Beginning Stocks	12.296	5.880	6.223	6.299	7.163	9.373	8.227	10607	9707
Total Sugar Production	15.950	20.637	26.574	28.620	27.337	26.605	30.460	27700	25500
Total Imports	1.358	2.431	455	188	1.722	1.078	1.000	1100	1000
Total Supply	29.604	28.948	33.252	35.107	36.222	37.056	39.687	39407	36207
Total Exports	224	225	3.903	3.764	1.261	2.806	2.580	2900	1000
Total Use	23.500	22.500	23.050	24.180	25.588	26.023	26.500	26800	27200
Ending Stocks	5.880	6.223	6.299	7.163	9.373	8.227	10.607	9707	8007

THAILAND: SUGAR PRODUCTION AND SUPPLY – 1000 TONS

	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Beginning Stocks	2.651	2.556	2.343	2.983	2.810	3.616	5.254	5263	3603
Total Sugar Production	7.200	6.930	9.663	10.235	10.024	11.333	10.793	9740	10100
Total Imports	0	7	19	0	0	0	0	0	0
Total Supply	9.851	9.493	12.025	13.218	12.834	14.949	16.047	15003	13703
Total Exports	5.295	4.930	6.642	7.898	6.693	7.200	8.252	8800	9000
Total Use	2.000	2.220	2.400	2.510	2.525	2.495	2.532	2600	2650
Ending Stocks	2.556	2.343	2.983	2.810	3.616	5.254	5.263	3603	2053

CHINA: SUGAR PRODUCTION AND SUPPLY – 1000 TONS

	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Beginning Stocks	3.965	3.784	2.355	1.621	4.140	6.793	8.832	7287	4872
Total Sugar Production	13.317	11.429	11.199	12.341	14.001	14.263	11.000	8430	8230
Total Imports	1.077	1.535	2.143	4.430	3.802	4.275	5.058	6700	7900
Total Supply	18.359	16.748	15.697	18.392	21.943	25.331	24.890	22417	21002
Total Exports	75	93	76	52	50	54	45	45	45
Total Use	14.500	14.300	14.000	14.200	15.100	16.445	17.558	17500	17800
Ending Stocks	3.784	2.355	1.621	4.140	6.793	8.832	7.287	4872	3157

AUSTRALIA: SUGAR PRODUCTION AND SUPPLY – 1000 TONS

	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Beginning Stocks	400	487	413	193	64	83	111	140	380
Total Sugar Production	4.814	4.700	3.700	3.683	4.250	4.380	4.700	5000	5000
Total Imports	41	78	163	144	87	90	90	90	90
Total Supply	5.255	5.265	4.276	4.020	4.401	4.553	4.901	5230	5470
Total Exports	3.522	3.600	2.750	2.800	3.100	3.242	3.561	3650	3900
Total Use	1.246	1.252	1.333	1.156	1.218	1.200	1.200	1200	1200
Ending Stocks	487	413	193	64	83	111	140	380	370

MEXICO: SUGAR PRODUCTION AND SUPPLY – 1000 TONS

	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Beginning Stocks	1.975	623	973	806	1.024	1.548	881	860	1440
Total Sugar Production	5.260	5.115	5.495	5.351	7.393	6.382	6.344	6555	6466
Total Imports	159	861	307	505	230	139	161	74	10
Total Supply	7.394	6.599	6.775	6.662	8.647	8.069	7.386	7489	7916
Total Exports	1.378	751	1.558	985	2.091	2.661	1.545	1188	1606
Total Use	5.393	4.875	4.411	4.653	5.008	4.527	4.981	4861	4931
Ending Stocks	623	973	806	1.024	1.548	881	860	1440	1379

EUROPEAN UNION: SUGAR PRODUCTION AND SUPPLY – 1000 TONS

	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Beginning Stocks	3.130	2.232	1.433	1.974	3.303	3.836	3.066	4068	1268
Total Sugar Production	14.290	16.897	15.939	18.320	16.655	16.020	18.449	14000	16500
Total Imports	3.180	2.561	3.755	3.552	3.790	3.262	2.916	3500	3500
Total Supply	20.600	21.690	21.127	23.846	23.748	23.118	24.431	21568	21268
Total Exports	1.332	2.647	1.113	2.343	1.662	1.552	1.663	1500	1500
Total Use	17.036	17.610	18.040	18.200	18.250	18.500	18.700	18800	18800
Ending Stocks	2.232	1.433	1.974	3.303	3.836	3.066	4.068	1268	968

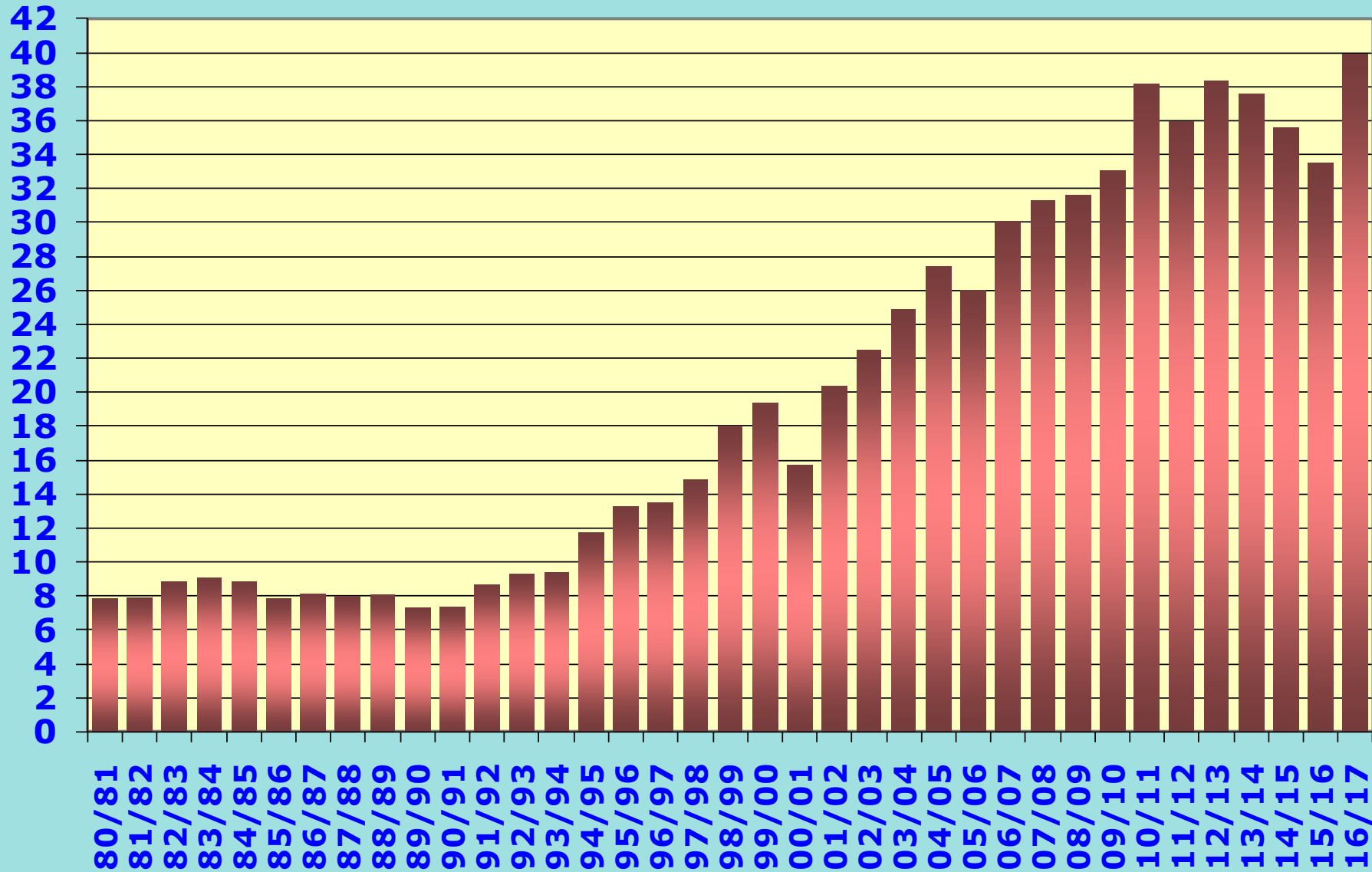
RUSSIA: SUGAR PRODUCTION AND SUPPLY – 1000 TONS

	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Beginning Stocks	550	481	399	350	390	395	370	100	180
Total Sugar Production	3.481	3.444	2.996	5.545	5.000	4.400	4.350	5200	5320
Total Imports	2.150	2.223	2.510	510	735	1.020	1.100	700	750
Total Supply	6.181	6.148	5.905	6.405	6.125	5.815	5.820	6000	6250
Total Exports	200	34	17	300	15	30	10	10	10
Total Use	5.500	5.715	5.538	5.715	5.715	5.415	5.710	5810	5890
Ending Stocks	481	399	350	390	395	370	100	180	350

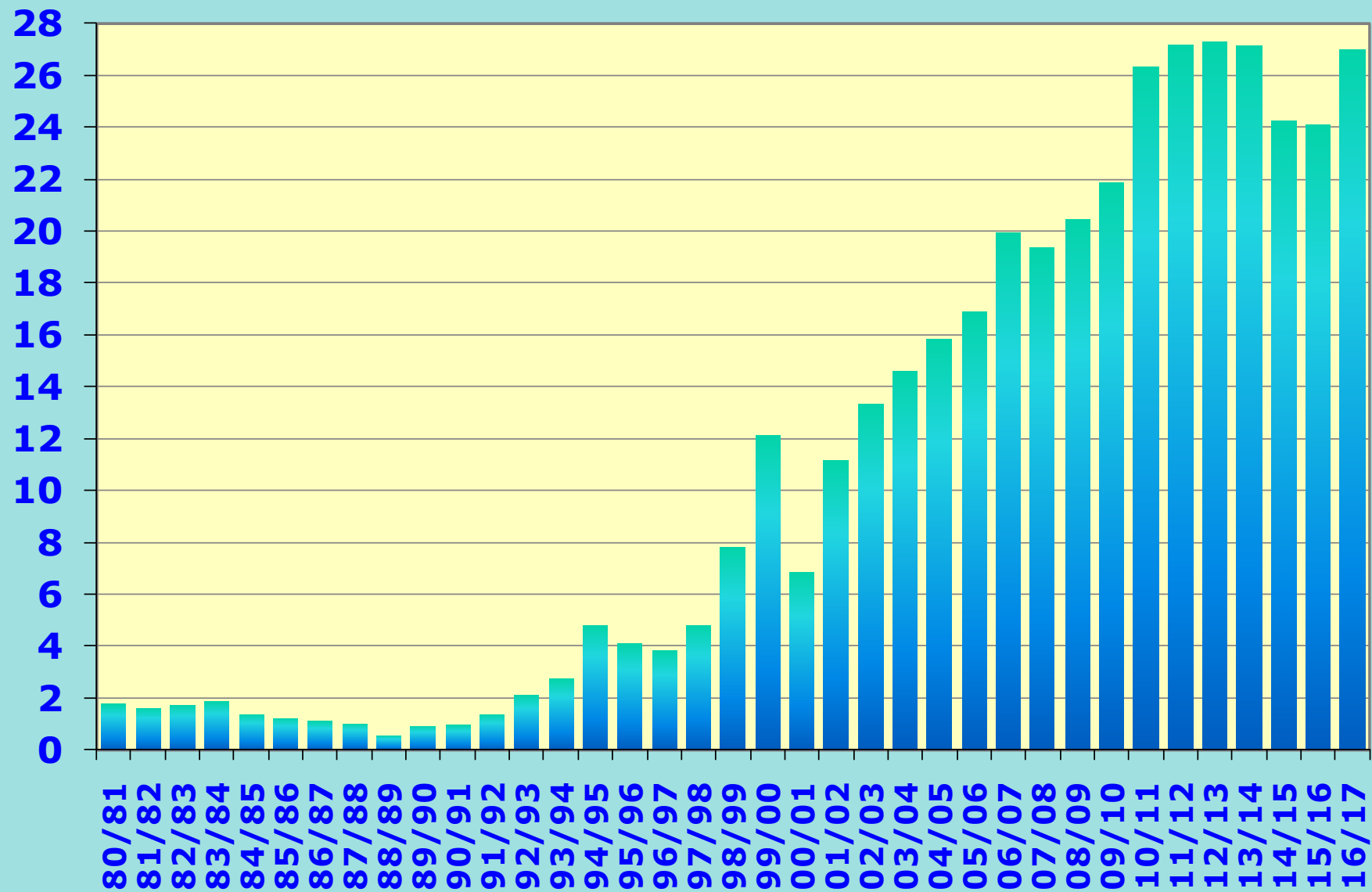
WORLD TOTAL: SUGAR PRODUCTION AND SUPPLY – 1000 TONS

	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
Beginning Stocks	43.080	29.836	28.028	29.491	35.190	42.521	43.928	45762	37763
Total Sugar Production	143.833	153.184	162.221	172.349	177.958	176.101	177.224	164923	169331
Total Imports	42.333	48.261	49.119	48.563	51.879	51.354	50.883	54437	55616
Total Supply	229.246	231.281	239.368	250.403	265.027	269.976	272.035	265122	262710
Total Exports	44.962	48.327	53.939	54.994	55.690	57.876	55.032	54871	55632
Total Use	154.448	154.926	155.938	160.219	166.816	168.172	171.241	172488	174250
Ending Stocks	29.836	28.028	29.491	35.190	42.521	43.928	45.762	37763	32828

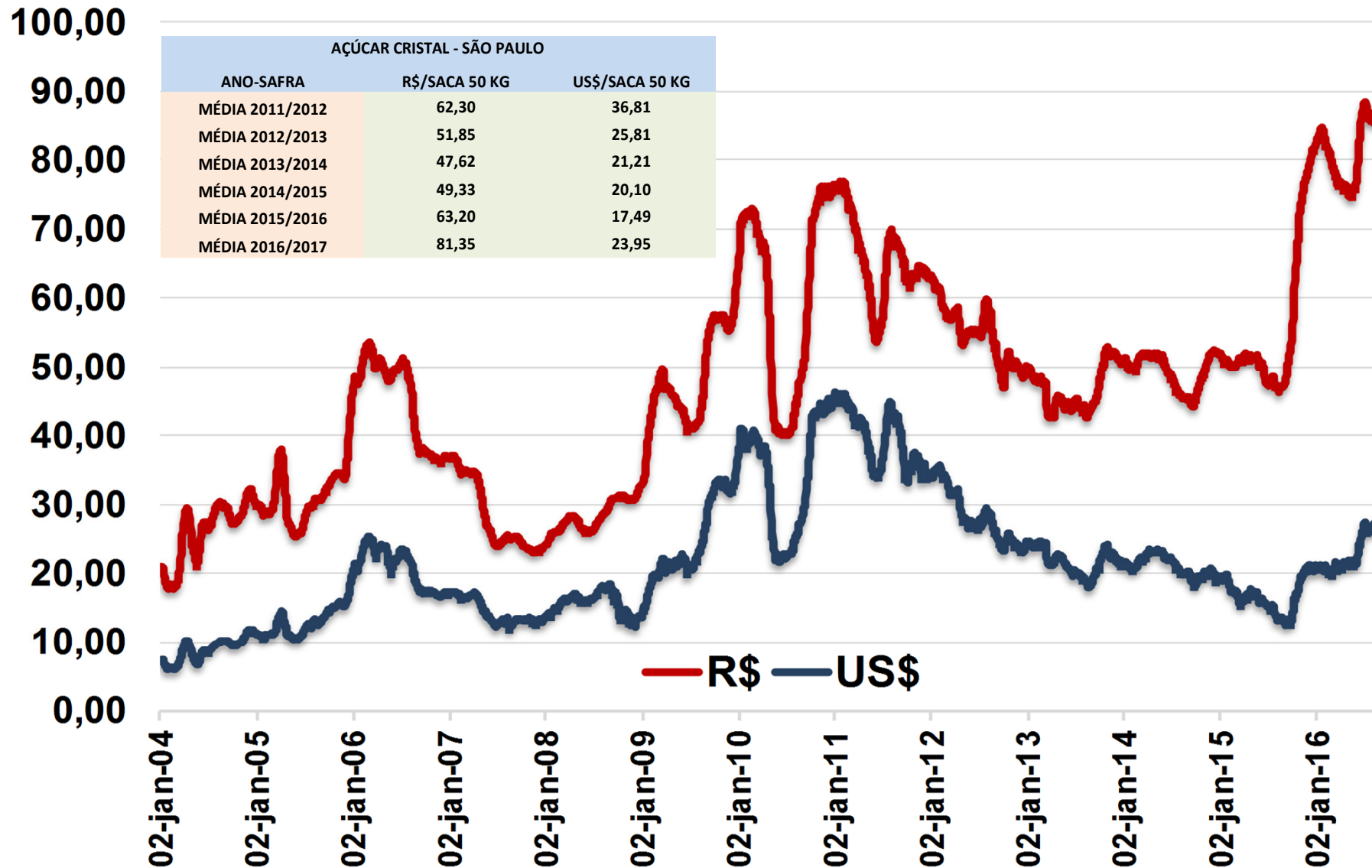
AÇÚCAR: PRODUÇÃO BRASILEIRA EM MILHÕES DE TONELADAS



AÇÚCAR: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MILHÕES DE TONELADAS



AÇÚCAR CRISTAL: PREÇOS NAS USINAS EM R\$ E US\$ POR SACA 50 KG - JAN/04 A AGO/16



ETANOL: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017



ETANOL: TENDÊNCIAS DO MERCADO EM 2016/2017

- As chuvas no encerramento de agosto, a possibilidade de novas precipitações nesta semana e o feriado desta quarta-feira (07/09), sustentam as cotações do etanol hidratado em São Paulo.
- Nos últimos sete dias, o Indicador semanal CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo) do hidratado apresenta cotação de R\$ 1,5609 por litro, aumento de 0,88% no período.
- Além da redução pontual da oferta, por conta da interrupção da moagem devido ao clima, as usinas estão com menor interesse em negociar o hidratado no spot.
- A boa remuneração do açúcar vem fazendo com que algumas unidades priorizem a produção e a comercialização deste alimento.
- Nos últimos sete dias, o anidro teve baixa de 0,74%, com o Indicador semanal CEPEA/ESALQ (São Paulo) cotado a R\$ 1,7121 por litro.
- Em agosto, a média das cinco semanas do Indicador semanal do hidratado foi de R\$ 1,5610 por litro, alta de 3,9% frente à de julho, enquanto a do anidro foi de R\$ 1,7228 por litro, avanço de 5,1%.

ETANOL: TENDÊNCIAS DO MERCADO EM 2016/2017

- No segmento de etanol, a produção total deve atingir 27,8 bilhões de litros em 2016/2017, com redução de 8,5% sobre 2015/2016, por causa da preferência pela produção de açúcar.
- A produção de etanol anidro, utilizada na mistura com a gasolina, deverá ter aumento de 1,3%, alcançando 11,49 bilhões de litros.
- Para a produção de etanol hidratado, o total deverá atingir 16,38 bilhões de litros, redução de 14,9% ou 2,87 bilhões de litros, resultado do menor consumo deste combustível.
- De acordo com União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), a oferta de etanol hidratado está mais ajustada à demanda neste ano, e as cotações do biocombustível, utilizado diretamente no tanque dos veículos, dificilmente registrarão variações expressivas durante a entressafra de cana-de-açúcar, entre janeiro e março de 2017.
- O mercado está em equilíbrio e não sinaliza altas significativas.
- O valor do produto nas usinas, sem impostos, atingiu uma média de R\$ 1,50 por litro nas últimas quatro semanas.

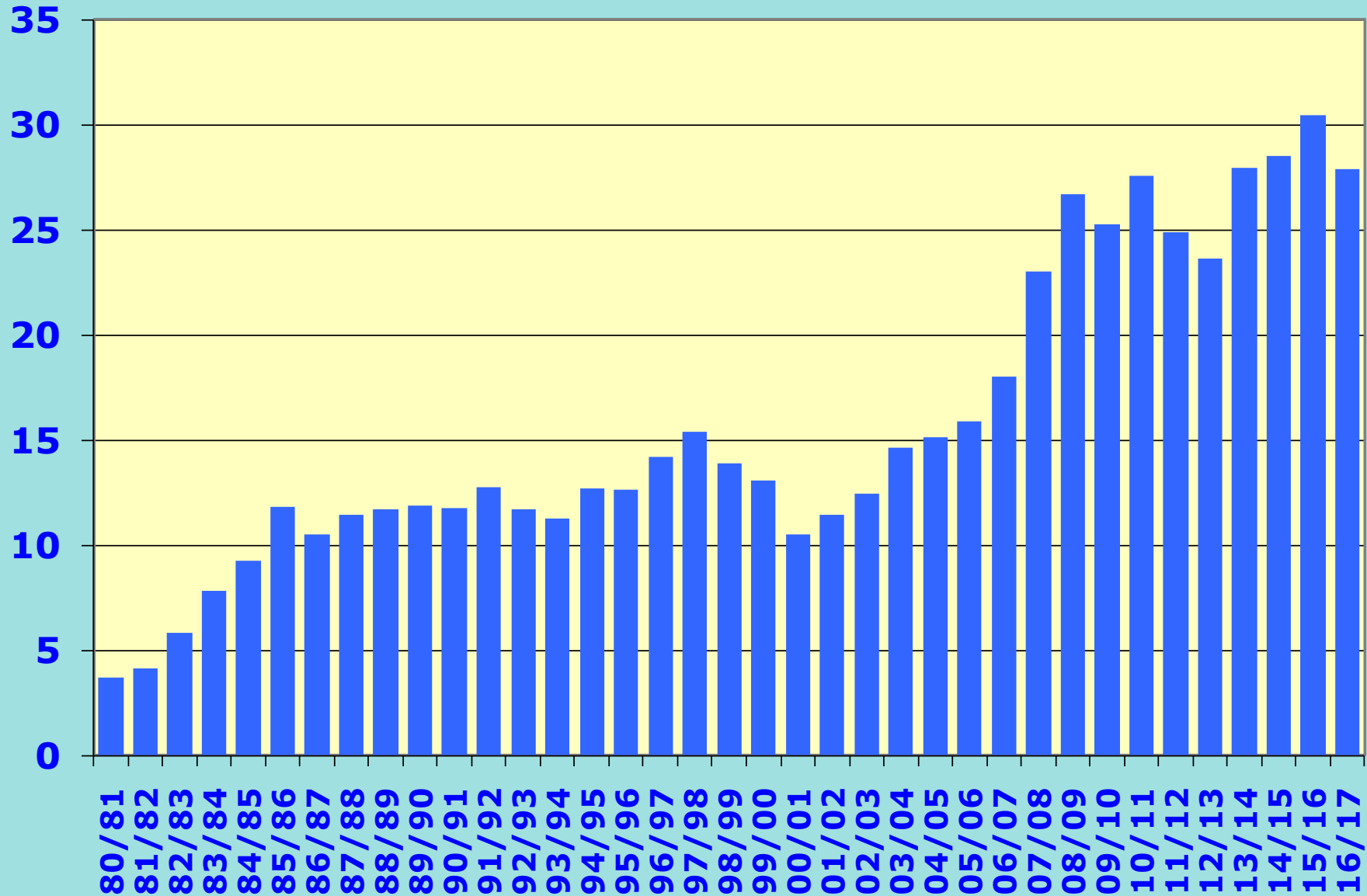
ETANOL: TENDÊNCIAS DO MERCADO EM 2016/2017

- Para os próximos meses, os contratos futuros da BM&F apontam para R\$ 1,62 por litro em dezembro, um pico de R\$ 1,66 em janeiro e novo recuo, para R\$ 1,64, em março, antes do início de mais uma temporada de cana-de-açúcar no Centro-Sul do Brasil.
- A valorização sinalizada pelo mercado futuro contrasta com a registrada na última entressafra, quando o hidratado superou R\$ 1,90 por litro.
- O reajuste feito pela Petrobras e a reintrodução da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre a gasolina fizeram a demanda de combustíveis se voltar para o hidratado no ano passado, o que justificou a alta do etanol.
- O consumo mensal do biocombustível chegou a bater recordes em 2015, com mais de 1,6 bilhão de litros.
- O cenário agora sugere demanda entre 1,2 bilhão e 1,3 bilhão de litros até o começo da safra 2017/2018.
- Mudanças nesse padrão só ocorreriam via alterações na ordem do mercado.

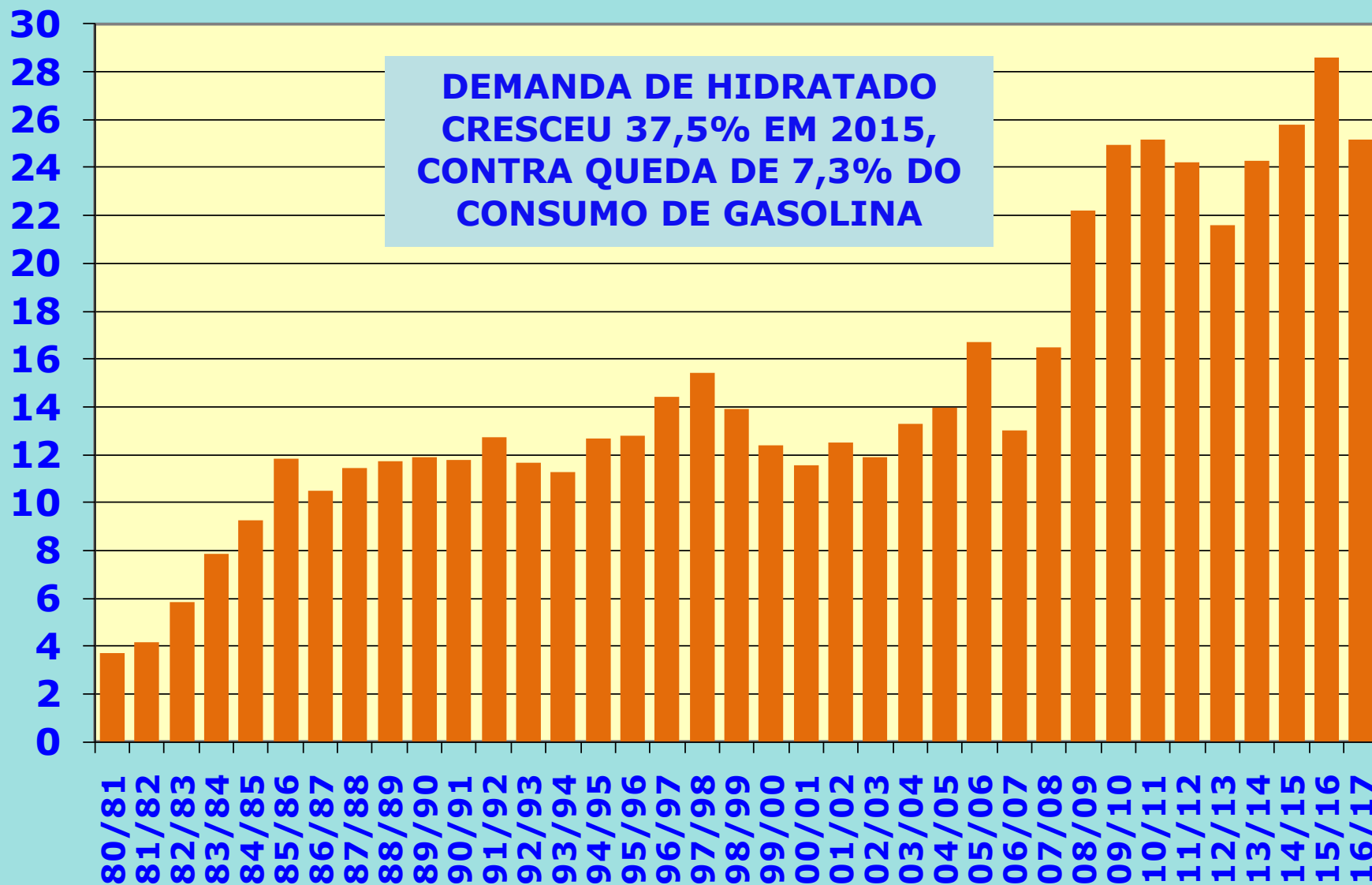
ETANOL: TENDÊNCIAS DO MERCADO EM 2016/2017

- Mas, além de não haver no radar de curto prazo a possibilidade de reajustes na gasolina, ainda não há revisões de safra pela Unica.
- A moagem de cana-de-açúcar continua confirmada entre 605 e 630 milhões de toneladas.
- Pelos dados mais recentes da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) compilados pela Unica, o consumo de hidratado carburante no Centro-Sul totalizou 1,23 bilhão de litros em julho, acréscimo de 4,58% sobre o mês anterior.
- Em São Paulo, principal Estado consumidor, as vendas alcançaram 751,98 milhões de litros, com incremento de 4,11% sobre junho.
- O Brasil exportou 168,6 milhões de litros de etanol em agosto, volume 23% inferior ao de 219 milhões de litros de julho.
- Na comparação com agosto de 2015, quando foram embarcados 196,2 milhões de litros, os embarques do produto ao exterior caíram 14,1.
- No acumulado de 2016, as exportações alcançam 1,470 bilhão de litros (+54,9%), com receita de US\$ 713,4 milhões (+47,4%).

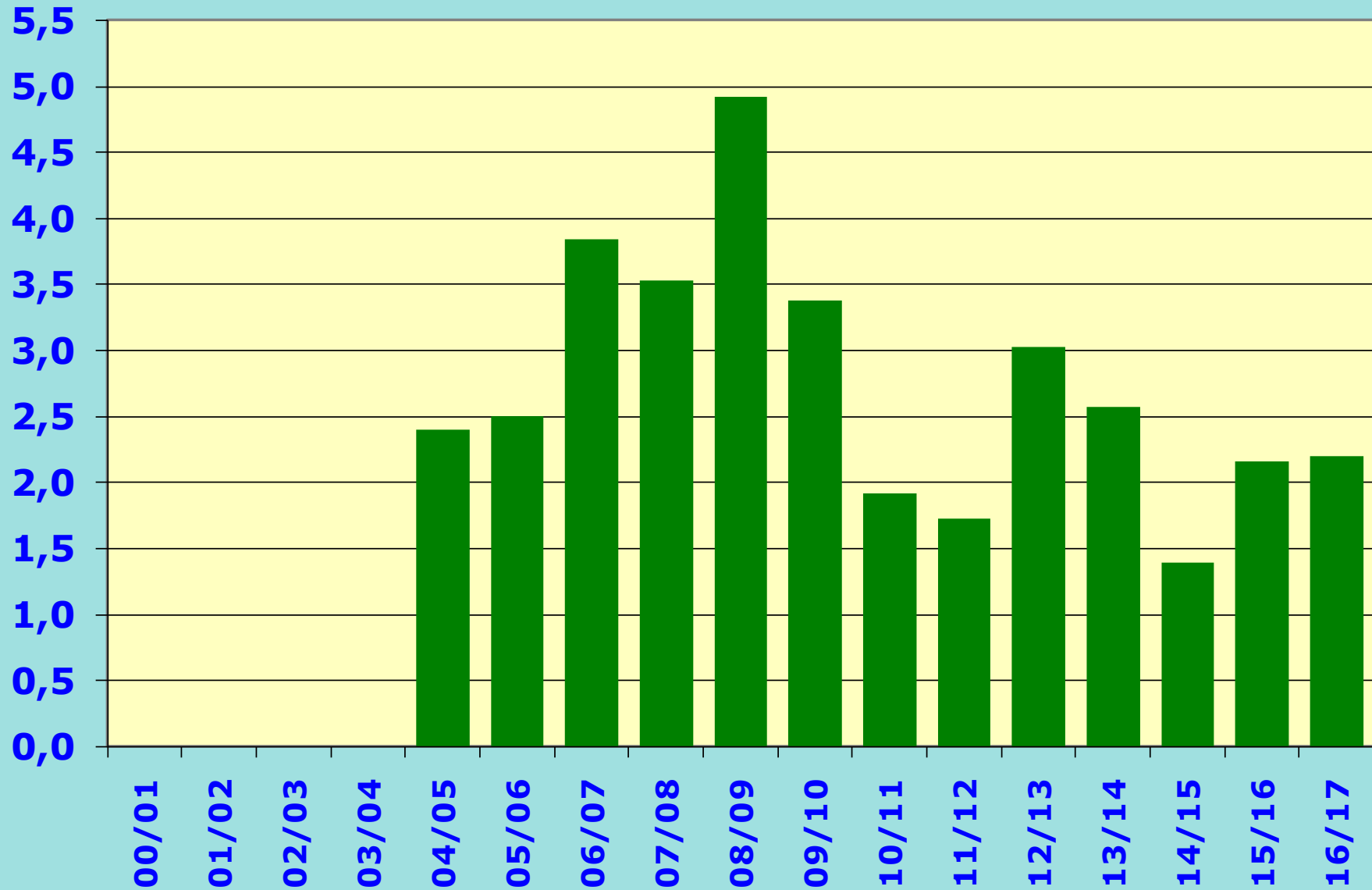
ETANOL: PRODUÇÃO BRASILEIRA EM BILHÕES DE LITROS



ETANOL: DEMANDA INTERNA EM BILHÕES DE LITROS

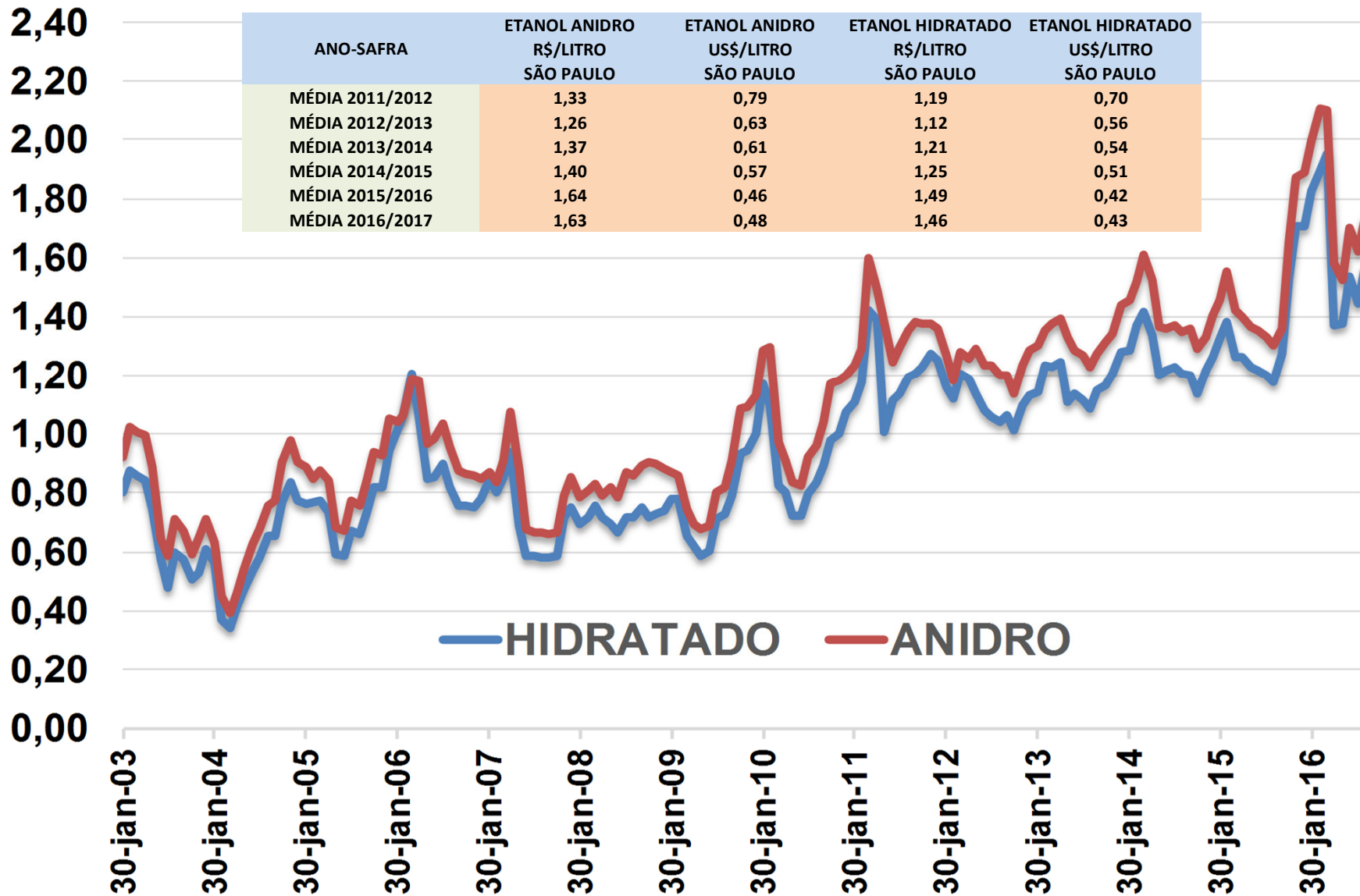


ETANOL: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM BILHÕES LITROS



ETANOL: PREÇOS HIDRATADO x ANIDRO

R\$/LITRO USINA - JAN/2003 A AGO/2016



ETANOL: CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- O governo do Brasil não tem planos de estender uma isenção de PIS/Cofins nas vendas de etanol que expira no final deste ano, em meio a um esforço para reequilibrar as contas públicas.
- O governo conta com esta receita que entraria nos cofres públicos com o fim da isenção.
- O movimento pode tornar o etanol menos interessante economicamente para consumidores e setor produtivo, levando o Brasil a produzir e exportar mais açúcar.
- As importações de gasolina também poderiam aumentar para atender a uma demanda maior, uma vez que o combustível fóssil ganharia competitividade frente ao etanol hidratado.
- A indústria de etanol ganhou um alívio nos últimos anos com uma alta da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) sobre os combustíveis, que impacta sobre a gasolina, favorecendo as vendas do biocombustível.
- Em 2013, o governo isentou temporariamente os tributos PIS/Cofins, de R\$ 0,12 litro, nas vendas de etanol.

ETANOL: CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- O objetivo, na época, foi ajudar a indústria de cana-de-açúcar que lidava com preços baixos do açúcar e falta de competitividade do etanol frente à gasolina, uma vez que o combustível fóssil era mantido artificialmente em valores baixos com o governo tentando evitar repasses para a inflação.
- Desde então, o aumento da Cide na gasolina e menos intervenção governamental nos preços ajudaram a indústria de etanol, juntamente com uma recuperação nas cotações do açúcar no mercado global.
- As usinas estão tentando convencer o governo a manter a isenção, afirmando que o governo deveria usar a medida para valorizar os benefícios ambientais do etanol e evitar desencorajar a produção.
- O fim da isenção seria outro motivo para usinas produzirem mais açúcar na próxima safra em detrimento do etanol, uma vez que o açúcar já está oferecendo melhores retornos que o biocombustível neste ano, diante de um projetado déficit global.
- Quando a isenção de PIS/Cofins foi implementada, a estimativa foi de que o governo deixaria de arrecadar R\$ 1,00 bilhão por ano.

ETANOL: CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- Entretanto, os volumes vendidos cresceram desde então, o que poderia levar a uma arrecadação maior que esse montante.
- O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, afirmou que as discussões sobre o fim da isenção do PIS/Cofins para o setor de etanol não cabem à sua pasta, mas lembrou que as avaliações sobre a continuidade ou não do apoio ao setor ocorrem em um governo que precisa arrecadar.
- O fim da isenção de etanol deverá causar um aumento das importações de gasolina pelo Brasil para atender maior demanda pelo combustível, enquanto o consumo de etanol recua.
- Distribuidores de combustíveis no Brasil já estão importando diesel para aproveitar o fato de os preços locais estarem mais altos que os valores internacionais e, provavelmente, ocorrerá o mesmo com a gasolina.
- A Petrobras está sendo dirigida de uma forma mais orientada para o mercado e, uma vez que é possível ter mais lucro importando do que produzindo sua própria gasolina, o mais provável é que os distribuidores e a Petrobras importem gasolina para compensar alguma demanda causada pela taxa do etanol.

ETANOL: CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- O setor sucroenergético esperava apenas o fim da interinidade do governo do presidente em exercício Michel Temer (PMDB) para conversar sobre uma política tributária diferenciada para o etanol.
- Entre as demandas do setor estão a manutenção da isenção do PIS/Cofins sobre o etanol hidratado, de R\$ 0,12 por litro nas usinas, prevista para acabar em janeiro, e também o aumento da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) cobrada sobre a gasolina, atualmente em R\$ 0,10 por litro nos postos.
- O governo Temer já mostrou que opta por um menor nível de intervenção na economia, fato que é importante, principalmente nos preços dos combustíveis.
- No governo Dilma Rousseff, houve congelamento do preço da gasolina para segurar a inflação, o que limitou também altas do preço do etanol.
- Os ganhos sociais e ambientais de combustíveis renováveis precisam ser reconhecidos por meio de diferenciais tributários sobre combustíveis derivados de petróleo.
- Por isso, é preciso uma política tributária que corrija os preços relativos.

ETANOL: CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- No Brasil, o consumo de etanol hidratado deve recuar 19% em 2016, em relação à 2015, caindo de 17,9 bilhões, para 14,5 bilhões de litros.
- A queda ocorre por conta de uma menor oferta do combustível e da substituição da produção maior de açúcar pelas usinas em detrimento do etanol utilizado para abastecimento dos veículos.
- Após três anos de alta, a participação do etanol anidro e hidratado na matriz dos combustíveis de ciclo Otto (gasolina e etanol) deve recuar de 42,0%, no ano passado, para 39,6% em 2016.
- Em 2012, essa participação era de 30,3%, avançou para 33,7% em 2013, para 36,2% em 2014 e para 42,0% no ano passado.
- O recorde é 45% de participação do etanol no consumo de combustíveis do ciclo Otto e foi obtido em 2009.
- A queda de 19% no consumo de etanol este ano deve ser bem maior que a redução da demanda somada de etanol e gasolina, que até julho caiu 1,3% no País ante igual período de 2015.
- Em 2015, ficou praticamente estável, com alta de 0,2% sobre 2014.

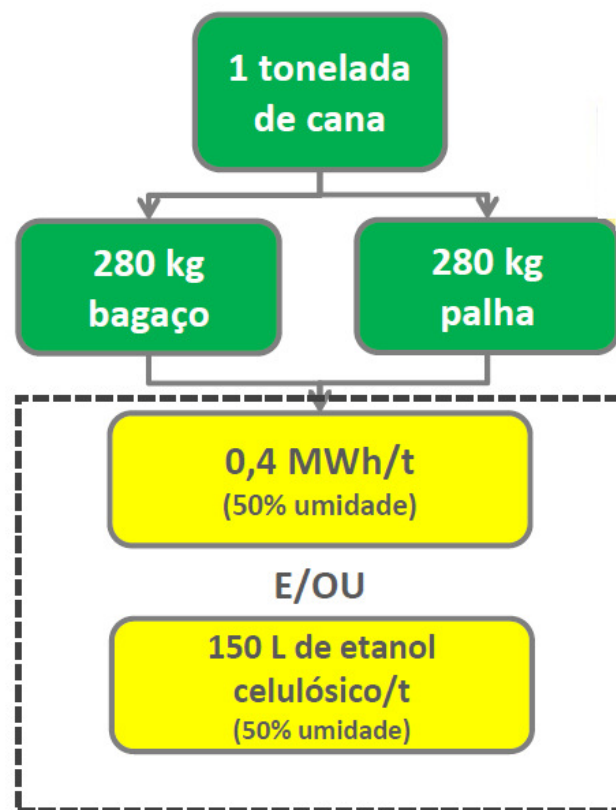
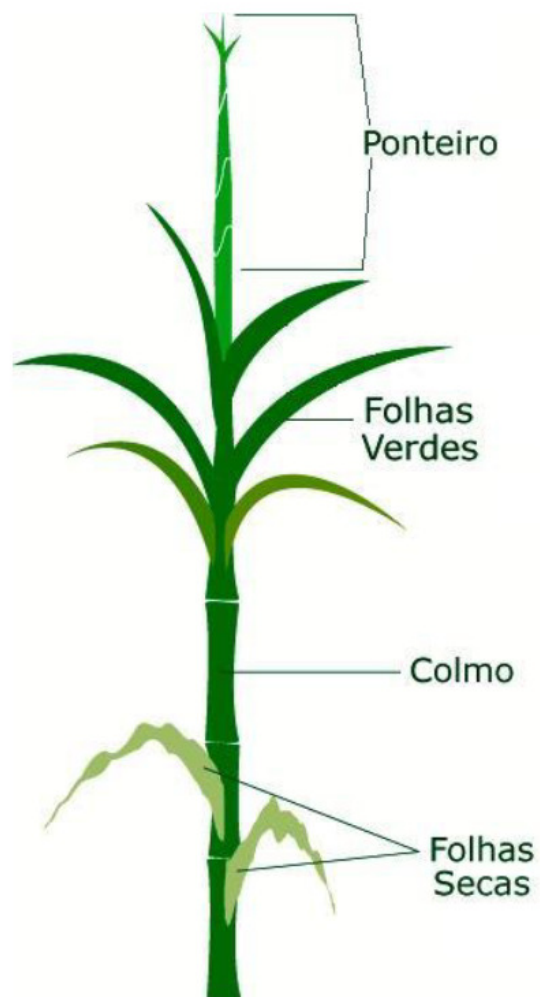
ETANOL: CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- O consumo médio mensal de etanol hidratado, em 1,3 bilhão de litros até agora, deve recuar para entre 1,0 bilhão e 1,1 bilhão de litros no mercado interno para que a oferta e a demanda do combustível de cana-de-açúcar se equalizem ao fim da entressafra, em março de 2017.
- Os valores dos etanóis seguem em tendência de alta nas usinas.
- Para suportarem o crescimento do consumo de gasolina na entressafra, usinas do Centro-Sul aumentam os estoques de etanol anidro.
- No Centro-Sul, os estoques de etanol são 17,5% maiores do que no mesmo período do ano passado.
- No segmento do etanol, o mercado mundial deve continuar a ser dominado por Estados Unidos e Brasil, respectivamente como primeiro e segundo maiores produtores globais.
- Por conta da demanda doméstica, a produção brasileira deve ser elevada em 25%, enquanto a produção dos Estados Unidos deve recuar.
- Haverá uma expansão maior nos preços do etanol na próxima década, devido à recuperação nos preços do barril do petróleo.

BIOMASSA DE CANA: ETANOL 2G E BIOELETRICIDADE



ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

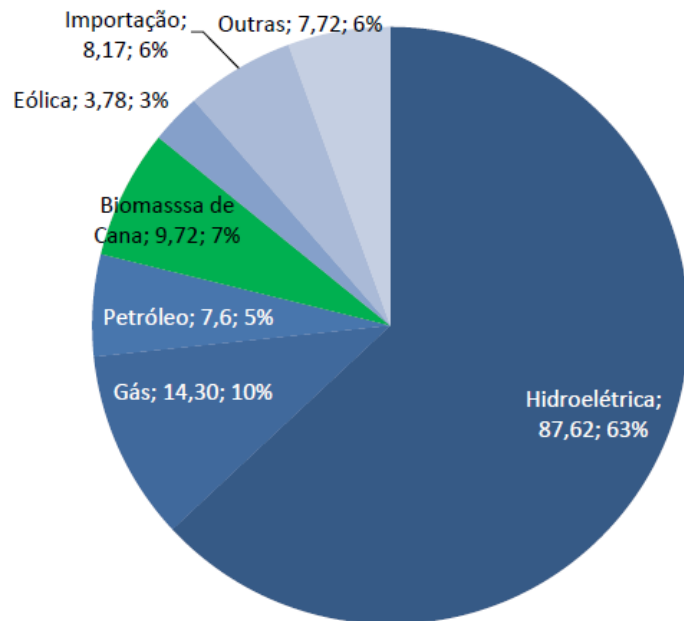


2 MERCADOS POTENCIAIS

ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

- As biomassas de cana-de-açúcar apresentam papel estratégico na segurança energética do país e seu potencial tem sido subutilizado, especialmente no que diz respeito ao aproveitamento da palha.
- Há gargalos setoriais e de investimentos em tecnologia para o melhor aproveitamento da palha, expansão do parque cogedor e viabilidade econômica atual da produção de etanol celulósico (2G).
- É necessária previsibilidade a partir de leilões de energia regionalizados, periódicos e típicos as termelétricas a biomassa; políticas públicas para o etanol (considerando suas externalidades positivas); e linhas de financiamentos para estimular o recolhimento e processamento de palha, para ampliação e renovação do parque cogedor e para viabilizar a tecnologia de etanol de segunda geração (2G).
- Uma vantagem do etanol de 2G é que, durante a entressafra (dezembro a abril), as usinas podem continuar operando, já que, ao contrário da cana, bagaço e palha podem ser estocados e processados o ano todo.
- Entre as fontes de biomassas para combustíveis de segunda geração, o mais pesquisado no Brasil é o bagaço.

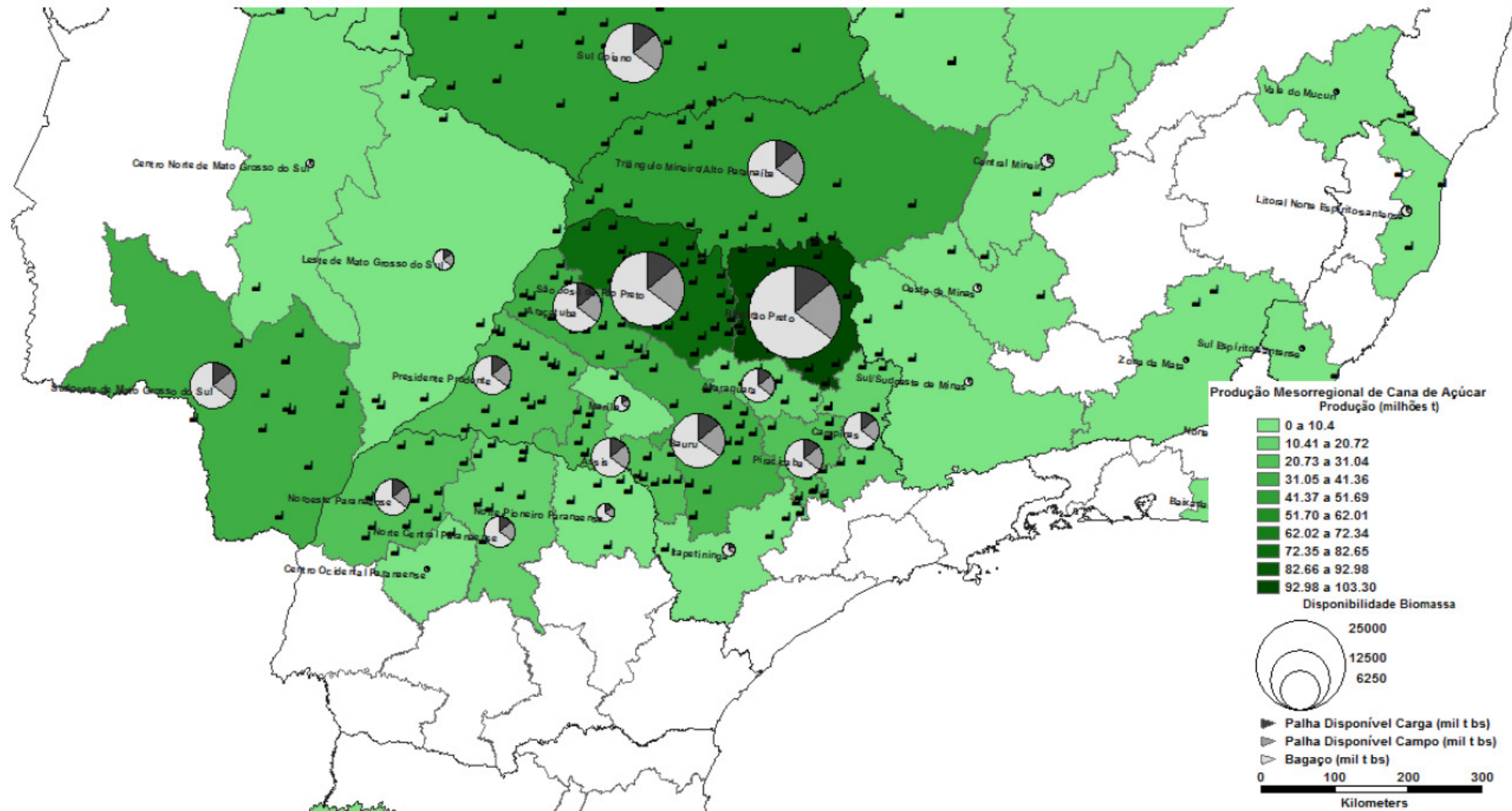
MERCADOS DE ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA



Matriz Energética Brasileira: Potencial de Geração (GW) e Market Share (%)



BIOMASSA: DISPONIBILIDADE NO CENTRO-SUL



ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

- 40% do potencial energético contido na cana-de-açúcar se encontra no material remanescente da colheita (ponteiros, folhas verdes e palhas).
- Atualmente, após a colheita do canavial, a palhada é deixada na superfície do solo visando à proteção contra erosão, fornecimento de nutrientes, dentre outros benefícios.
- Entretanto, o setor deverá retirar esta palhada do campo e destinar à geração de bioenergia e etanol de 2ª geração.
- A palha e o bagaço são partes desvalorizadas da cana, e que, com o processo de enzimas e transformação por hidrólise, podem ser aproveitados para produzir etanol.
- Só com a palha, o ganho para a produção de etanol pode chegar a 40%.
- O aproveitamento da palha deverá ocupar um lugar de destaque como matéria-prima para a produção de etanol – 1 tonelada de palha equivale a 1,2 a até 2,8 EBP (equivalentes barris de petróleo).
- A maior parte das usinas de biomassa produz energia apenas para manter suas operações de açúcar e álcool e somente as grandes usinas comercializam os excedentes.

ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

- O bagaço tem um grande potencial como gerador de energia, mas a decisão do governo de misturar diversas fontes de energia, como eólicas, por exemplo, tira a competitividade das usinas de cana.
- A política do governo de subsidiar o preço da gasolina, além de agravar a crise das usinas, travou projetos em cogeração.
- O etanol de segunda geração deve trazer uma nova onda de expansão no segmento, que perdeu competitividade nos últimos anos, com a política do governo de controle de preços da gasolina.
- O etanol de segunda geração pode ser feito a partir de um processo que transforma a celulose em glicose, usando enzimas especiais, seguidas por um processo de fermentação.
- No ano de 2015, as usinas térmicas movidas à biomassa alcançaram 11.000 MW de capacidade instalada, registro 6% superior quando comparado à capacidade da fonte no ano de 2014.
- Desse total, o bagaço de cana representou 93% de todo o combustível utilizado na produção de energia.

ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

- Na análise de capacidade instalada por estado, São Paulo fechou 2015 com a maior capacidade instalada em usinas movidas à biomassa, um total de 5.112 MW; em seguida, aparece Mato Grosso do Sul com 1.785 MW; e Minas Gerais, com 1.112 MW.
- A produção de bioeletricidade, gerada a partir de biomassa, cresceu 9% em 2015, para 22.572 GWh.
- Desse total, 90%, ou 20,169 GWh, vieram da biomassa de cana.
- A bioeletricidade ficou abaixo apenas da gerada por hidrelétricas e térmicas a gás, mas neste ano pode perder a 3ª posição para a eólica.
- Em 2015, a energia produzida a partir de biomassa contribuiu para atender 10 milhões de residências no País, reduziu as emissões de gás carbônico em 8,6 milhões de toneladas e poupou 14% da água em reservatórios do Sudeste e Centro-Oeste.
- O volume de bioeletricidade oferecida ao sistema nacional pode aumentar em até oito vezes até 2024, se o governo promover leilões de energia voltados à biomassa com preços mais competitivos.

ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

- Os leilões são fundamentais, porque dão previsibilidade para o contratante, o contratado e o financiador, estimulando o investimento.
- Os leilões asseguram demanda e proporcionam melhores condições de comercialização - a venda para as distribuidoras é feita em até 25 anos (A-5), o produto é reajustado pelo IPCA e há baixo risco de crédito.
- Além disso, os contratos de longo prazo contribuem para as garantias necessárias à obtenção de financiamentos no mercado.
- O primeiro leilão de biomassa foi realizado em 2008, com 31 propostas que totalizaram 541 MW.
- Desde então foram feitos, em média, dois leilões por ano.
- No ano passado, o governo promoveu três leilões de biomassa, com participação de três projetos e oferta total de 52 MW.
- Os preços, entretanto, variaram de R\$ 215 a R\$ 281 por MWh.
- No entanto, há imperfeições no modelo de leilões, já que o preço tem sido praticado aquém do potencial e essa oscilação em um mesmo ano prejudica a previsibilidade.

ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

- Valores mais atrativos poderiam compensar o número reduzido de leilões de biomassa e incentivar a participação do setor.
- Na defesa da bioeletricidade, o segmento de cana destaca que o maior uso ajudaria o Brasil a cumprir as metas traçadas na COP21, em Paris, para redução das emissões de gases do efeito estufa (GEEs).
- Na COP21, o Brasil se comprometeu a elevar a fatia de energias renováveis de 10% para 23% da matriz energética até 2030.
- Atualmente, o setor sucroenergético responde por 80% desse tipo de geração, mas apenas metade das usinas de cana do Brasil exportam energia para a rede.
- Em 2015, a oferta de energia obtida a partir da biomassa teve crescimento estimado de 7%.
- O Brasil é hoje o país com maior capacidade instalada de geração de eletricidade a partir da biomassa, com 15,3% do total mundial, de acordo com dados da International Renewable Energy (Irena).
- Atrás vêm Estados Unidos (13,6%), China (11,8%), Índia (6,2%) e Japão (5%).

ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

- Considerado uma das 5 maiores potências no desenvolvimento do biocombustível de 2ª geração (2G) e único país sul-americano a investir neste tipo de tecnologia, o Brasil tem capacidade para produzir 10 bilhões de litros de etanol 2G até 2025, desde que hajam investimentos na adaptação e construção de novas unidades industriais e um ambiente regulatório ajustado às circunstâncias e necessidades deste segmento.
- No caso do Brasil, que terá de cortar 37% das emissões de GEEs até 2025, a participação do etanol carburante e demais biomassas derivadas da cana na matriz energética deverá saltar dos atuais 16% para 18%, o que exigirá produção de 50 bilhões de litros até 2025.
- Na próxima década, a marca de 10 bilhões de litros de etanol 2G só será atingida se houver expansão na moagem de cana, modernização e integração das produções de etanol 1G e 2G nas usinas existentes, além da construção anual de 10 unidades exclusivamente voltadas ao biocombustível celulósico a partir de 2020.
- No curto-prazo (2016-2025), somente com o retrofit em 81 plantas em operação, com capacidade de moagem de 275 milhões de toneladas por ano, seriam produzidos 5 bilhões de litros de etanol 2G até 2025.

ENERGIA DE BIOMASSA DE CANA

- Outros 1,5 bilhão de litros adviriam de um acréscimo na moagem de 100 milhões de toneladas de cana, volume facilmente alcançável por 80% das empresas do segmento.
- A inauguração de 10 unidades a partir de 2020, quando novas variedades de cana poderão aumentar o rendimento do etanol para até 19 mil litros por hectares, culminará, após cinco anos, em uma produção total de 3,5 bilhões de litros.
- Somadas todas estas ações, o Brasil atingiria o volume de 10 bilhões de litros de etanol celulósico até 2025.
- Em termos de capacidade instalada, o mercado mundial de etanol celulósico é liderado pelos Estados Unidos, que possui 34% de participação (490,37 milhões de litros), seguido pela China, com 24% (340,19 milhões de litros); Canadá, com 21% (303,45 milhões de litros), Brasil, com 12% (177,34 milhões de litros) e União Europeia, que detém 9% (130,83 milhões de litros). No total para o ano de 2015, somam-se 1,4 bilhão de litros.

USINAS: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017 E CENÁRIOS DE LONGO PRAZO



BRASIL: POSIÇÃO NOS RANKINGS MUNDIAIS DE PRODUÇÃO E EXPORTAÇÕES E PARTICIPAÇÃO NO COMÉRCIO GLOBAL – 2016

<u>COMMODITY</u>	<u>PRODUÇÃO</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>	<u>% DAS EXPORTAÇÕES</u>
SOJA	2º	1º	40,5%
MILHO	3º	2º	25,2%
CAFÉ	1º	1º	28,2%
AÇÚCAR	1º	1º	47,5%
ETANOL	2º	2º	2,5%
SUCO LARANJA	1º	1º	80,5%
ALGODÃO	5º	3º	11,1%
ARROZ	9º	7º	2,2%
CARNE BOVINA	2º	1º	20,9%
CARNE FRANGO	2º	1º	41,7%
CARNE SUÍNA	4º	4º	8,0%

USINAS: PERFIL E CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- A quantidade de usinas fechadas no Brasil por conta de dificuldades financeiras é de 93 unidades entre 2008 e 2015.
- Juntas elas representam perda de capacidade de processamento de 80 milhões de toneladas de cana.
- Desse total, 72 usinas fecharam no Centro-Sul, com perda de capacidade de moagem de 73 milhões de toneladas.
- As outras 21 unidades que encerraram as operações no período ficam na região Norte-Nordeste, reduzindo a capacidade de processamento em 15 milhões de toneladas.
- O Brasil tem hoje capacidade instalada para processar 700 milhões de toneladas de cana por safra.
- A entrada dos estrangeiros no setor começou no ano 2000 e se intensificou entre 2007 e 2009, quando boa parte das usinas nacionais estava altamente endividada, por causa da expansão de capacidade realizada nos anos anteriores.
- O restabelecimento sustentável do setor depende da definição do seu papel na matriz energética e na tributação de derivados do petróleo.

USINAS: PERFIL E CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- A escalada do dólar ante o Real, para o patamar de R\$ 4 no segundo semestre de 2015, fez a dívida do setor sucroenergético brasileiro crescer demais.
- As usinas estão expostas à moeda norte-americana em 42% do endividamento, segundo dados do Itaú BBA.
- Ao fim do ciclo 2014/2015, em 31 de março, a dívida das usinas era da ordem de R\$ 57 bilhões no Centro-Sul do País.
- Contudo, o dólar fortalecido ajuda nas receitas com exportação de açúcar, sendo uma variável ruim no curto prazo, mas favorável no médio e longo prazo.
- Com relação às condições dos canaviais, os grandes grupos estão fazendo renovação dentro de patamares recomendados para o ano, mas os menores e mais fragilizados, não estão.
- Nesta safra 2016/2017, temos uma ampliação da heterogeneidade dos canaviais e uma disparidade entre produção dos grandes e dos pequenos grupos empresariais.

USINAS: PERFIL E CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- Das 93 usinas paralisadas entre 2008 e 2015, 47 estão em recuperação judicial, sendo que há 24 unidades que estão em recuperação judicial, mas que ainda estão em operação.
- A dívida por tonelada de cana processada avançou de uma média de R\$ 105 em 2014 para R\$ 118 em 2015, a partir de uma avaliação no setor feita pelo Itaú BBA, com dados de 65 grupos, que respondem por 72% da moagem do Centro-Sul.
- O etanol e a bioenergia devem comandar a retomada do setor e o cenário futuro é favorável também à retomada na consolidação de usinas e à volta de grupos estrangeiros.
- No entanto, esses grupos estrangeiros devem formar parcerias com companhias nacionais nos possíveis futuros investimentos em açúcar, etanol (anidro e hidratado) e bioenergia.
- No caso do açúcar, o ciclo de queda dos preços mostra sinais de que está realmente se encerrando, pois a produção global de açúcar deve deixar de atender à demanda, gerando déficits já em 2016 e um ainda maior em 2017, podendo retomar o equilíbrio somente a partir de 2018.

USINAS: PERFIL E CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- Ainda vai demorar vários anos para restaurar um perfil de idade mais ideal dos canaviais.
- No entanto, o Brasil, especialmente no Centro-Sul, mantém vantagens de custo das grandes usinas e dos longos períodos de esmagamento.
- A Secretaria de Petróleo, Gás Natural, e Combustíveis Renováveis do Ministério das Minas e Energia, afirma que o governo espera ter, até dezembro deste ano, a orientação e a diretriz para criar um marco regulatório para o setor sucroenergético.
- Um marco com a definição do papel, no longo prazo, do etanol e da energia elétrica na matriz energética é a principal demanda do setor e é tratado com um divisor de águas para o retorno dos investimentos em novas usinas.
- Dentre essas regras, se destacam o planejamento de longo prazo e os leilões separadamente e geograficamente para a bioenergia.
- O objetivo é a convergência de políticas e orientações estratégicas ao setor e há uma "janela de oportunidade" entre o fim das eleições municipais deste ano e as de 2018 que facilitam mudanças em leis.

USINAS: PERFIL E CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- Independentemente do governo no comando do País, o retorno dos investimentos para novas usinas e destilarias depende da construção de uma política de longo prazo ao setor sucroenergético.
- O governo precisa definir a política de longo prazo, com credibilidade e previsibilidade, para a volta dos investimentos.
- Não é com a parte industrial que existe hoje que será possível atingir a meta de crescimento na produção de etanol, em 50 bilhões de litros.
- Apesar do cenário positivo para o açúcar e o etanol, os novos investimentos no setor sucroenergético no Brasil só virão com a criação de regras claras para o combustível e ainda com a definição de políticas fiscais federal e estadual.
- Os investimentos só voltarão quando estiver clara a definição da regra de competitividade entre etanol e gasolina e ainda qual será a regra seguida pela Petrobras para o preço da gasolina na refinaria.
- Não existe ainda uma clareza da política fiscal, federal e estadual.
- Enquanto essa política não ficar conhecida e definida de forma transparente, não haverá segurança para a retomada de investimentos.

USINAS: PERFIL E CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- Até que essas regras não sejam definidas, os investimentos para o setor serão destinados para o aumento da capacidade de moagem e para a produção de açúcar, etanol anidro e ainda mecanização nas lavouras.
- O nível médio de alavancagem do setor sucroalcooleiro do Brasil deve aumentar 9% na safra 2016/2017, iniciada em abril, passando de 4,3 vezes no ciclo anterior para 4,7 vezes agora.
- O mesmo deve ocorrer com a relação entre dívida líquida e tonelada de cana-de-açúcar processada.
- Na temporada vigente, o endividamento líquido das indústrias por tonelada de matéria-prima moída tende a atingir R\$ 148,00, superando em 11% os R\$ 133,00 do ano anterior.
- Quanto à situação financeira dos 65 grupos sucroenergéticos que, juntos, respondem por 80% de toda a safra do Centro-Sul do Brasil, em 2015/2016, 17 deles estavam bem estruturados e somavam moagem de 205 milhões de toneladas.
- Outros 21 (121 milhões de toneladas) estavam em processo de desalavancagem e 12 ainda apresentavam alavancagem elevada.

USINAS: PERFIL E CENÁRIOS DE LONGO PRAZO

- Durante o ciclo de expansão do segmento, entre 2005 e 2010, foram adicionadas 241 milhões de toneladas de capacidade de moagem.
- Já entre 2011 e 2015, período marcado pela crise do setor, houve decréscimo de 61 milhões de toneladas.
- A reestruturação do setor sucroenergético nacional, após anos de crise, deve seguir uma sequência de etapas que não tem a expansão de capacidade de produção como uma das prioridades.
- O setor tende a passar por uma rodada de fusões e aquisições e também de investimentos em cogeração de energia elétrica antes de trabalhar em expansão de capacidade instalada.
- Empresas estão focadas no pagamento da dívida, na redução dos níveis de alavancagem e na geração de caixa antes de considerar a expansão.
- A capacidade do Brasil de expandir a produção está sendo limitada em um momento em que se projetam déficits mundiais de produção por três safras seguidas.
- Mesmo com os aumentos recentes de preços, ainda há uma forte lembrança da crise provocada pelo investimento excessivo nesse setor.

CANA-DE-AÇÚCAR: COLHEIA MECANIZADA NA REGIÃO CENTRO-SUL DO BRASIL - % DA ÁREA - 2015



Fonte: CTC

CANA-DE-AÇÚCAR: COLHEITA NA REGIÃO CENTRO-SUL

PERCENTUAL DA ÁREA COLHIDA

ANO SAFRA	ANO COLHEITA	COLHEITA MECANIZADA	COLHEITA MANUAL
2003/2004	2003	33,0%	67,0%
2004/2005	2004	34,0%	66,0%
2005/2006	2005	34,7%	65,3%
2006/2007	2006	36,7%	63,3%
2007/2008	2007	42,8%	57,2%
2008/2009	2008	53,4%	46,6%
2009/2010	2009	60,1%	39,9%
2010/2011	2010	72,8%	27,2%
2011/2012	2011	79,2%	20,8%
2012/2013	2012	85,1%	14,9%
2013/2014	2013	88,2%	11,8%
2014/2015	2014	88,9%	11,1%
2015/2016	2015	93,2%	6,8%

Fonte: CTC - Centro de Tecnologia Canavieira

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

www.carloscogo.com.br

consultoria@carloscogo.com.br

Fone: +55 51 32481117

Cel: +55 51 99867666



Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica



[@carloscogo](https://twitter.com/carloscogo)